

# MEMÓRIAS DE PADRE VÍTOR

Ana Paula Cazetta

Espírito de Padre Vítor Coelho



# **MEMÓRIAS DE PADRE VÍTOR**

(Obra mediúnica)

Ana Paula Cazetta

Espírito de Padre Vítor Coelho

2016

# MEMÓRIAS DE PADRE VÍTOR

(Obra mediúnica)

Ana Paula Cazetta

Espírito de Padre Vítor Coelho

Data da publicação: 18 de abril de 2016

CAPA: Giovani de Toledo Viecili  
REVISÃO: Eunice de Oliveira Cazetta  
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador  
Rua Senador Souza Naves, 2245  
CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000  
[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)  
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

C621m

Coelho, Vitor Padre (Espírito).

Memórias de Padre Vítor: obra mediúnica ditada pelo espírito de Padre Vitor Coelho; psicografada por Ana Paula Cazetta; revisão: Eunice de Oliveira Cazetta; capa de Giovani de Toledo Viecili. Londrina, PR : EVOC, 2016.

212 p.

1. Espiritismo. 2. Literatura espírita. 3. Obras psicografadas. 4. Coelho, Vitor (Padre) - biografia. I. Cazetta, Ana Paula, 1964-. II. Cazetta, Eunice de Oliveira. III. Viecili, Giovani de Toledo. IV. Título.

CDD 133.93  
19.ed.

## Sumário

Ao Leitor, 6
Prólogo, 7
À guisa de prefácio, 9
Duas palavras sobre a médium e o autor espiritual, 12
Introdução, 14

### Primeira Parte

#### **Reminiscências de uma jornada terrena**

Capítulo 1 – Porto de Santo Antônio, 17
Capítulo 2 – Correspondências, 22
Capítulo 3 – O sacerdócio, 29
Capítulo 4 – O Espiritismo no Porto, 33
Capítulo 5 – O trabalho continua, 38
Capítulo 6 – Anita, 44
Capítulo 7 – A desencarnação de Anita, 50
Capítulo 8 – A vida sem Anita, 54
Capítulo 9 – Um homem obstinado, 56
Capítulo 10 – A visita de uma velha amiga, 63
Capítulo 11 – A dureza das provas e sua utilidade, 65
Capítulo 12 – Tobias, 67
Capítulo 13 – A lição das flores, 69
Capítulo 14 – Rosarinha e o inimigo do passado, 71
Capítulo 15 – Moisés, 74
Capítulo 16 – A mais infeliz das criaturas, 76
Capítulo 17 – A menina enjeitada, 78
Capítulo 18 – Podemos servir a Jesus em qualquer lugar, 82
Capítulo 19 – A falsa dama da caridade, 85
Capítulo 20 – Marta, a vidente menina, 87
Capítulo 21 – Uma vítima de uma paixão doentia, 89
Capítulo 22 – Rumo à pátria espiritual, 91
Capítulo 23 – Ações na espiritualidade, 93
Capítulo 24 – Leonora, 97
Capítulo 25 – Mariana, 99

- Capítulo 26 – A freira solitária, 102
- Capítulo 27 – A menina Maria, 105
- Capítulo 28 – A volta da *bruxa*, 108
- Capítulo 29 – Maria Eulina, 110
- Capítulo 30 – Elias e as *graças* recebidas, 112
- Capítulo 31 – Lúcia, 114
- Capítulo 32 – A andarilha adormecida, 116
- Capítulo 33 – Elisa, 118
- Capítulo 34 – Juliana, 120
- Capítulo 35 – Mais uma lição de Tobias, 122
- Capítulo 36 – De volta ao passado, 124
- Capítulo 37 – Recordações, 126
- Capítulo 38 – Reencontro com Joana, 129
- Capítulo 39 – O retorno de Joana, 133
- Capítulo 40 – Despedidas, 135

## Segunda Parte

### **Mensagens e advertências *post-mortem***

- Capítulo 1 – Recomeçar, 137
- Capítulo 2 – A necessidade de servir, 139
- Capítulo 3 – Compromisso carnal, 141
- Capítulo 4 – Nos momentos de desânimo, 143
- Capítulo 5 – Reencontros, 145
- Capítulo 6 – Dificuldades a vencer, 147
- Capítulo 7 – Reflexões, 149
- Capítulo 8 – Considerações íntimas, 151
- Capítulo 9 – Sol nas almas, 153
- Capítulo 10 – Não há dor que sempre dure, 155
- Capítulo 11 – Contratempos, 157
- Capítulo 12 – Reeducação é imperioso, 158
- Capítulo 13 – Respostas difíceis, 160
- Capítulo 14 – As amarras do passado, 162
- Capítulo 15 – Ponderações, 164
- Capítulo 16 – Confissões, 166
- Capítulo 17 – Deus, 168
- Capítulo 18 – O valor do esforço, 169

- Capítulo 19 – Confiança no Senhor, 171  
Capítulo 20 – Não estamos em férias, 173  
Capítulo 21 – Mantenhamos a fé sempre, 175  
Capítulo 22 – A vida é sempre preciosa, 176  
Capítulo 23 – Dificuldades da parentela, 178  
Capítulo 24 – A um irmão que me pede auxílio, 180  
Capítulo 25 – A vida é plena de oportunidades, 182  
Capítulo 26 – Conselhos, 184  
Capítulo 27 – A fé é prática diária, 186  
Capítulo 28 – Sempre é tempo de renovação, 188  
Capítulo 29 – Ante as inquietações da alma, 190  
Capítulo 30 – O caminho dos vícios é tentador, 192  
Capítulo 31 – Os obstáculos que criamos, 194  
Capítulo 32 – Sem luta e sem esforço não se avança, 196  
Capítulo 33 – Como os Espíritos nos ajudam, 198  
Capítulo 34 – É preciso revestir a vida de alegria, 201  
Capítulo 35 – Despertemos enquanto é tempo, 203

### Terceira Parte

#### **Notas biográficas e apontamentos diversos**

1. Dados biográficos do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, 205
2. Abel Gomes, sua vida e sua obra, 207
3. A médium Anita Borela de Oliveira, 209
4. Breve histórico da Fundação Espírita Abel Gomes, 211

## **Ao Leitor**

Lançado originalmente em novembro de 2001, **Memórias de Padre Vítor** foi o primeiro livro publicado pela Editora Leopoldo Machado, que o reeditou. Ambas as edições se encontram esgotadas.

Esta edição, providenciada tão somente a atualização ortográfica, é idêntica à segunda, mas surge exclusivamente no formato digital, também conhecido como livro virtual, eletrônico ou e-book.

Publicado nesta data – 18 de abril – que é tão cara aos espiritistas do mundo todo, este livro assinala o terceiro aniversário da EVOC – Editora Virtual O Consolador, cujo primeiro lançamento ocorreu em 18 de abril de 2013.

Londrina, 18 de abril de 2016

Os editores

## Prólogo

Lançado em novembro de 2001, **Memórias de Padre Vítor** foi o primeiro livro publicado pela Editora Leopoldo Machado.

Bastante apreciada por todos os que a leram, fatos curiosos relacionados com esta obra ocorreram em diversos lugares aonde chegou sua primeira versão. O motivo disso foi, sem dúvida, a lembrança carinhosa que muitas pessoas, especialmente os profíctentes do Catolicismo, conservam do Padre Vítor e da sua palavra vigorosa veiculada diariamente pelas ondas hertzianas da Rádio Aparecida, que ele ajudou a fundar e à qual serviu por 36 anos seguidos.

Para não cansar o leitor, faremos menção tão somente de um desses fatos.

Oriunda da cidade de Salto (SP), chegou à Fundação Espírita Abel Gomes, instituição situada no município de Astolfo Dutra (MG), uma carta datada de 13-8-2003, na qual o missivista escreveu o seguinte:

*"Prezados Amigos.*

*Sirvo-me da presente para dizer-lhes de minha satisfação em escrever-lhes e de minha vontade de conhecê-los pessoalmente.*

*Conheci alguns membros dessa Fundação através da leitura do livro Memórias de Padre Vítor.*

*O motivo de escrever-lhes é que a médium D. Anita Borela de Oliveira me impressionou muito, pela dedicação e amor ao próximo.*

*Eu, já há nove anos, passo por uma depressão de que, embora me tratando clinicamente todos esses anos, não consigo me livrar. Tira-me todo o prazer da vida e muitas vezes penso em suicídio. Fui operado do coração em 1987 e 2002.*

*Não querendo abusar dos senhores e senhoras, rogo que durante as sessões peçam em meu nome ao Espírito de D. Anita que me ajude a sair desse mal.*

*Meus dados pessoais: Chamo-me (...), aposentado, 63 anos, casado, três filhas: duas casadas, uma solteira. Meu endereço: (...) – Salto – Estado de São Paulo – CEP 13329-230.*

*Contando com a ajuda dos senhores e senhoras, me despeço agradecido, pedindo a Deus que muito os abençoe.*"<sup>(1)</sup>

Observe o leitor como é importante a divulgação dos ensinamentos espíritas, porque foi exatamente isso que se deu: uma obra publicada no Paraná fez com que um leitor situado no interior de outro Estado tivesse acesso à informação de que é possível contarmos com a assistência dos bons Espíritos e adquirisse, em consequência, a esperança de obtenção da cura para o seu mal.

O inusitado do caso não se limita, porém, a isso. Logo que chegou à Fundação, a carta foi ter às mãos de Arthur Bernardes de Oliveira, um dos filhos de Anita Borela, que dispõe de uma reunião semanal própria para atendimento de solicitações dessa natureza.

Dessa forma, já no dia 28 de agosto, o nome do missivista foi incluído na lista de vibrações da equipe mediúnica e, ao fim da reunião, manifestou-se um amigo espiritual do solicitante, o qual forneceu diversos esclarecimentos acerca do caso e deu a entender que aquele que solicitara ajuda seria atendido.

A presente edição de **Memórias de Padre Vítor**, mantida a estrutura da primeira, além de revisada e corrigida, apresenta-nos 25 novos capítulos.

A primeira parte – reminiscências de uma jornada terrena – compõe-se agora de 40 capítulos. Foram, portanto, acrescentadas pelo autor 15 interessantes histórias, algumas delas relacionadas com a tarefa exercida em Aparecida pelo Padre Vítor e outras relativas a fatos ocorridos no plano espiritual depois da sua desencarnação.

A segunda parte, composta de mensagens e advertências *post mortem*, contém agora 35 capítulos, que, como observou uma confreira de Londrina, constituem excelente matéria para reflexão e utilização nos chamados cultos do Evangelho no lar, uma prática que os espíritas conhecem bem e cujo valor é destacado pelos mais importantes estudiosos do Espiritismo.

---

<sup>1</sup> O nome e o endereço do missivista foram propositadamente omitidos, em face das informações de natureza pessoal contidas na carta. (Nota da Editora.)

## À guisa de prefácio

Depois de muitas décadas de perseguições e intolerância, não só na Europa, mas especialmente no Brasil, tem ficado muito claro, sobretudo a partir do advento do movimento carismático católico, que o Catolicismo vem-se aproximando bastante dos ensinamentos veiculados desde 1857 pela Doutrina Espírita, uma realidade que nem mesmo o frei Boaventura Kloppenburg, o mais ferrenho adversário do Espiritismo no Brasil, ousa negar.

Alguns fatos recentes apoiam essa afirmativa.

Em primeiro lugar, a entrevista que, em novembro de 1997, o padre Gino Concetti, comentarista do *Osservatore Romano*, órgão oficial do Vaticano, concedeu à agência de notícias Ansa, na qual tornou pública a nova postura da Igreja com relação à mediunidade e às relações entre nós e os *mortos*. Como foi amplamente divulgado na ocasião, a Igreja não só admite a comunicação com os falecidos, como reconhece que ter um contato com a alma dos entes queridos que já partiram para o Além pode aliviar os que tenham, porventura, ficado perturbados com esse transe.

Eis alguns tópicos da citada entrevista:

### – O que significa essa nova postura?

**Gino Concetti:** “Segundo o catecismo moderno, Deus permite aos nossos caros defuntos que vivem na dimensão ultraterrestre enviar mensagens para nos guiar em certos momentos da vida. Após as novas descobertas no domínio da psicologia sobre o paranormal, a Igreja decidiu não mais proibir as experiências do diálogo com os falecidos, sob a condição de que elas sejam levadas com uma finalidade séria, religiosa e científica.”

### – Para interpretar esses fenômenos, a Igreja lhes permite recorrerem aos chamados sensitivos e aos médiuns?

**Gino Concetti:** “Sim, a Igreja permite recorrer a essas pessoas particulares, mas com uma grande prudência e sob certas condições. Os sensitivos aos quais se pode pedir assistência devem ser pessoas que levem suas experiências, mesmo aquelas com técnicas modernas, inspirando-se na fé. Se essas últimas forem padres, será ainda melhor. A Igreja interdita todos os contatos dos fiéis com aqueles que se comunicam com o Mais Além praticando a idolatria, a evocação

dos mortos, a necromancia, a superstição e o esoterismo. Todas as práticas ocultas que incitem à negação de Deus e dos sacramentos.”

– **Com que motivações um fiel pode encetar um diálogo com os falecidos?**

**Gino Concetti:** “É necessário não se aproximar muito do diálogo com eles, a não ser nas situações de grande necessidade. Alguém que perdeu, em circunstâncias trágicas, familiares e não se resigna com a ideia de seu desaparecimento. Ter um contato com a alma de tais entes queridos pode aliviar um Espírito perturbado por esse drama. Pode-se igualmente dirigir-se aos falecidos, se se tem necessidade de resolver um grave problema de vida. Nossos antepassados, em geral, nos ajudam e nunca nos enviarão mensagens contra nós mesmos ou contra Deus.”

– **Que atitudes convém evitar durante os contatos mediúnicos?**

**Gino Concetti:** “Não se pode brincar com as almas dos falecidos. Não se pode evocá-las por motivos fúteis, para obter, por exemplo, um número de sorteio. Convém também ter grande discernimento a respeito dos sinais do Mais Além e não muito enfatizá-los. Arriscar-se-ia a cair na mais suspeita e excessiva credulidade. Antes de mais nada, não se pode abordar o fenômeno da mediunidade sem a força da fé. Arriscar-se-ia a perder o equilíbrio psíquico e mergulhar inteiramente na possessão demoníaca.”

Diante dessas palavras, não surpreende a ninguém que o frei Boaventura Kloppenburg tenha escrito em seu livro *"Espiritismo e Fé"*, págs. 5 e 6, que, tal como os espiritistas, os católicos **aditem:**

a) que os falecidos não rompem seus laços com os que ainda vivem na Terra;

b) que eles podem, portanto, nos socorrer e ajudar;

c) que os Espíritos desencarnados podem manifestar-se ou comunicar-se perceptivelmente conosco;

d) que tais manifestações podem ser de dois tipos: espontâneas e provocadas. As espontâneas são as que têm sua origem ou iniciativa no Além, como a do anjo Gabriel (Lucas, 1:26-38). As provocadas são as que têm sua iniciativa no mundo físico, como, por exemplo, o caso do rei Saul, que evocou Samuel por meio da pitonisa de Endor (Samuel, 28:3-25).

O livro que se vai ler foi escrito por um sacerdote querido e conhecido no seio da Igreja, o Padre Vítor Coelho, que, além das qualidades que exornam o seu caráter, era dotado da faculdade de ver e ouvir os Espíritos dos chamados *mortos* e entreter-se com eles.

Assim como se deu com outro sacerdote famoso, o Padre Germano, autor de um dos clássicos da literatura mediúnica, Padre Vítor Coelho cultivou as faculdades que Deus lhe outorgou e as utilizou para a prática do bem e da caridade.

Certamente, se ele estivesse começando hoje o seu sacerdócio, não precisaria ocultar de ninguém as cartas e as conversas mantidas com Abel Gomes e agiria como o Padre Miguel Martins, da Igreja Santa Filomena, de Sobradinho (DF), o qual se vale da mediunidade para realizar curas e confortar as pessoas que de todos os cantos vão até a sua modesta igreja em busca de amparo e consolo.

*Memórias de Padre Vítor* é, por tudo isso, não só um repositório de reminiscências comoventes, mas um documento importante que comprova que os fatos espíritas são reais e, por isso, jamais mereceram as perseguições e os percalços que pontuaram a marcha do Espiritismo ao longo dos anos.

Londrina, outubro de 2001

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

## **Duas palavras sobre a médium e o autor espiritual**

**Ana Paula Cazetta**, filha de José Jésus Cazetta e Anita de Oliveira Cazetta, nasceu em 22 de setembro de 1964 na cidade de São José do Rio Preto (SP).

Formada em Pedagogia, com especialização em psicopedagogia, é professora aposentada da rede municipal de ensino de sua cidade natal, onde lecionou para a pré-escola e o ensino fundamental.

Neta de Anita Borela de Oliveira, conhecida médium mineira e uma das personagens de *Memórias de Padre Vítor*, Ana Paula participa desde a infância do movimento espírita de sua cidade.

Atualmente ela integra a equipe da Associação de Beneficência "Espírito Consolador", na qual atua como médium psicógrafa e passista e responde pela coordenação das reuniões da Mocidade, além de participar da Diretoria Executiva do Albergue Noturno, instituição vinculada e anexa à mencionada Casa espírita, situada na região central de São José do Rio Preto.

*Memórias de Padre Vítor* marcou sua estreia, como médium psicógrafa, no cenário editorial brasileiro.

\*

**Padre Vítor Coelho de Almeida** nasceu em Sacramento (MG) em 22 de setembro de 1899.

Órfão de mãe aos 8 anos de idade, foi internado em 1911 por seu primo Cônego Vítor no Seminário de Santo Afonso, em Aparecida (SP), embora não desejasse ser padre.

Concluiu seus estudos em junho de 1917, recebendo em agosto do mesmo ano o hábito redentorista. Após o Noviciado, ingressou na Congregação do Santíssimo Redentor em 2 de agosto de 1918.

Ordenado sacerdote em 1923, distinguiu-se como catequista em Aparecida (1924) e Araraquara (1925-1929). De 1930 a 1941 foi zeloso missionário, pregando as chamadas santas missões em São Paulo, Goiás, Minas e Paraná.

Em 1941, no auge da carreira missionária, acometido de tuberculose, retirou-se para o Sanatório da Divina Providência, em Campos do Jordão (SP), onde foi inspirado para tornar-se missionário do povo.

Em 1948, curado, voltou para Aparecida, onde iniciou sua missão carismática de pregador no Santuário e na Rádio de Nossa Senhora Aparecida, até seu falecimento em 21 de julho de 1987.

Objeto de uma extensa reportagem publicada em 7 de abril de 1999 pela revista **Veja**, intitulada "Os santos da nossa casa", Padre Vítor é um dos sacerdotes mais queridos no meio católico brasileiro, a ponto de integrar um dos 35 processos de canonização ora em tramitação no Vaticano.

Este livro foi, no entanto, psicografado antes da citada reportagem, como mostra o texto que ele escreveu a título de introdução, datado de 27 de abril de 1997.

## Introdução

No capítulo 1 de minha jornada terrena, me reporto ao passado distante da minha infância e me vejo doente e frágil conduzido pelas mãos de minha mãe, mística e de uma fé irracional, me levando ao *palácio* do Padre Emílio. Lá, jura ao pé do altar o meu destino religioso e desde então passei a ser preparado para o celibato. Jamais pude olhar uma figura feminina que não fosse de uma santa ou religiosa e, na adolescência, me vi confinado a um seminário que mais parecia uma prisão.

Procurei não me violentar com as falsas situações de amor fraternal e, entre muitos, apenas um grande irmão conheci, um seminarista no verdadeiro sentido da palavra, João Custódio, que, no futuro, foi um grande bispo no Rio de Janeiro. Este me ajudou a fugir das armadilhas e juntos estudávamos as santas escrituras do Velho Testamento. Aprendi rapidamente o latim e o grego e me mantinha meio à sombra, pois todo cuidado era pouco com a fogueira do poder. Acreditava eu ser mesmo esse o caminho a seguir. Lia a vida dos santos e procurava segui-los à risca. Acreditava que os ritos e dogmas eram os que me conduziriam ao encontro do Pai. E na minha ingenuidade, ou talvez devido à redoma na qual cresci, não sabia interpretar o verdadeiro sentido das palavras de Jesus, em tudo encaixando os dogmas e proibições da Igreja.

Via no celibato a coerência, e enxergava nos distorcidos a falta de vocação. Somente no momento da prática me vi na necessidade de questionar, na necessidade de duvidar. Somente lidando com o rebanho me senti um tolo, um fanático. Somente vendo vultos me vi conduzido à solução de minhas crises interiores. Somente conhecendo a Doutrina Espírita passei a compreender quem seria o Espírito da Verdade.

São muitas as histórias e os casos que nesta obra se contêm, mas, ao descortinar o passado não muito remoto, tive o cuidado de mudar algumas referências e nomes, a fim de evitar possíveis dissabores que não nos levariam a nada.

Quero dizer a todos que, sem permissão, não nos é possível produzir nada. Tudo deve ser avalizado pelos nossos superiores. Sou subordi-

nado a alma benemérita, e o projeto a que me propus é feito, em grande parte, com ocultações diversas.

As razões? Muito simples. Não estou aqui para polemizar e trazer à tona brigas da Igreja com o Espiritismo. Não teria cabimento iniciar a história novamente. Não concordam?

Aos que querem saber quem sou ou fui, eis a explicação:

Fui um pequeno servo na Terra de Jesus. Lutei, caí, fui perseguido por falanges espirituais e agraciado pela ajuda do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e de Abel Gomes.

Nunca me senti só na Terra, pois usufruí a bondade e o amor de almas encarnadas e desencarnadas. Nunca deixei de crer na vida após a morte e, muitas vezes, levei o alívio aos corpos doentes e a palavra edificante apenas como médium a serviço de Bezerra de Menezes. Nunca me foi, porém, permitido dizer nada sobre ele ou sobre Abel, que me ajudava nas pregações radiofônicas, mas procurei ser fiel ao nosso pacto.

No dia da minha desencarnação fui acompanhado por Abel, que me chegou dizendo:

– Vem, Vítor, é chegada a hora de tua libertação. Caminhemos agora lado a lado, podemos nos abraçar e seguir pelas mesmas trilhas da redenção.

Abel era jovem então, Dr. Bezerra também e Anita, uma mocinha. Junto a outros amigos espirituais segui atravessando o limite entre a vida física e a vida espiritual. Trabalho junto a eles desde aquele momento, afeiçoando-me a seus familiares e reencontrando em alguns deles almas amadas do meu passado espiritual.

Somos almas interligadas pelas teias reencarnatórias, cuja história daria lindos casos. Quem sabe, se me for permitido, não escreverei “As vidas que já vivi”?

Gostaria apenas de reafirmar, aos que insistem em saber, que Padre Vítor foi alguém como você, como tantos. Um ser em busca de luz que caiu, que se levantou, que sofreu e que com muitas limitações aprendeu a amar com Jesus.

Quem sou hoje? Um semeador, um pequenino auxiliar da legião de Bezerra de Menezes, o *Médico dos Pobres*.

\*

O passo está dado, agradeço ao Dr. Bezerra de Menezes, meu mentor, a Abel Gomes, meu amigo leal, e a meus companheiros Anita, A.O., Amadeu e a tantos outros pelo incentivo.

Fiquem em paz,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 27-4-1997.)*

## Primeira Parte

### REMINISCÊNCIAS DE UMA JORNADA TERRENA

#### 1

#### **Porto de Santo Antônio**

Nas lindas terras mineiras, estava eu nos afazeres rotineiros quando deparei com um paroquiano que me chegou assustado relatando fatos alarmantes. Dizia-me o amigo que em cidade próxima à nossa, na pequena Porto de Santo Antônio, um grande movimento de revolucionários se erguia contra a Igreja. Acrescentou o informante: "São um grupo de pessoas que se dizem espíritas. Padre! Padre! O demônio está tomando conta da cidade! Precisamos ajudá-los. O senhor precisa ir até lá, dar apoio ao pároco!"

Procurei acalmar o amigo e com ele marquei uma visita, lembrando sempre que, por princípio cristão, não deveríamos jogar pedras ou nos meter em vida alheia.

Ao me preparar para a viagem, me recolhi em oração e, tolo que era pela inexperiência, orava a Deus que se apiedasse daquelas ovelhas desgarradas, se de fato fosse verídica a denúncia.

Senti, então, forte envolvimento me tomar o corpo e pela primeira vez vi a figura clara de um homem barbudo, sereno e angelical.

Ele me bateu levemente nos ombros e me disse:

– Ora pelo teu rebanho, não te deixes levar por tua inconsciência, tem em mente a dignidade e, acima de tudo, a humildade. Vai até lá para aprender e não para ensinar. Escuta sem reservas uma pessoa desse movimento e tira depois as conclusões. Ele te falará sobre mim e perceberás a palavra de Deus em suas colocações.

Fiquei qual ser hipnotizado, espantado com aquele fato. Jamais vira tal fenômeno e não conseguia ordenar as ideias em mente.

No dia marcado, segui para Porto de Santo Antônio, e lá o pároco relatou-me em voz de guerra os fatos acontecidos, confirmando que a cidade estava realmente em polvorosa e que o divulgador das novas ideias deveria ser, com certeza, um *enviado* do Diabo.

Na voz do narrador, o líder espírita foi descrito como uma figura assustadora e, curioso que sempre fui, quis logo conhecê-lo.

Quando o vi – uma figura angelical e serena que, sentado, lia calmamente –, ele me olhou e disse:

– Caro Vítor, eu já te aguardava. Bezerra me avisou que estavas a caminho. Senta-te, por obséquio, tenho contas a prestar-te.

Eu obedeci de pronto e o que ouvi me deixou atônito.

Ele disse-me que a figura que eu vira era o Dr. Bezerra de Menezes, que me ajudaria nos sermões e me orientaria no sacerdócio, quando necessário. Falou-me da beleza do mundo espiritual e me disse, ao final de horas de dissertação, que não me queria convertido; ao contrário, que eu me encarregasse de servir junto à Igreja e implantasse um novo rumo ao clero. Acrescentou, por fim, que muitas batalhas seriam ali travadas pela implantação da Doutrina Espírita, mas não me pediu apoio nem respeito, apenas reflexão.

Saí mudo como entrei, e por vários dias fiquei atordoado com o que ouvira, até que, após longo período de silêncio, vi novamente a figura espiritual do Dr. Bezerra e com ele travei longo debate.

– De que dúvidas, Vítor? Não percebes que não existe fim na vida humana? Que todos vamos ao mesmo lugar e para o mesmo objetivo, que é servir e evoluir com Jesus? De que te espantas, Vítor, se o próprio Jesus dizia que há muitos mistérios no céu?

Ainda atônito, não sabia o que dizer. Estaria variando? Como alguém poderia ler meus pensamentos, penetrar meus sentimentos? Caminhava, sacudia a cabeça, esfregava os olhos e via aquele vulto ali, na mesma posição, e percebi que deveria ceder. Observei então que ele emitia luz, sabedoria e paz. Sentei-me calmamente e resolvi dialogar, como se lidasse com um ser como eu, carnal e real:

– Eu não duvido de Jesus, meu amigo; só não compreendo como tu, criatura morta, podes estar aí, na minha frente, como um ser real.

– Meu amigo, tu imaginas então que aquele que morre fica confinado no esquecimento, esperando e recebendo as glórias de pequenas horas de existência? És muito jovem e ingênuo ainda. Acreditas ser possível conquistar um pedaço de luz servindo apenas uma existência? Caberiam nesta mesma existência a inteligência desenvolvida, os benefícios e as conquistas, para tudo depois se apagar e irmos ao paraíso? Seria justo se Deus confinasse, então, os outros, ou melhor, a maioria, que andou na contramão da vida, roubou, matou e feriu

seu próximo? Pensa bem, meu amigo, porque eles ficariam ocupando um espaço maior até que o reservado aos bons.

– Mas, senhor, o inferno não existe?

– Existe dentro de nós: é essa chama que nos impulsiona a não servir, a desejar os bens do próximo, a querer viver de forma irresponsável. É essa imperfeição que mora dentro de nós que vejo como inferno. O inferno somos nós, em nossa infantilidade espiritual, envolvidos na hipocrisia, na falsidade, na mentira.

– Mas Deus fez os seus eleitos e os enviou. Quem são os santos, então?

– Ah! meu filho. Como te enganas! Os santos não são feitos de outra massa. Tu também podes tornar-te santo servindo a Jesus.

– Ah! tu me confundes...

– Vítor, vamos fazer diferente, eu pergunto e tu respondes.

– Como? Se tu perguntas coisas tão difíceis!

– Vamos tentar. Explica-me, de acordo com a tua Igreja: por que existem as diferenças sociais? as doenças fatais? os débeis mentais? a alegria para uns e a tristeza para outros?

– Não posso responder, pois eu não tenho as respostas. São essas as minhas perguntas.

– Meu irmão, compreendes agora que eu estou aqui para te dar essas respostas, para acalmar teu coração aflito e ajudar-te na tua tarefa de luz?

Uma forte emoção me tomou a frente e, de repente, me lembrei de que, quando menino, esse mesmo vulto me visitava e dizia: "Sou teu amigo de outras eras e te ajudarei a servir." Então, como em um filme, lembrei alguns momentos do passado e me pareceu viajar no tempo. Mas ele me deteve.

– Calma, Vítor. Deixa para voitar mais quando estiveres preparado. Receberás em breve uma encomenda de Abel Gomes com um livro, o qual se intitula "O Livro dos Espíritos". Terás dez dias para lê-lo, anotar as dúvidas e remetê-las ao Abel. No prazo final conversaremos sobre elas. Agora devo partir. Fica em paz.

No dia seguinte, sem falta, recebi a encomenda com dedicatória amável dizendo:

*"Tu, meu caro Vítor, tira das chamas da dúvida a luz do esclarecimento. Confia, ora e reflete. Só assim compreenderás o verdadeiro*

*sentido do amor que Jesus declarou, a razão de seres padre, a razão de eu estar no Espiritismo.*

*Com muito apreço, do já amigo estimado,*

*A. G.*

*Com recomendações de Bezerra.”*

Compreendi que não estava louco e a sete chaves mantive a joia ofertada e, no prazo marcado, na calada da noite, recebi os dois amigos.

Abel chegou sorrateiramente pelos fundos da casa paroquial, entrando por uma porta cujo trinco fora levantado, como previamente combinado.

Numa pequena sala confortavelmente organizada nos acomodamos, e ao fitar o amigo já estimado vi-me cercado por vários vultos que aos poucos ficaram nítidos, parecendo-me estarmos todos nós numa grande assembleia.

Abel calmamente me disse:

– Aquieta-te, Vítor. Estes amigos vieram para compartilhar as nossas elucidações e compreenderem conosco as razões da imortalidade.

Senti forte calor nos ombros e percebi a presença amorosa do Dr. Bezerra, que, sorrindo, anunciou:

– A hora é chegada! Iniciemos o que foi combinado.

Abel retirou de uma pasta minha correspondência e disse-me que poderia escrever um livro com tantas dúvidas formuladas. Dividiu-as por temas e, como no livro, reuniu-as por natureza, começando em seguida a explanação:

– Vítor, é preciso entender que o Criador, que nos fez à sua imagem e semelhança, nos deu o livre-arbítrio, ou seja, a liberdade de pensar. Não é difícil compreender, é só mirar os homens. Uns veem na sordidez e no crime o alento de sua existência, outros, mais compreensivos, já conseguem se privar das paixões e seguir com honestidade, com honra e retidão. O que os diferencia é esse livre pensar, que cessa no limite do poder individual. Como sabes, o próprio Direito dos homens estabelece que nossa liberdade cessa quando começa a liberdade do próximo. Deus nos dá liberdade e no-la retira inesperadamente quando não somos dignos dela. Por isso existem pessoas que sofrem encarnações compulsórias. Encarnar-se, ter sucessivas existências na matéria, vivê-las nos mais diferentes lugares e nas

mais variadas condições, eis a forma de alcançar a evolução. As leis de Deus são as leis que nos regem. Compreendes, meu caro irmão, como Deus é democrático e bom? Cai por terra a imagem de Deus todo-poderoso, um ser irado e vingativo. O Deus que nos criou é generoso, maravilhoso, e nos permite aprender com os que já aprenderam, reencontrar pessoas que fizemos sofrer, amar a quem já odiamos, perdoar aos que nos magoaram, rever os que perdemos, reviver o que esquecemos, melhorar o que pioramos. Compreendes, Vítor, que nada é fatal e existe sempre uma nova chance? Compreendes que evoluir requer muitas idas e vindas? Compreendes que os Espíritos nos rodeiam e interferem em nossa vida muito mais do que possamos imaginar?

Minhas lágrimas vertiam de emoção ao contemplar a sabedoria e a serenidade do nobre interlocutor.

– Não tenho – respondi-lhe – palavras que digam o que sinto. Digo-lhes apenas obrigado, obrigado por tê-los comigo. Sinto-me com vontade de arrancar esta batina e segui-los, mas, ao mesmo tempo, me sinto preso a ela por uma força que vem de outro mundo.

Bezerra de Menezes, então, me explicou:

– Pela batina te afundaste, naufragaste, roubaste e pecaste várias vezes. Por ela e através dela cumprirás o teu testemunho de luz. Ajudarás anonimamente os espíritas, intercederás por eles junto ao clero e, com discrição, compartilharás as suas conquistas a distância. Usarás um pseudônimo, José Agripino, para corresponder-te com Abel e Abel será Frei José para corresponder-se contigo. Assim não se levantarão dúvidas jamais. A escrita será cifrada para cá. Abel escreve com mestria e saberás entendê-lo. Nossa ligação vem de longe, Vítor, por isso nos afinamos bem. Agora, meu irmão, estuda muito, lê a Bíblia e encaixa os fatos nos sermões. Da tua boca bons frutos sairão; se falhares não terás mais meu auxílio. Se venceres, serás feliz e nunca estarás só.

Grande emoção me tomou o espírito e compreendi quanto eu era pequeno. E foi a partir daí que me iniciei no Espiritismo, como José Agripino, e observei que, aos poucos, grandes acontecimentos surgiram na pequena cidade de Porto de Santo Antônio, muitos dos quais serão lembrados nestas *Memórias*.

## Correspondências

A correspondência de José Agripino e Frei José corria rapidamente. Frei José envia-me extensa carta cifrada dizendo:

*"Firme nos propósitos de nossa Igreja, vejo meu rebanho se estender. Já converti ovelhas desgarradas que agora falam a língua de Jesus, comunicam-se com as belezas da vida espiritual e continuam as pegadas de Jesus.*

*Paz, irmão, e luz no teu caminho.*

*Frei José."*

Com grande felicidade contemplava as conquistas de Abel, e José Agripino, mais livre, pedia conselhos e orações para amigos em desequilíbrio. Esse intercâmbio me fez sentir na escola novamente, com esse grande professor que, calmamente, me reprisava as lições e me iluminava a existência.

Se quisesse ser um traidor, eu acabaria com o movimento espírita que surgia na pequenina cidade. Sabia-lhe as estratégias, conquistas e pensamentos. Por isso, toda cautela era pouca.

Um belo dia chega-me às mãos um lindo caso de mediunidade. Abel me escreve relatando um caso de materialização que ocorria em Dona Euzébia e sobre o qual havia sido chamado a testemunhar.

Numa fazenda, um empregado italiano, de nome Antônio Calmos <sup>(2)</sup>, analfabeto e com pouco domínio do nosso idioma, estava a recitar, com frequência, versos em português castiço, utilizando forma clássica, pouco conhecida em nosso meio. Com essa linguagem do século XVI, o pavor se instalara no lugarejo. O médium, totalmente inconsciente, não controlava suas ações; o Espírito se apossara totalmente da sua mente e tinha virado sua vida de pernas para o ar. Abel, ao chegar ao local, domina com mestria a alma rebelde e acalma os corações aflitos. Antônio, não compreendendo nada, passa por longo tratamento de luz e, com esforço, procura iniciar-se no campo mediúnico. As paixões são, porém, grandes e ele sucumbe aos apelos

---

<sup>2</sup> O nome aqui adotado é fictício. (Nota do Autor.)

carnais, desencarnando, em seguida, em condições lastimáveis. Os amigos julgaram fosse castigo do Pai e Abel, mais uma vez, usou o verbo e os encaminhou à verdade.

Ser espírita, naquele tempo, era comprar briga e morte. Ser espírita era ser corajoso e plantar o Espiritismo era, acima de tudo, mexer em caixas de marimbondos e obter decepções. Abel consolava-se dizendo que Bezerra anunciara que no momento certo faria com que os menores fenômenos se comprovassem e que grande médium o ajudaria <sup>(3)</sup>.

Os dias corriam calmos na cidade onde eu vivia, mas, no íntimo, estava preocupado com Abel, que havia muito não escrevia.

Tinha-lhe enviado alguns casos ocorridos com meus paroquianos, juntamente com pedidos de conselho assistencial, e nenhuma resposta obtivera.

Limpava o canteiro da horta quando o mensageiro da ferrovia me chega com um pacote nas mãos. Era um livro de Francisco Cândido Xavier, *"Parnaso de Além Túmulo"*, cuidadosamente encapado e rasurado nas descrições de livro espírita, com uma missiva de Frei José:

*"Caro Vítor,*

*Desculpe-me a ausência de notícias, mas tenho estado assoberbado de trabalho nos últimos tempos. A necessidade material me tem sido premente e, como não se vive só do Espírito, peguei muitos encargos de trabalho e escrita fiscal.*

---

<sup>3</sup> Devo lembrar que os fatos narrados nesta obra pertencem a um passado não muito distante, pois se trata da década de 30 (refiro-me ao século XX). Os ânimos dos homens daquela época eram tomados por grandes e ferrenhas emoções. Muitos traziam no íntimo um patriotismo assoberbado, exagerado. As mulheres eram "amélias" recatadas, boas cozinheiras, mães zelosas que não podiam participar das emoções de seus esposos e viviam entre a casa e a igreja. Rezar era como comer, respirar terços e procissões. Era essa a sua vida.

A Igreja Católica comandava os destinos das cidades, da educação, das mulheres e dos homens. O vigário de uma cidade pequena não era o conselheiro, era o comandante e se sentia no direito de fazer e desfazer sonhos e projetos. Os intelectuais da época, influenciados pela Europa, passaram, porém, a questionar isso, o poderio, o comando, e é no meio desse emaranhado que surgiam os fatos espíritas e, como consequência deles, o movimento espírita. Por isso o fervilhar, o despertar para uma nova ordem de coisas. (Nota do Autor.)

*Mas as coisas vão bem no meu rebanho. Tive a confirmação de projetos traçados e já conto com boa equipe de colaboradores. Destaco, hoje, a mediunidade de uma senhora de nome Menina. Você se encantaria com a faculdade mediúnica de tal criatura. Ela se transforma completamente na incorporação, comprovando a sua idoneidade. No papel de condutor, já fiz várias investigações junto a ela e todos os fatos são coerentes e lógicos.*

*Caro irmão, é muito árduo o trabalho com médiuns. Temos que nos preocupar com os cuidados mais simples, os melindres, as vaidades, as obsessões, as fascinações e o poder. É no meio dos mais simples que realizarei meus projetos.*

*Devo afirmar-lhe que tenho estado de olho numa senhora, 'filha de Maria', cristã convicta e pessoa muito caridosa da cidade - D. Anita, esposa daquele meu amigo A.O., do qual já lhe falei e que está quase convertido. Nos últimos dias o presenteei com as obras básicas e aguardo a sua resposta. Sinto que ele será muito mais que um irmão, será um grande divulgador. É homem cultíssimo e acima de qualquer suspeita. Sua esposa é um anjo reencarnado que tudo indica será médium de grandes faculdades e diversidades. Aguardo ansioso o projeto realizado.*

*Quanto às suas perguntas na correspondência passada, você acertou nos diagnósticos. São casos mediúnicos os de Afonso e Henriqueta.*

*Fizemos um trabalho mediúnico e receiptaram, pela mediunidade de D. Menina, muitos passes e água fluidificada. Você pode ministrar o passe a distância, como lhe ensinei. Quanto à água, utilize a água benta e doutrine os Espíritos no terço, na sua casa. Você deve ter imaginação, meu caro Vítor. Aos poucos você incluirá todos os conhecimentos nos sermões. E, além do mais, sua mediunidade é talhada por fluidos magnéticos.*

*Tenha fé, humildade e perseverança.*

*Um abraço afetuoso,*

*Frei José."*

Com emoção li suas linhas carinhosas e segui à risca os conselhos. Durante todas as noites, orava em favor de seus propósitos de luz. Alguns dias depois nova correspondência me chegou às mãos. Era intitulada "A conversão de A.O. à luz do Espiritismo":

"Caro Vítor,

*Quão feliz estou eu ao ver confirmado meu sonho. A.O. não só leu como reviveu tais conhecimentos e me chegou, humildemente, dizendo:*

*– Abel. Oh! Abel, meu estimado amigo. Só tu poderias me presentear com tamanha sabedoria. Só tu poderias me aliviar o fardo de dor que trago de infância sofrida de rejeição e abandono de amor. Só tu para me fazer ver no meio da tempestade de meus desenganos que preciso pôr um freio no meu egoísmo e servir. Tu bem sabes do meu amor à política e às causas sociais. Se eu te servir de ajuda, quero junto a ti empunhar esta bandeira e lutaremos pela iluminação de nossos semelhantes. A partir de hoje, serei teu companheiro de luta e caminhada.*

*Ah! Vítor, tu não imaginas a minha emoção e alegria. A partir de então A.O. passou a ser o que se pode chamar de irmão.*

*Muita luz a ti,*

*Frei José."*

Com o auxílio de A.O. e de Amadeu Santos, espírita já convertido anteriormente, Abel passa a estudar os casos mais profundamente. Em recente correspondência, me relatava ele o caso da senhora Nina <sup>(4)</sup>. Essa senhora era reservada e de modos finos, de família abastada e nobre. Viajara na infância por países europeus e, nova ainda, casara-se com abastado fazendeiro da região. Começou a realizar fenômenos de materialização, enlouquecendo de aflição esposo e pais. Materializava objetos antigos, objetos de senzala, como chicote, pedaços de tronco, correntes. Amanhecia com coisas estranhas na cama. Abel foi chamado ao local e junto dos dois companheiros realizou pesquisa vasta. Comprovou desse modo a ocorrência de mediunidade, porquanto tais objetos nada tinham a ver com o meio onde vivia a senhora. Não havia nenhum registro no local de ter existido ali senzala ou algo parecido. Tratava-se de terra nova, a fazenda era recente.

Em sessão mediúnica realizada na casa de Abel, constatou-se por intermédio de D. Menina tratar-se de materialização de objetos e, ao mesmo tempo, de um processo obsessivo. Nina havia sido, no passado, ferrenha escravagista e trazia consigo inimigos pertinazes. Com

---

<sup>4</sup> O nome verdadeiro da senhora foi aqui alterado. (Nota do Autor.)

afinco o grupo espírita procurou auxiliá-los e doutriná-los. E foi por ocasião desse trabalho que Abel viu nascer em A.O. grande capacidade de doutrinação. Disse-me ele que o citado amigo, numa sessão de desobsessão, usou de firmeza e clareza com os Espíritos perseguidores de Nina e os chamou à razão. Dotado de grande magnetismo e integridade moral, tornou-se aos poucos autoridade respeitada pelos Espíritos em questão. Abel a tudo via com satisfação, porque sabia que breve regressaria ao plano espiritual e necessitaria, antes disso, plantar com muita lógica a bandeira do Espiritismo na pequena cidade.

A.O. reunia grandes qualidades não só de doutrinador, como de expositor e escritor. Fundou o primeiro jornal espírita da região, o "*Arauto da Fé*", falou para pequenas e grandes plateias, mas tinha grande aversão pela Igreja Católica e por seus representantes, razão pela qual nunca, durante sua existência corpórea, soube de nosso contato tão estreito. Ele sabia que Abel correspondia-se com José Agripino e, após a morte de Abel, nunca mais teria notícias de tal amigo. Em verdade, tínhamos medo de que, dada a sua astúcia, descobrisse nosso segredo. Tudo o que relatarei neste livro, sobretudo os fatos ocorridos depois de sua desencarnação, foram por mim colhidos por intermédio de Abel, pois minha amizade com ele ultrapassa as limitações carnis, tanto quanto com Bezerra de Menezes, meu mentor.

Após longo tratamento de Nina, os fenômenos desapareceram; contudo, em face da pressão social sofrida, tal senhora se viu obrigada a não poder compartilhar os propósitos espíritas. Seria, então, grande colaboradora nos enxovais infantis, nos mantimentos, tornando-se devotada amiga de D. Menina, pessoa pela qual tinha gratidão profunda.

D. Menina era realmente formidável! Meiga e humilde, enfrentou comentários e difamações com mestria. Um dia, caminhava ela para a reunião mediúnica quando, passando perto das *boateiras* de plantão e do vigário, este a interpela dizendo:

– D. Menina, é sempre tempo de perdão! Eu a ajudarei a voltar para o lado do Pai Eterno.

E ela, calmamente, respondeu:

– Oh! Padre. Obrigada por tal préstimo. Eu também concordo com o senhor. O tempo não é só de perdão, mas de trabalho no bem. Se o

senhor fizer o verdadeiro sacerdócio de Jesus, não atirá pedras, nem julgará em vão, conduzirá suas ovelhas ao encontro do Pai Eterno. Não se preocupe tanto comigo! Eu aprendi, como o senhor, que há muitos meios de chegar a Deus. Nem que eu passe pelo purgatório ou viva nas profundezas do inferno, esse Pai misericordioso, justo e bom, se apiedará de sua pobre filha e me brindará com a oportunidade de recomeçar, pois sou feita de sua centelha. Serei um dia perfeita, com afinco e a ajuda de Jesus. Muita paz, padre. Muita paz.

E seguia calmamente, sem nunca se abalar. Era conformada com a solidão, com os percalços da vida e, acima de tudo, respeitava firmemente os desígnios de Abel. Foi uma médium de valor notável, comunicando-se por ela Espíritos ilustres e sofredores. Receitista confiável e mulher abnegada, foi, sem dúvida, uma missionária nos primórdios do Espiritismo no Porto de Santo Antônio. Hoje traz consigo grande luz e colabora na região de Minas Gerais de forma, muitas vezes, anônima, trocando o próprio nome para evitar equívocos. É criatura bondosa e humilde que se diz pequena seareira da legião de Bezerra de Menezes.

Certo dia aparece um novo caso intrigante às mãos de Abel e de sua equipe. Um rapaz com características de débil mental aos olhos carnavais desde muito tempo escrevia poesias belíssimas que vinham assinadas por ilustre poeta da Antiguidade. Dizia ele serem enviadas por Horácio. O conteúdo de tais escritos era, segundo Abel, realmente parecido com as características do referido autor, mas algo parecia fugir da autenticidade. Foram noites e noites debruçado em livros de pesquisa, pois, em consulta à espiritualidade, a orientação foi para que eles desvendassem por si mesmos o enigma.

Depois de longa luta e reflexão, Abel comprova que se trata de uma farsa, não do rapaz, mas do Espírito obsessivo que vinha, a mando de legião de inimigos do movimento, tentar desmoralizar a capacidade de discernimento dos espíritas da cidade. Como resolver a questão?

Em sessão mediúnica, por intermédio de D. Menina, trava-se longo debate entre Abel e o Espírito, que procura agir e demonstrar, até o último instante, que se trata do ilustre poeta. Com firmeza e autoridade moral, Abel não só o doutrina como o arrebanha para o seu lado. Quanto ao rapaz, livre de tamanha obsessão e com limitações

herdadas no processo reencarnatório, passa a ter vida normal e se torna pequeno colaborador na vinha de Jesus.

São tantos os casos que precisaria muitas páginas para os relatar.

Abel procurava seguir os passos de Kardec e dizia sempre: "Antes e depois de qualquer situação, só Kardec pode nos dar a luz". Incutia em seus colaboradores não apenas a dedicação ao trabalho, mas o afinco no estudo, formando um grupo de pessoas que acreditavam nos fatos mediúnicos e também os conheciam a fundo.

Hoje, quando percorremos os Centros Espíritas, notamos um certo exagero no estudo e pouco trabalho mediúnico. Aonde foi parar o equilíbrio da balança? Onde estão as ações socorristas?

A Casa Espírita deve, acima de tudo, acomodar nos braços os sofredores, levantar os caídos, conduzir os obsidiados, trabalhar com a mediunidade.

De onde certas pessoas tiraram a ideia de que sessões mediúnicas devem ficar em segundo plano? Por que não temos mais sessões de cura em muitas Casas Espíritas?

Acredito que se deve olhar para os pioneiros e rever algumas práticas da atualidade, pois nem todos os que se dizem espíritas praticantes conhecem verdadeiramente a doutrina, a doutrina raciocinada e equilibrada que Kardec codificou. Fica, aqui, um convite à reflexão!

### O sacerdócio

Estava eu nos meus afazeres, mergulhado em pensamentos da vida da paróquia, tentando solucionar alguns problemas emergenciais, quando recebi a visita de Bezerra de Menezes. Era como se a luz inundasse o lugar e tudo se tornasse claro só por sua presença.

Ele chegou e me interpelou dizendo:

– O que tens, meu filho? Pareces desanimado.

– Ah! *Seu* Bezerra, não sei por onde começar. Tenho esses problemas de rotina, essas exigências do bispado e se aproximam as novenas de Corpus Christi e procissões. E eu estou tão distante de tudo isso, me sinto um farsante e falso com esses cristãos! Quem sou eu para dar-lhes luz, se busco a minha? Quem sou eu para determinar-lhes os destinos? Se falar o que penso, estarei encencado, e, no entanto, na pregação eu vejo rostos banhados em lágrimas e pessoas que me procuram dizendo: "Ah! Padre. Hoje você leu meus pensamentos." Ah! meu amigo, é muito difícil servir à Igreja sem traí-la!

– Vítor, acalma-te e cala-te para ouvir-me. Tudo isso é uma bobagem. Não existe o acaso. O que tu precisas é ser mais inteligente e menos precipitado. Nos sermões, fala com a alma ajoelhada. Lembra-te de Jesus.

– Eu não consigo, Bezerra. Quero falar das verdades da vida eterna.

– Pois bem, eu te ensinarei. Já é chegada a hora da missa. Eu falo e tu repetes.

E assim, para um público fiel e grande, Bezerra fez a mais bela pregação de minha vida:

*"Caros irmãos, aqui, pela vontade do Pai Eterno, nos reunimos.*

*Olhem bem a sabedoria do Pai. Brindou-nos com a saúde perfeita, temos olhos para ver, pernas para caminhar, braços para acariciar, boca para proferir as mais belas palavras, e mesmo aqueles que trazem um órgão débil não deixam de ter os outros em perfeição. Agora, olhemos para trás e vejamos com quanta beleza Deus nos brindou. Essa natureza bela, esse sol amigo e acolhedor, a terra que nos dá o alimento e nos permite a continuidade da vida.*

*Um dia, um homem encontrou-se com o Senhor Deus e lhe disse:*

*– Oh! Pai, o que eu devo fazer para ter direito a sentar-me junto de teus eleitos?*

*E o Senhor lhe respondeu:*

*– Traz as mãos sempre ocupadas no labor da terra, no cultivo do pão, na divisão com o teu semelhante. Quando arares, lembra-te de todos os seres que vivem no mundo. Eleva os olhos e agradece a dor e a alegria da tua caminhada. E quando caminhares em procissão, faze-o em contemplação e vigília. Seguindo o caminho da purificação, orando por teus desajustes, teus erros, tuas palavras ásperas, renovando os propósitos santos. Quando fizeres uma promessa, não prometas o impossível, de preferência promete ajuda aos sofredores. Depois desse dia, meus filhos, esse homem fez de sua vida um lindo caminho de sol interior e, hoje, é um querubim que vive ao lado do Senhor.*

*Tomemos, pois, como lição que o melhor sacrifício, aos olhos do Pai Eterno, é o da purificação de nossas almas errantes. Busquemos pautar-nos nos princípios cristãos e servir ao Nosso Senhor.”*

Ao terminar, a emoção tomou conta de mim e a lição jamais foi esquecida. Tinha atingido a mim e aos meus fiéis em cheio.

Foi ali, a partir daquele episódio, que iniciei o meu sacerdócio com luz interior e paz.

Minha vida terrena sempre foi brindada por lindas lições de esclarecimento. Aprendi a cada novo amanhecer uma lição que me chamava a testemunhar a amplitude do amor celestial.

Abel me escrevera, dias antes, linda mensagem de amor acerca do sacerdócio:

*"Ser sacerdote é ser laborioso no que se faz. É ser tranquilo e amoroso.*

*É colher e dividir as migalhas e juntar os farrapos humanos que nos aportam à vida.*

*É dar sempre o ombro ao que chora e ter paz no olhar. É nunca dizer um não àquele que chora e que padece.*

*Ser um verdadeiro sacerdote é aceitar os desígnios do Pai e pregar nem que seja para as ovelhas distantes e as estrelas do firmamento. Mas, acima de tudo, é saber que ocupar um cargo como esse na Terra é sério compromisso no bem que poderá dar àquele que o exerce com dignidade um impulso vigoroso na direção do amor de Jesus.”*

Abel era mais que um irmão, era como um pai, pois jamais me deixou desamparado e nunca me disse uma palavra áspera.

Prosseguia eu mais calmo e mais dedicado ao compromisso sacerdotal e me sentia, assim, mais feliz e conformado.

Enquanto isso, na pequenina Porto de Santo Antônio o movimento tomava corpo e a cada investida na consumação do sonho verdadeira guerra se instalava. Eram quilos de sal e cinza que se jogavam para amaldiçoar os propósitos espíritas.

Abel estava ao mesmo tempo muito doente e debilitado e foi passando, aos poucos, o comando a seus companheiros, embora acalentasse o sonho de ver em vida edificada a sede da Casa Espírita.

A cada dia uma lição, a cada instante a renovação do compromisso.

Com o apego ao sacerdócio abri campo aos amigos espirituais. Podia vê-los, senti-los nas visitas que fazia aos enfermos, ministrando passes sem forma explícita, usando apenas a oração.

Nas missas, abençoando e socorrendo, via a igreja sempre repleta de pessoas que vinham ao encontro do consolo e fui-me sentindo útil e feliz, pois via sentido no meu ofício.

Abel, sempre amigo, vinha, por sua vez, muito animado com suas conquistas. Trazia o corpo debilitado, mas a mente efervescente no trabalho. Tinha muitos contatos no Rio de Janeiro e em Minas, e vinha arrebanhando amigos e colaboradores diversos.

Na vizinha cidade a briga era grande e sua primeira investida na consecução da sede própria fora dissolvida por pressões do clero. Mas sabia que logo teriam sua morada. Em frente da sua casa um pequeno lote de terras parecia reservado a isso, mas o que o alegrava então – e ele considerava um verdadeiro presente de Jesus – foi a aquisição para o seu grupo de D. Anita Borela, a médium que vinha compor com D. Menina excelente meio de socorro e comunicação com a espiritualidade.

Anita era sensitiva do mais alto grau. Dotada de faculdades mediúnicas diversas, era clarividente, audiente, psicofônica, psicômetra e, além disso, possuía faculdades magnéticas e premonitórias. Era meiga e firme, e com o esposo – A.O. – mantinha acesa a chama do cultivo do bem.

Abel relatava-me lindos casos ocorridos graças à mediunidade dela e de D. Menina. Se esta receitava, Anita, com poderes magnéticos, lavava feridas que rapidamente cicatrizavam por força de seu poder

magnético. Doava tanto que, de tempos em tempos, por não controlar esse magnetismo, precisava de repouso em águas termais.

Anita encontrava facilidade em descrever quadros em que obsessores se instalavam e sabia dizer se estavam arrependidos ou não. Embora sofresse grande assédio da espiritualidade inferior, que a perseguia tenazmente por intermédio de seus familiares, conseguia sempre, com muita luta, erguer-se contra as intempéries da vida e manter-se fiel ao compromisso.

Veremos neste livro alguns dos inúmeros e lindos casos ocorridos no exercício de sua mediunidade.

## O Espiritismo no Porto

Nunca se ouvira falar tanto de Espiritismo na pequena Porto de Santo Antônio como naqueles dias, quando os fatos e as ações eram tantos e tão comuns que os comentários ultrapassavam as fronteiras da cidade.

As pessoas estavam impressionadas. A ida de Anita Borela para o movimento assegurara credibilidade ao pequeno grupo e estimulara a adesão de novos companheiros, porque era ela conhecida por sua dedicação ao bem e seu amor a Jesus. Tinha sido grande colaboradora na igreja, chefe de procissão, filha fiel de Maria. No momento de sua conversão, nunca mais proferiu um dogma católico. Mantendo-se apenas fiel seguidora e adepta de Maria – em que via não mais a *santa* inatingível, mas um Espírito superior e benevolente, que comandava uma legião de servas de Jesus na Espiritualidade – passa a entregar a ela os casos difíceis, procurando sua intervenção. Institui no lar a oração de Ave-Maria às 18 horas, reunindo filhos e amigos para, com o hábito da oração, aliviar o fardo dos sofredores.

Anita foi muito disciplinada e humilde. Sempre pedia permissão do Alto para se engajar em nova empreitada e, junto a D. Menina, comandava um grupo de senhoras dedicadas à assistência social.

Um lindo caso de sua mediunidade ocorreu em sua vida quando numa tarde, na entrega de roupas no lar, lhe trazem à frente uma linda jovem perturbada e agressiva, que parecia faiscar ódio pelos olhos. D. Menina, que estava junto à amiga, imediatamente lhe diz aos ouvidos:

– Vá, Anita. Converse com o Espírito que a perturba e verá que tem o poder, concedido pelo Pai, de encaminhá-lo. É chegada a hora do seu testemunho.

Ela, com uma força que não possuía normalmente e com sua candura habitual, pega a mão da jovem e lhe diz:

– Oh! Meu filho. Que buscas? Tens sede de amor e fome do perdão? Ah! Meu filhinho, Jesus te quer muito a seu lado. Liberta essa menina-moça de tua subjugação. O que ganhas com isso? Sabe, meu

querido, só o amor nos liberta a alma. Queres a liberdade? Pois entrega-te a ela retirando-te já daí.

E, como se fosse possível haver milagres, o Espírito, comovido por forte emanção magnética, se liberta, deixando a jovem totalmente normal. D. Menina e Anita ministram-lhe passes e, medicada e alimentada, coisa que não fazia há dias, volta ao lar deslumbrada com o fato.

Esses casos eram muito comuns e parecia até que eram providências para evidenciar aspectos da vida espiritual.

Anita tinha coração bondoso e generoso e aprendia cada dia mais. Tinha em D. Menina a mãe, confidente e companheira, e em Abel o mentor e mestre. Abel se encantava com seus dotes mediúnicos e sempre nos dizia dos seus avanços.

Próximo de seu regresso à vida espiritual, disse-me ele:

– Vítor, estou pronto para retornar à Pátria espiritual. Meu trabalho está cumprido. Já temos a sede e o grupo e eles já podem caminhar por suas pernas. Eu não tenho estrutura para aguentar as agressões que eles sofrerão e sei que A.O., Amadeu e Mário, por sua juventude e vigor, são talhados para isso.

Sua saúde física estava débil demais e sabia que mais cedo ou mais tarde partiria.

Com o passar dos dias e ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que se viam crescer os benefícios mediúnicos, as perseguições das falanges aumentavam em idêntica proporção. O alvo maior se tornaria a casa de D. Anita.

Devido à sua clarividência, os perseguidores formavam quadros horríveis que a apavoravam. Certo dia, nos afazeres domésticos, ao arrumar os lençóis, viu cobras venenosas, aranhas e escorpiões nas paredes. Orava e não se libertava. Socorrida por D. Menina e Abel, compreendeu que precisava lutar mais contra seus inimigos e passou a entoar hinos em suas orações para formar campo fluídico que a ajudasse a combater os *intrusos*.

Fatos interessantes se registraram então à sua volta. Anita chegava a ver em seu lar os Espíritos vampirizadores da energia dos alimentos e cuidava muito do ambiente doméstico, porque sabia que em sua prole muitos traziam marcas de um passado difícil.

Na medida do possível orientava-lhes os passos e tinha por hábito orar junto aos leitos filiais, conversando com os Espíritos de seus fi-

lhos e doutrinando-lhes as inclinações. Por isso, até hoje muitos deles trazem a lembrança tão forte de seus conselhos, pois era no inconsciente que agia.

No campo mediúnico, para melhor desempenho, passa a cuidar da alimentação e da preparação ao trabalho com muita meditação e leitura.

Certa vez, um grave caso foi levado ao grupo. Tratava-se de um homem totalmente louco e enfurecido que, fora do transe, era pessoa dócil e gentil. Anita recebe orientação para cuidar dele, pois sua família o abandonara por completo. Com dedicação e afinco, o homem se liberta do perseguidor e, depois de muitos anos, desencarnou serenamente, tendo conseguido, apesar das limitações naturais, tornar-se um indivíduo normal e dedicado ao trabalho rural.

Dedicando-se a esse trabalho, Anita e A.O. passam a abrigar vários doentes da alma em seu lar, dando a muitos o lenitivo adequado e a recuperação. Os agressivos passam a ser dóceis e os desajustados, crianças meigas.

Com o tempo muita coisa se faz pelos desfavorecidos da sorte. No Centro Espírita já sedimentado, o trabalho assistencial é grande e Abel, doente e impossibilitado, deixa o quadro carnal no ano de 1934.

Sua morte foi noticiada e lamentada no Estado todo. Jubiloso, ele regressa ao plano espiritual, sendo recebido por Bezerra e vários companheiros, enquanto no seu velório cânticos de crianças confortavam sua alma.

Abel estava tão lúcido, que partiu como se atravessa uma porta, iniciando, imediatamente, sua escalada de trabalho junto ao mentor amado.

Sozinho me senti com sua partida, mas logo recebi sua visita amorosa.

Ver Abel, em Espírito, era como ver um anjo formoso. Trazia ele tanta luz que ofuscava o olhar. Continuava sereno como antes, mas algo de especial o fazia diferente. Emocionado, queria poder abraçá-lo, mas ele, lendo meus pensamentos, me disse:

– Não se espante, Vítor! Eu sou a prova, a seus olhos, de que a morte nos liberta das mazelas do corpo. Viver na Terra é arrastar junto ao veículo carnal nossas limitações, é ser incapacitado de “voar” li-

vrentemente. Olhe para mim! Posso caminhar, não tenho dores nas pernas, nas articulações, nada mais sinto, pois é o corpo que sentia...

– Abel, eu leio, estudo, mas ainda sou curioso com relação a todos os que morrem, ou melhor, desencarnam. Morrer é assim tão fácil?

– Não, meu amigo. É muito difícil morrer, porque morrer para a matéria é deixá-la completamente. É difícil aos Espíritos esse retorno; o apego às conquistas pesa muito. Somos, na maioria, pessoas muito preocupadas com os grilhões da matéria: a casa, a terra, os honorários, a conta bancária, os objetos pessoais, os parentes que são nossos e o nosso patrimônio, e nos esquecemos de buscar as pérolas do Espírito, de elevarmos nossos esforços à melhoria de nossas inclinações e sentimentos. O maior exemplo para mim, Vítor, depois de Jesus, e visível e palpável a nós, é o de Bezerra de Menezes. Esse Espírito, esse anjo, jamais quis um bem que não fosse o do Espírito. Dedicou-se de alma a todo o bem que podia praticar, jamais moldou um passo que não fosse segundo Jesus. Ele se privou de muitas coisas na Terra, mas jubilou-se no espaço. Ser e se sentir Espírito livre está intimamente ligado à porcentagem de nossa ligação com a vida espiritual, à importância que damos aos bens materiais, à intensidade do bem que praticamos. Não quero dizer com isso que sou melhor que ninguém. Sou bem consciente do meu passado de erros. Acredito, e afirmo, que minha vida voltada ao estudo e à prática do bem está ligada ao cansaço de ser errante e pequeno. Errei muito, Vítor! Meu passado foi cheio de poder e arrogância. Deus me deu um ultimato e nesta roupagem última vim sem bens e doente. Talvez, se tivesse tido poder, eu tivesse falhado novamente. E também não quero dizer com isso que se deve viver em uma cabana sem nada de seu, mas que saibamos nos dividir e nos multiplicar com os semelhantes.

– Abel, eu compreendo as coisas com clareza agora e já tenho em suas palavras o sermão do dia.

Junto ao amigo querido orei e fomos ao salão proferir a missa. Meus fiéis me parabenizaram dizendo:

– *Seu* padre, hoje o Espírito Santo falou por vós.

Serentemente eu lhes respondia:

– O Espírito pode não ser santo, mas é um candidato de Jesus.

Eles me achavam brincalhão e não entendiam as frases cifradas que usei a vida toda em que vivi como padre, mas nem tudo é para ser entendido ou refletido quando não se está preparado.

Na cidade de Porto de Santo Antônio, o Grupo Espírita passa a se chamar "Cabana Espírita Abel Gomes" e os trabalhos prosseguem com afinco e amor. Iniciam-se, também, projetos efetivos em torno de uma fundação para abrigar meninas desamparadas.

## O trabalho continua

Com a saída de cena de Abel, a luta seguia muito grande entre a Igreja e os espíritas. O movimento tinha raízes e era muito difícil lidar com os religiosos. A.O. e Amadeu tinham a característica de serem ousados e provocadores de polêmicas; eram bons *políticos de esquerda*. Já Diogo, D. Menina e Anita cuidavam somente das questões mediúnicas. Mário Vitoriano, grande colaborador, ficava meio lá, meio cá; outras tantas, como Laura Pacheco e Elisa, eram boas médiuns e colaboradoras fervorosas.

Certo dia, Anita atende uma pobre mãe cuja filha havia sido assassinada, sem que o corpo fosse localizado. Em reunião de preces, ela vê então desabrochar sua mediunidade de psicometria <sup>(5)</sup>, em virtude da qual consegue distinguir com clareza o corpo da jovem preso no rio, debaixo de uma ponte.

O caso foi noticiado e comentado na região e Anita, muito perseguida pelo plano inferior. Ela conseguiu desenvolver suas aptidões mediúnicas ao ponto máximo e sua saúde também apresentava declínio. Aos poucos as faculdades mediúnicas de outros colaboradores viriam aliviar a carga de D. Menina e Anita e mais socorros passaram a ser prestados. Os nomes já citados colaboraram muito no socorro fraterno.

A luta agora era para a realização da fundação do Asilo e na luta por recursos surge uma doação de um sítio, tornando-se, assim, possível a concretização dos sonhos acalentados.

---

<sup>5</sup> Localizar pessoas dadas como desaparecidas era uma das aptidões mediúnicas de Anita Borela. Os especialistas dão a essa faculdade o nome de clarividência, que permite ao médium ver pessoas ou objetos a distância. Padre Vítor dá-lhe o nome de psicometria, que é, com efeito, uma modalidade de clarividência na qual – segundo Ernesto Bozzano – os objetos apresentados ao sensitivo atuam como intermediários para estabelecer a relação entre ele e a pessoa ou meio distantes, mercê de uma influência real impregnada no objeto pelo seu possuidor. No caso de Anita, é provável que o fenômeno assim se desse, como dá a entender o autor desta obra. Não existindo, porém, o concurso de qualquer objeto para a produção do fenômeno, essa faculdade denomina-se simplesmente clarividência. (Nota da Editora.)

Tudo seguiu como esperado. Uma casa para meninas, que se inaugurou no ano de 1944, foi erguida. A busca de um casal adequado ao serviço do lar vem com a colaboração de Abel: *Seu Manoel e Dona Isaura*, verdadeiros pais das crianças desamparadas. Manoel, espírita, também contribui nos trabalhos do Centro e a Fundação recebe o nome de "Fundação Espírita Abel Gomes".

No dia de sua inauguração, contou-me Abel que a visão espiritual era algo de emocionar. Espíritos diversos, que reencarnariam em breve, foram levados para conhecer o lar onde viveriam. Recebiam tratamento e orientação no plano espiritual para depois ingressar no palco da vida. Espíritos amigos, mentores da casa, Bezerra e sua equipe, todos presentes. E Abel, emocionado, recitou para mim a mais bela canção que eu conheci:

*"E os anjos disseram sim. E hoje, emocionado e sem palavras, vos digo: Bendito, oh! Deus, pai de amor e sabedoria, que nos brindais com a oportunidade de servir, que nos permitis edificar os sonhos, que nos fazeis compreender a necessidade de sermos úteis à sociedade. Oh! Pai amoroso, obrigado e graças vos rendo, pois confiastes a este vosso filho desgarrado e pequeno a vossa obra grandiosa de caridade. Fortalecei, oh! Pai, esses meus companheiros. Dai-lhes o mesmo voto que destes a mim e vos louvo, ainda, oh! Criador, por nos terdes criado. Obrigado, Senhor!"*

Abel jorrava luz sincera e suas lágrimas eram de amor real. Oh! Que alma bela e edificada possuía. E como criança feliz me dizia:

– Não te disse, Vítor, que apesar de tudo eles edificariam o sonho acalentado?

Após a partida de Abel, tudo na singela Porto de Santo Antônio fazia lembrar sua presença. O Centro e a Fundação com o seu nome não só demonstravam o seu pioneirismo como marcavam sua luta, mas sem *endeusamento* de qualquer espécie.

Anita via constantemente o mentor e para ela era como se ele jamais tivesse partido, pois em sua vida pessoal ou nas lides espíritas era com Abel que encontrava abrigo e amparo. Suas dores, seus lamentos eram aliviados por essa alma a que havia muitos séculos se encontrava ligada.

Um dia, procurando aliviar sofrimentos diversos, Anita recebe na sua casa uma família humilde que trazia nos braços a filhinha enferma. Com sua abnegação e amor ministra passes e fluidifica água, retirando

do a criança do estado febril, a qual demonstra melhora imediata (era sempre assim que trabalhava, ora só, ora com D. Menina a seu lado).

Com fatos dessa natureza os boatos na cidade crescem e ela passa a ser acusada de curandeira, feiticeira e macumbeira. A coisa toma tal proporção que o médico local passa a ameaçá-la por meios escusos: são-lhe enviadas cartas anônimas. O coração sensível parece sucumbir e, não querendo preocupar A.O., pois este travava grande luta com a Igreja, sofre calada a perseguição. Passa a ter muita dor e angústia e, como de costume quando se via aborrecida, recolhe-se ao quintal, na margem do rio, para ali chorar suas mágoas.

Num desses momentos Abel lhe aparece e, como alguém que privava de sua intimidade, a interpela:

– Por que choras, Anita?

– Ah! meu amigo, choro porque não estou aguentando essa dor.

– Que esperavas, minha irmã? Que viessem aplaudir-te e pedir-te conselhos?

– Não, mas por que agem assim?

– Ah! minha irmã. No fundo não aceitamos as críticas. Queremos sempre, mesmo no anonimato, ser reconhecidos pelo bem que praticamos. O que têm te servido as leituras do Evangelho? Pensas por acaso que teu débito é pequeno ou menor porque praticas o bem? Pior seria se não o fizesses. Trazes, hoje, a conta dos erros passados. Aceitaste, junto ao Mestre, testemunhar o Consolador prometido, vivenciando-o em ações e palavras. Tens uma família para criar com bons exemplos. Olha do meu lado: aqui estão muitos dos que virão como teus filhos ainda. Agora sucumbes no primeiro instante. Não, Anita, o tempo corre depressa demais na existência física. Se perderes tempo com lamúrias e dores, não seguirás tua missão. Enxuga essas lágrimas, levanta essa cabeça e lembra-te de orar por teus inimigos e perdoa, Anita. Perdoa a tudo e verás que a vida ensina no tempo certo.

Anita emudeceu, como, aliás, lhe era comum e até hoje o é. Abel fala fundo à alma e não temos o que dizer, só agradecer. Depois desse dia, uma força encheu aquela alma abnegada e nunca mais se ouviu um lamento, um queixume da sua boca.

Quanto ao médico, este um dia a interpelou diretamente e como lobo em pele de ovelha, dizendo-se amigo, a adverte quanto à prática ilegal de medicina. Anita, envolvida por Abel, apenas respondeu:

– O senhor cuida do corpo físico, mas procuramos aliviar a alma presa à carne, que traz marcados no perispírito os débitos do passado. Sabe, doutor? Como o senhor, um grande médico uniu as duas coisas e aliviou muitas feridas. Dr. Bezerra de Menezes, o médico dos pobres, sempre testemunhou, na profissão, o juramento da formatura e hoje comanda muitas equipes de socorro na Terra, pois sofre ao ver que colegas de profissão ministram o remédio de acordo com o bolso do paciente.

Após despedir-se, Anita seguiu calmamente o seu caminho e o médico pensativo ficou por muitos dias, pois ela tocara fundo no seu ponto fraco. Logo, porém, ele se esqueceu do que ouvira e por muito tempo a difamou na cidade.

Ah! A lei que rege nossos destinos e nos coloca no palco da vida terrena!... Como uma teia de aranha, todos os fios se encontram e vemos a lei do retorno, do encontro e do recomeço.

Naquela época, na pequenina Porto de Santo Antônio muitos comparsas do passado se haviam reunido, uns a favor do movimento espírita que ali surgia, outros contra. Eram eles personagens que haviam sido na Europa vultos importantes. Alguns haviam até mesmo colaborado com o Espiritismo em terras do Velho Mundo. Outros tinham tido contato, não com a doutrina, mas com a fenomenologia mediúnica.

Não ousarei acrescentar outros dados nesta obra, pois os fatos aqui reportados são ainda recentes, mas posso informar que a ocorrência dessas efervescências se explica pelo compromisso que aqueles denodados trabalhadores assumiram no plano espiritual com o amável mentor Bezerra de Menezes.

Anita tinha tanta devoção e apreço pelo Médico dos Pobres que passou a vê-lo com frequência em seus atendimentos fraternos, mantendo também contatos com mensageiros de sua legião.

Certa vez, indo, como de costume, limpar feridas nos enfermos, no caminho sente-se mal e com o corpo frágil suplica a Bezerra que a ajude no socorro ao próximo. O amigo espiritual se lhe apresenta e, meigamente, a interpela:

– Anita, o teu regresso se anuncia. Breve estarás junto de Jesus como serva fiel, mas se queres permanecer na carne por mais tempo terás que acumular mais trabalho e mais filhos adotados pela dor. Serão mais enfermos cujas dores só o amor de uma mãe poderá aliviar.

– Ah! Meu mestre querido, se podes interceder por minha alma pequena, eu te imploro. Meu A.O. ainda é muito novo, meus anjinhos muito pequenos e gostaria de prepará-los para a separação. Aceito o corpo débil, as dores, mas necessito de apoio espiritual para doar-me com fervor. Sinto que só através do amor poderei apagar as manchas de meu pretérito. Ah! meu irmão, sinto remorso grande na alma, pois percebo que esvaziei muitas existências, que retornei à vida espiritual muitas vezes de mãos vazias, que edifiquei muitos sonhos na areia e fiz promessas que não cumpri, que difamei e adulterei. E hoje, só hoje, inicio meu caminho no bem.

– Anita, não se inicia a construção de uma casa pelo telhado. Teu alicerce foi sedimentado pela luz do esclarecimento e, hoje, sinto que plantas muitos bons frutos que te ajudarão nas contas a prestar a Deus. Tem fé e resignação, que intercederei por ti.

Anita seguiu seu caminho e, renovada, lavou e limpou muitas feridas. Aonde ia ensinava o hábito da oração ao pôr do sol e, sempre ao entardecer, no seu lar, filhos e amigos a acompanhavam na prece sincera, que sempre iniciava com estas palavras: *Vinde a mim, meu Jesus...*

Seu magnetismo fazia irradiar nos lares vizinhos, na rua e nas cercanias o bálsamo consolador da oração. Fluidos de paz renovavam os corações aflitos, e todos os lares que com ela oravam na mesma hora nunca poderiam imaginar quantos indivíduos, encarnados e desencarnados, se beneficiavam com aquelas orações.

Saiba, leitor amigo, orar é necessário e deve ser feito de alma sincera, falando do fundo do coração as palavras de louvor, de agradecimento e de pedido. É preciso orar não só pelos nossos, mas pela humanidade inteira. Implorar pela paz, bendizer a dor e louvar a justiça do Pai. A prece sincera é o maior bálsamo para as nossas horas tristes.

Durante muito tempo, o atendimento fraterno fluía das mãos abnegadas de Anita, D. Menina, Diogo, Laura e tantos outros. A luta pelo

respeito ao livre pensamento e à opção religiosa estava confiada a A.O., Amadeu, Mário Vitoriano e seus colaboradores.

A vida do espírita era difícil na cidade, a lei da Igreja era imposta com energia, não se admitia qualquer contato com espíritas e muitos tiveram que mudar de profissão para sobreviver. Era, por outro lado, bonito ver a solidariedade entre os de mesmo ideal. Chegavam a dividir recursos, pensar em soluções juntos.

Diogo era um desses. Criatura humilde e bondosa que cultivava a fé acima de tudo, sacrificou seus interesses pessoais em nome da doutrina consoladora. Jamais se lamentou ou revoltou-se. Trazia dentro de si confiança inabalável nos desígnios impostos a ele em encarnação provatória.

Certa vez comentou com A.O.:

– Se não posso mais edificar alicerces que sustentem moradias acolhedoras, eu procurarei sedimentar entre os meus próximos mais próximos a esperança e a resignação, a certeza de um Pai soberanamente bom e justo, um caminho de muitas voltas e a certeza da imortalidade de nossas almas.

E assim o fez pela jornada terrena toda. Um momento de luz e esperança para as almas tristes e descrentes. Grande colaborador foi e ainda o é, hoje, na equipe de Abel Gomes.

## 6

### Anita

Ah! meus irmãos, como é bonito vivenciar aqueles momentos no plano das recordações. Quantos testemunhos de fé, quanta vontade de servir em nome do bem!

De outro lado viam-se pela conduta reta e serviços prestados muitos adeptos do catolicismo se juntarem ao *bando* dos espíritas. Perceberam pela razão a qualidade dos sentimentos, a verdade estampada nos rostos, o sacrifício pelos desfavorecidos. Somas em doações chegavam também à instituição administrada por eles, às vezes anônimas, mas sempre providenciais.

As solicitações de ajuda vinham de diversos lugarejos, onde eram grandes os contingentes de pessoas em desequilíbrio psíquico e com potencial suicida.

Pela necessidade, o grupo espírita passa a ter um dia especial de trabalhos desobsessivos e de atendimento a suicidas, em que havia os momentos de vibração para famílias desajustadas e muitos esclarecimentos eram prestados. Pessoas desaparecidas, mediunizadas, influenciadas, eram atendidas até no meio da noite. Muitos diziam que na casa do A.O. e de D. Anita a porta ficava sempre aberta para qualquer situação.

Numa dessas noites, o casal recebeu em casa o pedido de socorro de almas aflitas que traziam no colo a filhinha desacordada, semimorta.

A mãe, aos prantos, dizia:

– *Seu A.O.*, peça a D. Anita que ressuscite minha menina; eu sinto que ela não morreu. *Seu A.O.*, eu lhe imploro.

– Calma! Vamos ver o que é possível, D. Maria.

O pai, acercando-se dele, sussurra-lhe aos ouvidos:

– Meu senhor, desde cedinho ela está assim. Acho que pertence ao mundo dos seres mortos. Eu só vim importuná-lo, porque não sei como dizer isso a Maria. Quem sabe D. Anita não faz essa caridade? Com amor e carinho, A.O. conduz a mãe aflita a cômodo próximo onde Anita, em oração, se encontrava. Aplicam passe no corpo inerte, acompanhado de lindas canções de estímulo. Anita pede, então, a

A.O. que esclareça o Espírito semiliberto do corpo, convocando-o ao reencontro da existência.

– Minha irmã - inicia ele -, que bela oportunidade tiveste de retornar à carne para poder saldar teus débitos. Tu bem sabes que pela vontade do Pai Celestial só pelo contato com a matéria te livrarás de tuas mazelas. Olha o amor maternal que te cobre de carinhos. Não recues agora. Vem! Todos de teu lar aguardam com carinho teu retorno. Eu bem sei que tu sabes que és livre, que tens o livre-arbítrio e podes escolher o caminho, mas não te esqueças, minha irmã, que se cometeres de novo esse desatino tuas oportunidades de recomeço serão mais dolorosas. Aceita o corpo frágil, esquelético e desprovido de beleza, mas confia que serás capaz de iluminar o teu caminho com a renovação de tua alma, com a exteriorização de nobres sentimentos. E brilhará em ti a formosura interior.

Totalmente inspirado e com grande amor, A.O. concluiu a doutrinação orando a Jesus e aos benfeitores espirituais. Anita descreve para ele e a mãe o retorno do Espírito ao veículo carnal e nas faces pálidas e geladas da menina se vê, aos poucos, vibrar a vida novamente. A mãe, comovida imensamente, faz menção de se ajoelhar aos pés do casal, gesto vetado por ambos, que beijam sua face e dizem que foi o seu amor que a trouxe de volta. Anita lhe prepara água fluidificada e ensina a mãe a conversar com sua menina quando esta estiver dormindo, doutrinando-lhe as inclinações e moldando-a para o caminho do bem. O pai, ao deparar com esposa e filha, não sabe o que dizer e A.O., jocosamente, o desinibe:

– José, o mundo dos mortos é assim: deixa a porta aberta para irmos e virmos sempre. Vão em paz.

Anita, em conversação íntima, explicou depois ao esposo que aquela criança necessitaria sempre de apoio espiritual, pois suas inclinações suicidas eram fortes. Tratava-se de um Espírito rebelde e com carga grande de resgate.

Todos nós devemos analisar, um pouco, o verdadeiro sentido da fé. Esta não é aquela que cega os nossos sentidos, que nos faz fugir da razão, que nos permite oferecer desatinos. É, sim, força interior aliada à benevolência do Criador. Fé não se ensina, vivencia-se. Não se receita, se aplica dentro de nós. Acreditar é necessário, servir é fundamental, mas impulsionar a cura de nossas dores, de nossas aflições, só é possível quando, realmente, nos ligamos ao Pai e confia-

mos em suas leis. Se todos tivessem bem resolvido a questão das leis da vida imortal, a sabedoria que cada lição nos encerra, a oportunidade de nos desenvolvermos, o encontro com nossa face oculta seria revestido de sucesso no primeiro instante.

Quando o Mestre curava as criaturas afirmava sempre: "Se tens fé terás a luz. Nada sou, apenas confio no Pai que nos criou." Assim somos nós, doentes da alma, que trazemos marcas no corpo e no perispírito, e mesmo sendo filhos de Pai justo não nos valemos deste estímulo para solucionar as nossas aflições.

Os espíritas daquela época se viam jubilados no trabalho consolador, pois acreditavam firmemente em seus propósitos, sua fé era inabalável e tudo entregavam ao Pai, sempre aceitando e acatando os conselhos dos benfeitores, sem questionar, sem se melindrar. Eram missionários, eram verdadeiros cristãos.

No Brasil, principalmente em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, a atmosfera fluídica era muito favorável naqueles tempos à expansão das atividades espíritas, que depois se espalhariam Brasil afora.

Realizavam-se então muitos acontecimentos memoráveis como sessões de materialização, escrita direta e outros fenômenos de efeitos físicos que na Europa mereceram até a atenção de cientistas do porte de William Crookes. A ocorrência benéfica de tais fatos fazia fervilhar os curiosos e novos adeptos eram arrebanhados. Os jovens se organizavam, os velhos se colocavam como mestres e muita coisa bonita de lembrar se verificava na pequenina cidade.

Vamos voltar nossos olhos para a nossa irmã Anita, já doente mas firme na luta. Certo dia, cuidando dos afazeres do lar, sente forte barulho vindo de fora. Corre a atender e depara com uma mãe aflita que lhe apresenta o filho, que não deveria passar dos dez anos, com o corpo cortado por sinais de faca.

Anita, procurando sanar os ferimentos, escuta dos amigos espirituais: "Vá orando, vá orando". A mãe informa então que o menino, de nome Jonas <sup>(6)</sup>, estava assim a apresentar-se como acidentado, mas que não fora ele nem qualquer outra pessoa o causador daquelas marcas. Em verdade, ele costumava acordar aos prantos vendo-se cortado.

Anita calmamente explica:

– Primeiro cuidaremos do corpo, depois do resto.

---

<sup>6</sup> Nome fictício. (Nota do Autor.)

Entoando lindos cânticos, enquanto aguardava Diogo e D. Menina para ajudá-la, ela acalma ambos. No momento da prece, o quadro se forma nitidamente: Jonas tinha sido, na época da escravatura, um capataz de fazenda que com faca e chicote marcava os escravos. Agora, imantados pelo ódio, suas vítimas do passado o perseguiam durante o sono físico e seu remorso era tão grande que, ao despertar, trazia consigo as marcas do sonho.

D. Menina recebe instruções medicinais e Diogo consegue, mentalmente, afastar os perseguidores. Jonas deveria seguir tratamento profundo de refazimento, mas a fé nem sempre vem da mesma forma a todos. No primeiro momento de melhora, ele larga o tratamento espiritual e tem como destino o hospital psiquiátrico. Não basta crer, é preciso ter fé.

A cada amanhecer uma semente plantada e o fruto germinado. A cada pedido de socorro uma mão estendida. A cada palavra áspera um sorriso de perdão. A cada indelicadeza, calúnia ou difamação, uma oração fervorosa a Jesus.

Assim era Anita, pessoa firme em seus propósitos, que ocupava as vinte e quatro horas do dia em prol do bem. Era mãe, esposa, irmã, anjo bom.

Certa feita, lidando nos afazeres domésticos, bate-lhe à porta um empregado de uma fazenda próxima a mando do patrão.

D. Anita ouve atentamente o fato narrado e sai em desabalada carreira junto com o rapaz, que viera em uma charrete até a sua casa.

Pelo caminho ela vai meditando e, na virada da Reta – uma das ruas da cidade –, avista Diogo que seguia em sua direção, para ajudá-la.

Logo que chegam ao seu destino, deparam um quadro triste de posseção. Mulher fina, de tratos nobres, Emília <sup>(7)</sup> se arrasta pelo chão como um animal selvagem. Já havia destruído tudo à sua volta e por pouco não assassinara o próprio filho.

Diogo e Anita, sem perda de tempo, oram fervorosamente a Jesus e, com força e amor, envolvida por Abel, Anita inicia a doutrinação reparadora:

– Levanta-te daí, meu irmão infeliz. Liberta essa criatura de tuas garras e envergonha-te de tal papel.

Mesmo tentando avançar sobre ela, o Espírito não consegue tal intento, pois se prostra ao chão pela força do magnetismo de Abel.

---

<sup>7</sup> Nome fictício. (Nota do Autor.)

– Vamos, meu irmão! Fala como ser humano que és, tu não és bicho. Um choro de dor ecoa pela sala e, afogado pela revolta, o Espírito relata o ódio que sentia pelo fato de ter sido abortado na juventude por Emília.

– Por que eu? Por que eu, se agora ela traz no colo um filhinho amado? Eu a amava, queria estar em seus braços maternos. Anita aproxima-se dele, imerso no corpo de Emília, e lhe fala com amor de mãe:

– Ah! meu filhinho. Não chores assim, um erro não justifica o outro. Tu és vítima, não queiras tornar-te o algoz. Quanto tempo de abandono, de sofrimento e jamais te lembraste de pedir alívio a Maria de Nazaré. Ela com certeza te abrigaria nos braços e te daria o amor que te hão negado. Precisas de ajuda, mas não para sofrer e sim para ser feliz. Se fosse permitido pelo Pai Celestial, eu te receberia como meu filhinho querido, mas só posso te oferecer o meu amor espiritual e te confortar com preces, mas olha em volta e verás quantas mãezinhas que deixaram seus filhinhos na Terra te querem adotar. Esquece a Emília. Deus com ela acertará as penas do seu gesto. Quanto a ti, busca a paz em mãos amigas. Deixa a Emília cuidar do filhinho que Deus lhe deu, pois ela o faz pensando em ti.

Envolvido por Espíritos de aspecto feminino, o Espírito abandona a mulher e segue em paz. Ao ver Emília despertar de tamanha subjugação, nem Anita nem Diogo pronunciaram palavra alguma e seguiram seus caminhos, recomendando apenas que Emília orasse sempre.

Muitos anos depois, Diogo pressente em uma de suas peregrinações costumeiras a reencarnação daquele irmãozinho na fazenda de Emília e vê que ela, sem que ninguém soubesse explicar, se toma de amores pelo menino fazendo dele um filho do coração e adotando-o mais tarde, em face da desencarnação precoce da mãe.

Esses encontros de amor são raros, mas existem. Emília jamais fez perguntas sobre o assunto, mas no íntimo sabia a estreita ligação dos fatos e, tempos depois, ao questionar Diogo a respeito do caso, apenas ouviu de sua boca:

– A Deus, minha filha, só a Deus nossos destinos pertencem. Se Ele assim o quer, talvez recebamos, pelas portas alheias, alma amada de eras passadas. Seja sempre, Emília, o anjo bom para qualquer criatura que lhe bata à porta, pois talvez amanhã você necessite de

um ombro amigo e serão estes que lhe darão amor. O único meio de conquistar a felicidade é amar o nosso próximo mais próximo, o distante, o difícil, o bom e o mau. Amando e perdoando, sorrindo e chorando, mas sempre amando, Emília, sempre amando.

## A desencarnação de Anita

Naqueles anos de solidificação do ideal espírita na pequena Porto de Santo Antônio, muitas coisas aconteciam concomitantemente. Na luta pelos sofredores, casos e casos de dor e desequilíbrio. Na assistência social, muitos necessitados do pão e do vestuário. Nos embates com a Igreja, muita discussão, muitos artigos e debates inúmeros se verificavam. Foram dias ardorosos, pois juntos inúmeros Espíritos tinham reencarnado no Porto de Santo Antônio vindos de migrações distantes, em que muitas pendengas ficaram para trás.

A Igreja, meu Deus, a Igreja! Como era mal representada! Quanta irresponsabilidade de um vigário que jamais teve vocação religiosa! Esquecido dos seus votos, preocupava-se apenas em satisfazer seus caprichos e alimentar seu ego. Ah! Meu Deus, que vontade eu tinha de ir para lá, mas bem sabia que meu caminho era outro.

Certa feita, meditando em meus aposentos e refletindo sobre a minha preocupação com os maus representantes religiosos, recebi a visita bondosa de Abel.

– Meu amigo, por que te preocupas tanto com a vida alheia? Acaso te julgas mais preparado que eles?

– Não, Abel, longe disso. Apenas me penalizo com seus atos.

– Não, Vítor, não cabe a ti julgá-los. Lembra-te de que és muito pequeno diante da evolução e não devemos proceder assim. A cada um cabe a consciência, a Deus cabe o julgamento. Tu precisas, sim, é de orar para aquele irmão, pois não tem ele noção alguma do mal que comete.

– Como não tem? Acaso não sabe ele que está se aproveitando da inocência alheia?

– Vítor, Vítor, ninguém se aproveita de ninguém. Só se dá comida àquele que pede. O ambiente é formado por Espíritos famintos, vorazes, vampirizadores, que se comprazem no sexo e na ilusão. Procura orar, Vítor, por aquela alma, para que, quando se encontrar no leito da desencarnação, possa ao menos ser rodeado por luz que não o conduza aos planos mais baixos. Lembra, ainda, que tu poderias estar cometendo tais atos, pois se condenas, meu caro, é que também

te lembrás do mal que em nome da Igreja praticaste, dos bens que destruístes, da riqueza que acumulaste, das viúvas que seduziste. E, meu irmão querido, se nos incomodamos demais com o defeito alheio é porque já o vivemos na pele ou ainda o carregamos. Fica em paz.

Ah! esse Abel... Tinha o dom de me fazer vestir sempre a carapuça. Eu me atolei na poltrona para digerir suas palavras e, desde então, passei a orar suplicando ao Pai Eterno luz para aquele irmão. Sua desencarnação tempos depois foi algo deprimente demais, mas no momento do arrependimento verdadeiro, após anos de dor, ele foi atendido por Abel e seus seguidores. E esse Espírito, curvando-se envergonhado, suplicou perdão àqueles a quem feriu e hoje, já reencontrado, resgata aos poucos o mal praticado.

Se fosse permitido pelos meus superiores, abriria a caixa das recordações e com muitos casos ilustraria estas páginas, mas, por se tratar de tempo não muito remoto e muitos desses fatos ainda estarem vivos na memória, é mais sensato de minha parte ocultar certos casos.

Como de costume, todas as manhãs, após os afazeres do lar, Anita, Laura e D. Menina se organizavam em torno do socorro fraternal. Em determinado dia, porém, algo de diferente pairava no ar, a vibração era espessa e todas estavam inquietas, temerosas. Anita então, num lapso, vê à sua frente um corpo imerso entre galhos e troncos, um corpo agarrado e pouco visível no rio. Tonteia-se e, amparada pelas companheiras, senta-se e pede-lhes que chamem A.O. e Diogo para, urgentemente, organizarem uma sessão mediúnica.

Nesse mesmo momento batem-lhe à porta e, atrás dela, um pai aflito suplica-lhe que localize o corpo da filha que se jogara da ponte em cidade vizinha. Acalmando-o, D. Menina pede-lhe que tenha fé e confie nos desígnios do Pai. Ato contínuo, ali mesmo, em sua casa, Anita vai descrevendo o quadro aos ouvidos atentos de A.O. e o corpo é encontrado no local descrito. Só não foi revelado ao pai que, na realidade, não se tratava de suicídio, mas de homicídio.

Outro fato interessante se deu com Cinira, uma parenta de A.O.

Cinira havia sido a mais bela jovem de sua região. Moça fina, traços de nobreza, sem explicação alguma se desequilibrou da noite para o dia e nem passes ou sessões de desobsessão a curaram. Ela não era obsidiada, mas obsessora que, tomada por tão grande pavor de ser

enganada e usada por sua beleza, iniciou um processo de autodestruição, causando desequilíbrio em seu perispírito. Foi por muito tempo violenta e descontrolada, mas na casa de A.O. era como criança débil, incapaz de agredir um filho do casal.

Cinira poderia ser encaixada, hoje, nos casos de doença do pânico, em que a criatura plasma quadros e através deles deixa-se levar pela imaginação a ponto de acreditar neles. Isso se dá por invigilância, por recato excessivo de emoções.

Às vezes é melhor chorar as tristezas, os medos e falar o que incomoda do que se esconder sob a aparência de pessoa muito equilibrada, que aceita tudo com passividade.

Não, nós não somos assim! Somos, ainda, Espíritos muito afoitos, muito precipitados. Muitas vezes fazemos coisas fora da hora e deixamos de agir no momento certo. É necessário, para que se viva bem na Terra, agir com honestidade, reconhecendo nossas limitações perante os desafios. Se não se pode viver na glória, que aprendamos a conviver com os pequenos louros do dever cumprido.

Foram, como se vê, muitas as almas socorridas no meio de tanta dor e desequilíbrio. Na casa de Anita e A.O. nunca se separou o rico do pobre. Suas portas estavam sempre abertas e Anita não só cuidava dos desequilibrados e doentes, mas aconselhava também as *mulheres da vida* – como chamavam naquele tempo às profissionais do sexo.

Uma amizade nutrida por ela causou estranheza nos vizinhos, porquanto Anita recebia Marta <sup>(8)</sup> com muito carinho, todas as vezes que ela vinha à sua casa.

Marta tinha um filho, Jeremias, pelo qual nutria grande amor, e Anita a ajudava com roupas e alimentos e enviava sempre para o pequeno um mimo, um agrado especial. Contava-lhe histórias de fundo cristão e via nos seus olhos infantis grande alma sedenta de luz. Aos poucos incutiu no menino a curiosidade pelo Espiritismo e, sem nenhum receio, dava a ele livre acesso aos seus filhos – coisa incomum numa sociedade fechada em padrões morais e preconceitos.

Aqueles gestos pequenos fizeram Jeremias trilhar o Espiritismo e nunca mais se apagou em sua mente a generosidade de Anita.

---

<sup>8</sup> Tanto o nome Marta como o de seu filho Jeremias são fictícios. (Nota do Autor.)

Mas o tempo na Terra também dá seus saltos e no ano de 1950 chegavam, para o veículo carnal, os sinais da degeneração.

Anita encontrava-se muito doente e, sentindo que poderia deixar o cenário físico, preparou-se para o desenlace. Antes, recebeu ainda, por caridade, a 12<sup>a</sup> gravidez, doutrinando o Espírito rebelde, acalmando-o perante a existência, resgatando horas de vida carnal em existência anterior. Não era Espírito para viver na Terra e, por isso, a morte o colheu antes que viesse à luz.

No dia de sua desencarnação, ocorrida juntamente com a desencarnação da mãe, o quadro espiritual foi um dos poucos que se pôde ver com tanto amor.

Anita foi recebida pelos braços amorosos de Bezerra de Menezes, pelo estimado amigo Abel e por muitos outros irmãos. Na Terra muitos órfãos deixou, mas no plano espiritual viu chegar muitas crianças que a seu lado cantavam o amor e a gratidão.

Anita não olhou para trás e, no mesmo instante em que despertou do período de perturbação, iniciou o seu trabalho de luz no espaço, aceitando o desafio de fazer uma escola de amor para os Espíritos sofredores à espera da reencarnação.

## A vida sem Anita

A saída da cena carnal de Anita Borela deixou uma lacuna no movimento espírita do Porto, muitos órfãos e bons problemas. Sua equipe não sabia, ao certo, por onde caminhar, não conseguia orientar-se sem sua presença física.

No plano espiritual, aflita e entristecida, consolava-se com Abel que, sempre firme e sábio, orientava seus passos:

– Minha irmã, a confusão na Terra não é culpa tua. Tu bem sabias que partirias muito antes e que esse trabalho teria continuidade. O problema é que pela inferioridade dos seres humanos eles ainda são compelidos à adoração. Tu serias, para eles, a sacerdotisa que veio tomar o lugar do padre, e por isso não sabem por onde agir. O problema é que o movimento espírita precisa saber ter suas normas e regras. Toda organização é necessária para um bom trabalho. No teu caso, sabíamos que eras uma exceção. Tua facilidade mediúnica era enorme. Podias assistir os doentes, ver, falar e ouvir, saindo de um estado ao outro. Precisávamos de teu trabalho e, muitas vezes, te debilitaste e adoceste, tão grande era a doação. Mas, agora, precisamos mostrar ao A.O. e aos outros que cada um tem sua função no trabalho. Reuniões organizadas por assunto, horário para início e término, estudo efetivo, educação dos médiuns, atendimento aos sofredores, trabalho filantrópico, reuniões públicas e internas. Vamos, Anita, não te aflijas! Vamos tentar resolver essa questão. É natural a crise, mas tudo é providencial. O teu endeusamento é inevitável, o que importa é tua humildade perante o Criador e a consciência de que foste um ser comum com falhas também e que todos poderiam ser iguais a ti na mediunidade, se não medissem esforços. Vamos, o trabalho nos convoca. Hoje, tu te comunicarás em reunião mediúnica na cidade de Ubá para enviarees recado aos companheiros de lutas.

Os primeiros tempos de ausência de Anita foram efetivamente um período muito difícil para os espíritas do Porto de Santo Antônio. Não era falta de fé, mas falta de organização.

A.O. passava por momentos dolorosos tanto na vida pessoal como nas atividades espíritas. Ponderava, intimamente, como poderia estar

à frente de um movimento tão sério se o seu ritmo de vida se alterara e dos onze filhos, com apenas três encaminhados, havia oito por criar. Como se ajeitar se nunca percebera, nitidamente, quanto era difícil educar? Era jovem ainda e, sem ninguém se dar conta, chorou muitas noites pela falta de Anita, não por descrença, mas por falta da luz dos seus olhos firmes e da energia que brotava de seu ser.

Sabia ele que jamais sentiria paz tão grande como naqueles anos em que viveram juntos. Relembrava a época do namoro, do noivado e chorava a perda de alguém que não só amava, mas admirava infinitamente.

Poucos souberam na época, ou mesmo depois, da mensagem psicografada por Irthes Therezinha, de Ubá, em que Anita lhe falou ao coração <sup>(9)</sup>:

*"Alma amada de minha alma. Se pudesse tuas dores estancar, teu pranto enxugar e junto a ti caminhar, eu assim o faria, mas acima de tudo somos convocados a testemunhar nossa fé e semear a nossa doutrina. Pensa na Terra e vive à moda da Terra. És jovem, casa-te novamente, cria nossos filhos com a ajuda de outra alma e luta por nossas ideias. Da eternidade e pela eternidade velarei por ti, mas só através da luta e do trabalho poderei estar viva em teu coração. Sê hoje o líder incansável de tempos passados e não permitas que a chama se apague jamais. De coração amado a coração amado,  
Anita."*

Irthes recebeu esta mensagem na sua casa e a entregara a A.O. com toda a discrição. Ele, por sua vez, acalentou esse tesouro em seus pertences e seguiu à risca as suas instruções. Casou-se com Sinhainha, alma que, embora simples, tinha sua sabedoria e o ajudou a criar seus filhos e a cuidar da nova fase do Espiritismo na pequena Porto de Santo Antônio.

---

<sup>9</sup> Somente com a autorização de ambos é que relato parte da mensagem. (Nota do Autor.)

## Um homem obstinado

A vida se encarrega de nos dar lições que nos elevam ao encontro do Pai. A.O. precisou, por longo período de sofrimentos íntimos, provar na dor a sua fé. Era um homem obstinado, que não viveu apenas pelas causas da doutrina, mas pelas causas cristãs. Poderíamos dizer que dentro e fora do Centro Espírita ou do círculo de companheiros de luta era sempre o mesmo. Severo, amigo, direto e objetivo, ríspido até, quando necessário. Sua franqueza doía nas almas sensíveis. Seu natural bom humor se alterava ao deparar com injustiças de qualquer natureza. Era politicamente correto, lutou bravamente pelo progresso e tinha liderança na alma. Sua cultura era inegável e sua sabedoria, incalculável. Não tinha a docilidade de Anita e Abel, mas boa vontade e disciplina. Sua integridade moral foi responsável pela credibilidade do seu trabalho. Orador de renome, quando falava fazia almas desencarnadas iluminar-se através de sua lógica. Fez da Fundação Espírita Abel Gomes sua segunda morada e, respeitando sempre os preceitos do antigo mestre, procurava tornar-se melhor hoje do que fora ontem. Sua trajetória é recheada por belos casos, alguns até cômicos, mas sempre de grande lição.

Certa vez em sua residência aporta um senhor dizendo-se companheiro de ideal e por ali foi ficando e ficando, sem nenhuma predisposição para seguir seu caminho. Era um verdadeiro come-e-dorme, como se dizia naquele tempo.

Sinhaninha, desconfiada, pergunta ao marido:

– Como é, esse homem não vai embora?

A.O., já se sentindo explorado demais, resolve despachar o homem, mas por intuição decide se conter. Intrigado, vai à noite ao trabalho mediúnico da Casa e, no final da reunião, recebe o recado dos mentores:

– A.O., esse irmão é velho conhecido teu de outras eras, um perseguidor tenaz. Veio com a intenção de te desmoralizar, de te jogar na fogueira da maledicência. Tem cautela e paciência. Veremos o que é possível ser feito. No momento trata-o bem, com apreço até, e para espantá-lo de vez começa a ler para ele as obras de Kardec, princi-

palmente a parte que se refere a penas e gozos futuros. Conversa com ele como se ele dominasse o assunto. Recheia o tema com contos fantásticos e dramáticos e por suas pernas ele partirá como chegou.

No outro dia A.O. iniciou seu trabalho e notou como o hóspede ficava incomodado com aquele assunto. Seus casos chegavam a dar medo até nos companheiros de ideal quando por ali estavam. Perdendo o sono e a fome, menos de três dias depois, sem graça e com um aperto de mão, foi-se embora o visitante, que nunca mais retornou à casa dos Oliveiras.

A.O. era figura divertida demais. Com os fanáticos e apegados à prática excessiva tinha uma argumentação sempre pronta, que destruía qualquer excesso. Grande vulto, grande figura. Sempre quis conviver com ele, mas a distância entre nossas cidades era enorme. Nessa época eu já vivia em Aparecida e nem em sonho A.O. sabia de minha existência.

Na segunda etapa do trabalho espírita, após as modificações, as reuniões passaram a ter leituras novas, advindas graças à mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que, velho amigo de ideal, era chegado a todos os confrades do Porto de Santo Antônio.

Cada obra psicografada, principalmente as de André Luiz, era examinada e ponderada por A.O., que a comparava sempre com Kardec. As sessões passam a ter hora de término, pois horário de início sempre tiveram. Usam-se mais médiuns, evitando-se o desgaste físico. Orienta-se o estudo e inicia-se a preparação dos jovens na luta pelo ideal.

A Igreja persistia, como sempre, alfinetando essa ou aquela iniciativa, procurando desmoralizar o movimento. A.O., por sua vez, alia-se aos protestantes da cidade e ambos os grupos confraternizam, numa prova de amor universal sem entrar em questões religiosas. Isso era ser espírita naquele tempo. Qualquer mancha na conduta indicava o fim do ser social.

O grupo espírita, como qualquer outro, sofreu dissidências, porque muitos, achando que eram donos de mediunidade excepcional, pensavam que mereciam tratamento diferenciado e isto jamais ocorria.

A.O., Virgílio e Mário não admitiam *panelinhas*, privilégios; eram todos iguais. Com isso alguns se afastaram da Cabana Espírita e fundaram outra Casa.

Gostaria de abrir um adendo para refletirmos sobre isso:

O que é ser médium?

O que é servir através da mediunidade?

Eis a resposta dada a mim pelo Dr. Bezerra de Menezes:

*"Ser médium é ser humilde servidor de Jesus.*

*É aprender a se doutrinar, a expandir o coração, a desapegar-se de sentimentos infelizes e abrir os braços àquele que sofre.*

*É ser mensageiro fiel das dores alheias, mas que possa através do coração bondoso transmitir ao comunicante o amor cristão.*

*Servir na mediunidade é servir a Deus, compreendendo que somos menos que uma minúscula célula.*

*Somos imperfeitos e temos que sofrer e estudar para atingir o equilíbrio do corpo-perispírito-alma.*

*Ser médium é compromisso na vinha do Pai que, para ser cumprido, requer que se anulem as inclinações, se acalmem os instintos, se equilibre o corpo, desde a comida que entra e a palavra que ecoa.*

*Ser um bom médium é ser aquele cristão, o verdadeiro, que sempre trabalhou e trabalha com Jesus pela paz da humanidade.*

*A disciplina também é elemento fundamental, a vibração, o treino na meditação.*

*É agir na medida correta entre o bom e o sensato.*

*É ter conduta reta e consoante com os princípios das Leis Divinas.*

*Mediunidade é escola graduada que para nela ingressarmos só pede duas coisas essenciais: amor e disciplina."*

Será que temos seguido esse roteiro? <sup>(10)</sup>

---

<sup>10</sup> O maior entrave ao progresso moral está relacionado com a vaidade, sentimento que nos faz ver e agir impensadamente ou, em muitas vezes, de forma calculada. Na Igreja Católica, isso é visível na falsa humildade do sacerdote; entre os protestantes, nas colocações alusivas à conversão em Jesus; entre os evangélicos, no poder a eles supostamente concedido de permitir a felicidade terrena; entre os espíritas, na vaidade que acomete muitos líderes da área da mediunidade.

É muito triste esta constatação, pois no plano físico só se realizam verdadeiramente os planos edificadas no plano espiritual. Nada que fuja à normalidade tem o aval dos nossos protetores. Bem sabemos que os projetos das zonas infelizes têm "seus êxitos", mas como é dolorosa a estatística de nossos projetos falidos. Preparam-se médiuns, oradores, sacerdotes, missionários para a determinado grupo se ligarem e produzir o bem, acalmar os aflitos, reerguer os caídos e, uma vez no plano físico, quantos atos reprováveis!

O trabalho no Porto de Santo Antônio seguia seu ritmo normal. A.O. adquiria a cada dia o tom melhor nas suas explicações. Assíduo leitor e investigador tenaz, iluminava os corações aflitos. Na Fundação Espírita Abel Gomes as meninas eram criadas e saíam somente para o casamento, tornando-se boas e prendadas donas-de-casa. Os problemas financeiros eram contornados, mas o que mais aborrecia A.O. eram as crises no meio espírita. O favoritismo, a fofoca, a indisciplina, tudo isso o preocupava.

Certo dia, acabrunhado, recebe convite para proferir palestra em Ubá, e no dia marcado vai até o encontro de amigos estimados. Após a reunião, Irthes o procura e, com sua docilidade costumeira, lhe diz baixinho:

– A.O., Anita e Abel estão aqui me pedindo que transmita ao senhor um recado.

– Oh! minha filha, que coisa boa!

– Eles lhe dizem: *"A.O., as criaturas são o que podem ser. É preferível uma engrenagem velha, precisando de reparos, a nada. É importante para o seu crescimento plantar, cultivar, semear e no fim colher não só os frutos bons, mas as ervas daninhas. É mais importante falar a ouvidos um pouco surdos do que conversar com o vento. É melhor servir do que ser servido. É melhor dar as mãos aos caídos do que anular a si mesmo. Siga Jesus, viva Jesus e compreenda o seu compromisso."*

Ao terminar, Irthes, emocionada, abraça A.O., que, não contendo sua emoção e dada a intimidade já conquistada, aconselha-se com aquela alma luminosa que também sofria as mesmas aflições. Irthes Therezinha era, como Anita, um feixe de luz para todos os sofredores, uma verdadeira cristã, uma grande alma.

A cada dia uma conquista, um lenitivo, um amparo espiritual e a cada instante uma lição – e na vida de cada um de nós quantas lições amontoamos na existência. A.O. teve muitas e tirou proveito de muitas delas para ilustrar seus comentários, emoldurar suas palestras, recheiar seus artigos.

---

Não existem, como se sabe, receitas absolutas para a vitória do cristão, mas ninguém ignora que o bem só é possível quando seguimos e pomos em prática as lições de Jesus contidas nos Evangelhos. Aqui, no plano espiritual, trabalhamos em sentido cristão, não nos dividimos em segmentos, pois o que realmente importa é o trabalho com Jesus. (Nota do Autor.)

Um dos assuntos que ele mais abordava, e muito bem, era o fanatismo religioso.

Certa ocasião, atendendo a um pedido do Rio de Janeiro, escreveu uma página ilustrativa para um jornal espírita. Sentara-se para elaborar a composição em que inicialmente escreveria sobre a reencarnação, tendo até escrito alguns trechos, quando o companheiro de luta Mário Vitoriano chega à sua casa interrompendo sua reflexão. Refere-se Mário a alguns seguidores de um grupo que se dizia espírita e, no entanto, adotara no Centro há pouco fundado umas regras estranhas, supostamente a mando dos mentores espirituais.

– A.O., a que ponto chegamos! Acredite você que até nos objetos eles dizem sentir a presença de Espíritos, cada coisa absurda, que acho que não seguem Kardec.

– Ah! Mário, Mário, se você quer saber mesmo minha opinião, há gosto para tudo e a prática espírita nem sempre está aliada ao verdadeiro Espiritismo. Como sabemos, a prática da mediunidade pertence a muitas seitas e em cada uma os significados variam, a utilização é outra. Deixemos a cargo de Deus a interferência.

Após despedir-se do amigo, A.O. retorna ao escritório e, ao pegar a caneta, recebe intuição de escrever sobre o fanatismo religioso. Flui, naturalmente, belíssima página que retomaremos parcialmente, neste instante, para reflexão:

*"Crer é importante. Seguir o caminho do bem é essencial, mas pensemos muito o que seguir e como o fazer. Pensemos primeiramente se o que nos pede a religião, seita ou princípio que seguimos como código de conduta, fere as Leis de Deus. Se não, está realmente de acordo com elas? Ilustra-nos com lógica os desígnios da existência? Aponta-nos o caminho da paz interior, da conquista de nossa paz espiritual? É consistente nas normas que impõe? Traz na sua essência o contato harmonioso com a natureza? É coerente, concisa e revestida de amor? Pensemos muito e ponderemos que o maior mal não é o mal de que fugimos, mas o que existe dentro de nós. Necessitamos urgentemente da reforma íntima, da harmonia do corpo, veículo abençoado que nos permite usar a lógica. Busquemos sempre o equilíbrio e, acima de tudo, busquemos a Jesus. O fanatismo foi abominado por Ele, que proclamou que onde duas ou mais pessoas estivessem reunidas em seu nome ele ali estaria. Mas somente está quando nós proporcionamos a ele um ambiente favorável que só se*

*conquista com amor, humildade e sentimentos puros. Pensemos em Jesus, busquemos Kardec e acima de tudo caminhemos na direção de Deus.”*

No esforço de cada dia pela causa espírita, A.O. encontrou muitas amarguras. Ora um comentário malicioso, uma falsidade no próprio círculo de companheiros, ora uma cobrança de atitudes. Certos momentos foram desestimuladores para ele, um homem que gostava do desafio, mas abominava a hipocrisia. A.O., poderíamos definir como aquele de quem se tiravam até as calças, quando a causa era nobre, mas que fechava completamente o semblante para aquele que se apresentava com falsidade. Jamais admitiu o uso do Espiritismo em favor próprio e, mesmo se esforçando, custava a sorrir para aqueles que o feriam profundamente. Muitas vezes bem que tentou, mas não se muda da noite para o dia, embora controlasse bem suas emoções. Hoje, na espiritualidade, ele reconhece que deveria ter sido mais tolerante, menos exigente, pois só depois do desligamento do corpo físico compreendeu que não se pode cobrar daqueles que não se conscientizam da dívida, que valores nobres não se impõem a ninguém, que a boca professa, mas o coração nem sempre sente.

A.O. era assim, transparente demais, honesto e severo ao extremo consigo mesmo, com seus filhos e companheiros.

Certa vez, na lida diária, se abateu muito pela vaidade exagerada de certo companheiro e resolveu, então, fazer uma palestra a respeito. Chegou à Casa Espírita com gosto, mas ao iniciar a reunião “escutou”, por intuição:

– A.O., o tema deve ser: “Amor ao próximo e tolerância com todos”. Quem é você para querer ditar regras aos outros? Seria muita pretensão de sua parte!

Ruborizado, inicia a palestra dando outro rumo à sua fala.

Hoje, na espiritualidade, conta esse episódio para ilustrar a companheiros de jornada que nós temos o péssimo hábito de julgar, de exigir. Ele mesmo reconhece que, embora em seu lar todos tenham comido do mesmo pão e sorvido os mesmos ensinamentos, muitos de seus descendentes pouco sabem da Doutrina iniciada por ele e Anita. Muitos tiveram e têm deslizes com valores e comportamentos, mas só hoje pode compreender que nada é hereditário, a individualidade escolhe o que quer ser e fazer de sua jornada. Que os preceitos são passados pelos pais, mas os valores são escolhidos pelos filhos.

Não se pode exigir de um filho, um neto, o mesmo pensamento, o mesmo gosto, e, embora leiamos os mesmos livros, a interpretação é individual, o sentimento é pessoal e a maneira de ver a vida terrena e espiritual é particular. Podemos apenas dar conselhos, controlar por algum tempo, mas viver a vida do outro jamais, impor religião nunca. Exemplificar apenas.

O maior medo era a não continuidade do ideal. A.O. às vezes tinha a nítida impressão de que todo aquele movimento, aquele envolvimento com a doutrina, estivesse com os dias contados. Vislumbrava ele o quadro do futuro, pois viver a doutrina requer disciplina, perseverança, humildade e amor. Ser cristão é ser cristão mesmo.

Eu, às vezes, me questiono: Por que será que o espírita tem o péssimo hábito de querer ser o dono da verdade? Não que em outras religiões as pessoas não o queiram ser, mas isso não se dá tão ostensivamente. O problema de tantas desavenças e dissabores no meio espírita é a vaidade excessiva, o endeusamento descabido.

Na cidade amada por Abel Gomes, onde coisas tão belas brotaram, onde a fé e o amor falaram mais alto, de repente é como se nada tivesse ocorrido e se por algum tempo se houvessem apagado da memória os benefícios, caindo-se no ostracismo. Foram reuniões e reuniões sem proveito algum. Foram divergências enormes causadas pela invigilância. O Espiritismo se *popularizara* no pior sentido.

A.O. via então nos jovens a esperança de dias melhores. Seus filhos já se haviam espalhado pelo Brasil. Iniciou então um trabalho com pessoas da cidade que ainda não tinham se contaminado pela vaidade. Experimentou então alegrias e tristezas, mas muitos dos jovens que com ele conviveram tiveram o privilégio de aprender as coisas de forma correta.

Até o fim A.O. lutou pela causa espírita, vindo a falecer em setembro de 1975, aos 67 anos de idade, voltando lúcido ao plano espiritual e demonstrando que havia compreendido perfeitamente a lição da vida.

Como já mencionei, ele trabalha ardorosamente no plano espiritual na seara do Mestre Jesus, ao lado do professor e tutor Abel Gomes.

## A visita de uma velha amiga

Quando ainda na carne, sofria eu as duras provas que tinha consciência de que me eram inevitáveis, caindo muitas vezes em profunda tristeza ao me ver privado de uma família carnal, de filhos para conduzir, de netos para afagar, da extensão dos laços sanguíneos. Chorava sempre na calada da noite e rogava tanto a Jesus que me fortalecesse, pois que muitas vezes me achava despreparado para consolar almas aflitas pelo sofrimento em que vivia.

Sempre fui amparado, como já informei anteriormente. Devo dizer que, na verdade, nos anos de sacerdócio muitos sermões e conselhos foram transmitidos pela influência sempre viva de Abel Gomes e Bezerra de Menezes, pois de mim mesmo muitas vezes senti o desejo de aconselhar outras coisas. Com isso me doutrinavam, me educavam no Evangelho do perdão, e aprendi aos poucos a serenidade, a sabedoria com os cabelos brancos e cresci em busca do Mestre amado.

Certa vez, saudoso e entristecido, chorando em meu quarto a dor da solidão, tive a visita da querida amiga Juliana, cuja ligação à minha alma só depois de desencarnado pude lembrar. Ela chegou-me vestida de luz e pela sua aparência percebi que seu Espírito possuía envergadura correspondente à de Bezerra.

Ela afagou-me os cabelos, pegou minhas mãos entre as suas e me disse:

– Oh! meu querido amigo. Como me alegro de ver-te chorar pela falta de amor, pois que aprendeste então como ele é o único bálsamo para as nossas feridas. Se te lembrasses, compreenderias quanto deixaste para trás e como corrompestes tua alma pelo veneno da insensatez. Contudo, confia que a tempestade retira de nossas almas tudo aquilo que plasmamos e muito breve no caminho da liberdade terás o direito do reencontro com seres amados que te amam muito também.

Minhas lágrimas rolavam e disse-lhe apenas:

– Quem é você, alma querida? Sei que a conheço, mas pela dificuldade da matéria não a reconheço.

– Sou Juliana, Vítor, apenas uma alma que te ama e vibra todos os dias pelo teu sucesso.

Beijou-me a fronte emitindo um banho de luz e partiu.

Desde aquele encontro, algumas vezes a via e ao deixar a carne despertei em seus braços, no plano espiritual. Foi ela quem me ajudou a rever o passado cheio de dor e de desenganos.

Portanto, não tenhamos pressa ao vermos que certos projetos não se concretizam, que certas almas não se equilibram.

Eu, o Vítor que por engano querem santificar, levei muitos séculos para pagar os erros cometidos. Alegro-me hoje e sou feliz. Não sei o que é solidão, pois tenho uma linda família na espiritualidade e posso visitar e aconselhar, nos encontros noturnos, os meus laços perdidos. A vida é cheia de oportunidades, oremos então ao Pai por todas as almas perdidas para que alcancem a luz.

## A dureza das provas e sua utilidade

Tive na vida terrena muitas chances e ensinamentos que me ajudaram a crescer e a banir os ventos fortes do passado. Fui brindado com a luz da vidência, que me permitia estar junto de almas bondosas e amigas. Jamais estive só ante os problemas da vida, contando sempre com a inspiração divina. Senti a solidão de um lar vazio, a sensação de uma árvore sem frutos, embora fosse pai de muitas ovelhas desgarradas nesse período. Tive comprovações diversas da reencarnação no contato com pessoas diversas, obtendo de cada caso uma lição, uma comprovação da bondade de Deus.

Certa vez, recebi uma visita em minha paróquia de um grupo de jovens seminaristas do Rio Grande do Sul, pertencentes a uma ordem muito rígida. Vieram a Aparecida para orar e peregrinar. Entre eles reencontrei um velho conhecido: Padre Alberto, que fora seminarista como eu e escolhera outra ordem para seguir. Abraçamo-nos saudosos e ele, humildemente, me falou sobre o seu trabalho comunitário. Evangelizava os pobres, alfabetizava e ensinava ofícios. Sua ordem exigia o voto de pobreza e o uso de sandálias nos pés, à moda de Francisco de Assis. Dormiam em tábuas comuns, forrada simplesmente, sem o menor luxo ou conforto.

Olhei aquele homem tão sério e, antes que dissesse algo, comentei:

– Como é a vida, meu irmão! Sempre desejei a simplicidade e olhe o que me foi reservado. Vim para um palácio de pedras e lido com fanáticos de toda a espécie.

Ele sorriu e me disse:

– Cada um no seu lugar, Vítor. Não penses que onde vivo não me vem à mente o desejo de estar bem instalado. É um imenso aprendizado e uma dura provação. Sou resignado e consciente. Tenho sonhos, no entanto, que me aliviam a alma, nos quais me vejo em tempo distante vestido com pesadas roupas de sacerdote... Será uma projeção mental? Tenho sofrido muito com visões na vigília das orações, porém, nas súplicas constantes, quando em desespero supliquei ajuda, vi certa vez um homem muito sereno e bondoso que me mandou vir até aqui, junto a essa caravana, dizendo-me que neste

lugar acharia as respostas. Eis-me aqui, então, junto de ti, meu amigo. Será que é de ti que receberei as respostas?

Instalei a caravana, acomodei meu antigo conhecido em meus aposentos e conversamos longamente sobre suas recordações. Eles ficaram ali uma semana e foi o tempo suficiente para tudo compreender. De volta à sua missão, o franciscano retomou a obra e deu-lhe um novo brilho. Escrevia-me sempre e numa de suas cartas me disse que a dureza de sua cama lhe fazia perceber a aspereza de sua alma. A alegria dos assistidos, no entanto, abrandava sua culpa diante do Criador e os seus gestos gratos lhe davam a certeza do amor divino sobre sua vida. "Sou – disse ele na carta – infinitamente grato pela luz da imortalidade que me permite rever os erros e poder buscar o Mestre e o Criador."

É assim que todos nós devemos pensar.

Bendita seja a dureza das provas, porque sem elas não poderíamos renovar nossa mente e saldar nossas dívidas para com o Criador da vida.

**Tobias**

Tenho buscado a paz em tudo que faço. Tenho buscado o amor em tudo que dou. Tenho buscado Jesus no auxílio ao que sofre. Tenho buscado a paz na edificação das horas vazias. Tenho procurado ser hoje melhor do que fui ontem e, acima de tudo, tenho buscado o perdão pelas ofensas que cometi, do mesmo modo que procuro perdoar as ofensas recebidas. Essa busca não é fácil, mas produz, no final, resultados palpáveis, como podemos ver no caso que se segue: o caso Tobias.

Na pequena cidade do interior paulista onde estive nos últimos dias de minha jornada, uma criatura afável me era cara ao coração: o querido Tobias. Andarilho, beberrão de tempos atrás, que perdera a consciência não identificando mais de onde viera, se possuía família ou qualquer profissão.

Quando me estabeleci em Aparecida, todos o repugnavam por sua inconveniência. Quanto a mim, sentindo-me na obrigação de ampará-lo, acolhi Tobias em casa, dando-lhe pouso, comida e pequenas obrigações.

O tempo passou e ele se tornou um excelente jardineiro. Muitos se esqueceram do que fora, mesmo porque, debilitado pelos excessos da vida e com várias limitações, Tobias amolecera o coração às rogativas do bem.

Amava Jesus acima de tudo, flores de diferentes espécies produzia para adornar o altar e desenvolvera grande sensibilidade ante o sofrimento alheio.

Certo dia, com simplicidade, ele me disse:

– Padre Vitor, eu sei o seu segredo! O homem barbudo me contou.

– Que homem, Tobias?

– Um tal de *Bezerra de Menezes*... Ele é bonzinho e quando chega aqui sua luz se *espaia* pela igreja e ilumina o que está por perto. Ontem vieram ele e o outro, seu Abel, e me disse: “Tobias, cuida bem das flores, que no céu Jesus irá te dar um jardim mais belo”. Sabe, seu Padre, eu sei que o senhor sofre por não falar que conversa com os

homens do céu, mas já aprendi que terei que *vortá* pois errei muito e não serão essas poucas horas que me levarão ao paraíso.

Chorei de emoção, pois nunca lhe dissera nada a respeito. Poucos dias depois, Tobias faleceu e até a minha partida ele vinha me trazer lindas flores espirituais nos momentos de tristeza. Hoje, já de volta ao corpo físico, traz grande compromisso no bem que rogo a Jesus que seja cumprido, pois grande ajuda trará aos que sofrem.

Meus irmãos, a simplicidade da alma é o caminho, a luta é o veículo, a fé é a bênção do porvir.

## A lição das flores

Deus em sua infinita misericórdia nos brinda com oportunidades diversas para a reparação de nossas faltas. Eu, ser errante, que já revelei um pouco do que fui, posso afirmar que qualquer situação tem fim ou solução. Nada é eterno no tocante aos erros. Somos predestinados ao acerto e à luz.

Compreender isso exige, porém, que convivamos com seres diferentes em valores e objetivos. Para termos um bom relacionamento com os outros devemos respeitar seus pontos de vista, compreender as diferenças, aceitar as criaturas e, acima de tudo, amá-las. Nada nos vem por acaso. As uniões na carne são planejadas para a reabilitação passada e sempre surgirão no caminho os espinhos, as dúvidas, o desejo de abandonar o barco, a vontade de se lançar em novas relações e projetos.

Ainda encarnado, acolhendo criaturas que buscavam conselhos de minha parte, jamais gostei de ouvi-las no confessionário e tive problemas por isso. Gostava de olhar nos olhos, segurar as mãos e falar de coração a coração.

Num desses momentos fui certa vez receber um casal que trazia doações para a igreja. Olhando os olhos da mulher vi neles refletido um grande sofrimento. Peguei-a pela mão e fui até o jardim de Tobias mostrar-lhe as flores e as plantas. Encantada com o gosto das cores misturadas às folhagens, ela admirava a sensibilidade do jardineiro, humilde como era, e prestes a partir, porque isso ocorreu pouco antes de sua desencarnação.

Tobias colheu uma linda flor mesclada, ofereceu-a à mulher e lhe disse:

- O que vê aqui, minha senhora?
- Uma bela rosa, meu irmão.
- Observe suas cores, vê que não se misturam? Sabe por quê? Uma jamais ofuscará a outra, elas se respeitam e se uniram para brilhar juntas e agradar a todos. Aprenderam a dividir as responsabilidades, as alegrias, e a cada florada estão mais belas.

A mulher olhou Tobias e perguntou:

- Que queres me dizer, bom homem?
- Eu, nada. A dona deste jardim é que me manda dizer-lhe: “Minha filha, jamais espere a perfeição, a realização total dos seus ideais femininos, pois que, sem renúncia e concessões, continuará junto ao seu companheiro, um buscando ofuscar e abafar o outro, e nessa união só reinará a paz se dividirem até mesmo as decepções”.
- A jovem senhora, espantada, olhou para mim e perguntou:
- Como ele sabe tudo de minha mente, padre?
- Ele escuta a voz dos anjos, minha filha, nada mais que isso.
- Tobias arrematou o diálogo dizendo ainda:
- Vê os espinhos? Eles existem para que aprendamos a valorizar as boas coisas da vida. Portanto, dúvidas, momentos difíceis, todos nós temos, tanto vivendo em solidão como em família. Não existem momentos certos ou errados e sim momentos evolutivos diferentes. Escolhas individuais nos permitem a melhoria ou o aumento das dificuldades de nossa caminhada. Apenas lhe lançam a questão: “O que deseja realmente desta jornada? Um caminho de acertos ou de tropeços? No de acertos também ocorrerão dúvidas, choros e sofrimentos, mas com a certeza de que aquele que se propõe a ele jamais permanece sozinho em seus projetos de paz”.

## Rosarinha e o inimigo do passado

Seguiam os dias e noites sem um fim aparente para as nossas preocupações, ora muito grandes, ora menos sérias, como as que surgem no dia a dia. Tinha muito temor das minhas palavras, de que elas fossem mal interpretadas ou confundidas com ordens.

O papel de um padre era muito respeitado naquela época. Existiam os bajuladores do perdão, os generosos que queriam atendimento exclusivo. Hoje percebo que não é muito diferente nas demais religiões.

As criaturas têm necessidade de serem valorizadas pelos gestos, pelos dons, pela posição social. Um ser errante como fui, que mergulhou no mais fundo poço da hipocrisia para conseguir seus títulos, tinha verdadeira aversão a estas coisas, mas tive que com elas conviver num misto de aprendizado e resgate.

Bem, a história que irei contar ainda hoje me impressiona as lembranças. Certo dia, numa visita que costumava fazer aos fazendeiros da região, arrecadando fundos para as obras assistenciais, cheguei à fazenda Vida Nova.

Fui recebido com muito carinho pelos colonos e proprietário. Abençoei as crianças, o gado e coisas das minhas obrigações e costumes da época. Estranhei, porém, a ausência de Maria do Rosário, esposa do Sr. José Henrique, proprietário da fazenda. Ao questioná-lo, o homem desarmou-se e deu vazão à sua tristeza.

– Ah, padre, está uma lástima minha vida conjugal! Rosarinha está muito estranha, acho que endoidou. Já ocorreram muitos casos parecidos na família... A avó, a tia, a irmã, todas elas, ao chegarem aos 30 anos, ficaram assim.

– Assim como, José? O que ocorre?

– Não toma banho, não come à mesa, vive enfiada nos matos, alimenta-se com as mãos, os cabelos ficam eriçados, não fala, solta grunhidos. Dá medo de ver!

– E por que não buscaste ajuda, meu filho? Por que não vieste à igreja me chamar?

– Ah, padre, bem que eu quis, mas só de pensar a coisa piora! Parece que adivinha e avança em cima de mim e nos homens da fazenda. Ninguém sai, ninguém entra. Hoje, como o senhor veio sem avisar, nem sei dela. Sumiu desde ontem no final do dia. Com certeza só aparecerá com sua saída.

– José, pois eu não saio daqui sem ver Maria. Isso é falta de fé, meu filho. Deus é Pai de amor e bondade. Vamos orar e achar uma solução.

– O senhor é que sabe, mas vai dar canseira.

– Pede que todos se reúnam na capelinha. Vamos orar e depois procuraremos por ela, se ela não aparecer.

Juntos na capelinha, unidos em oração, suplicamos por Rosarinha. Conectado com Bezerra de Menezes, pedia a ele orientação. Via a jovem mulher na mata, toda arranhada e assustada; parecia um bicho, tamanha a subjugação. Via a entidade infeliz a comandar-lhe os pensamentos.

Pedi e supliquei aos irmãos das tribos indígenas e africanas que agissem por misericórdia. Um belo índio, banhado de luz e amor, então apareceu e retirou dali o obsessor para esclarecimentos. Rosarinha, livre da influência, voltou a si, sem entender nada de nada, sem se dar conta do que se passara. Era, portanto, preciso agir, pois estava fraca e debilitada.

Saindo do transe, expliquei a José onde ela estava e, em menos de meia hora, tínhamos Rosarinha no leito, assistida por Manuela e Socorro. Mandamos buscar um médico. Ela permaneceu em sono profundo por uma semana. Fiquei por lá, velando e orando, auxiliando-a no transe reparador.

José Henrique nada compreendia, mas estava feliz por ver a esposa em casa, banhada e cheirosa, embora imóvel no leito. Tive orientação de Bezerra, que atribuiu o episódio a um velho perseguidor da família. Seria necessário muito cuidado para que ele não voltasse. Para tanto, como o casal ainda não possuísse filhos, logo que possível seria providenciada a vinda de um bebê para ocupar Rosarinha e com isso burlar o assédio do obsessor. O Espírito reencarnante seria um amigo, um filho do passado.

Os dias se passaram, os meses se seguiram e um ano depois eu os vi na igreja, trazendo uma bela menina para ser batizada, Vitória Augusta. Recebeu este nome que tinha um significado compreensível.

Os anos se passaram, outros filhos vieram, um atrás do outro, e hoje, eu aqui, eles aí no corpo carnal, muitas têm sido as lutas, muitas as dificuldades, mas também uma convicção viva na força da oração nos conforta. Ainda hoje José Henrique e Maria do Rosário se reúnem na capela e oram agradecendo as bênçãos do Pai de amor e bondade.

## Moisés

Sei que posso contar sempre com a paciência dos amigos da espiritualidade que se esmeram em ouvir minhas lamentações, histórias do passado, e explicam com muito carinho as leis justas para que eu, Espírito rebelde, aprenda a lição.

Sou ansioso por resultados, portanto fico a esperar com muita expectativa o acerto, a ponderação. Sinto que sou um tanto cansativo para meus amigos. Abel recomendou-me, para não precisar advertir-me, que escreva casos e mais casos, ora da vida física, ora da espiritual, para ilustrar os fatos e, principalmente, para diminuir a minha ansiedade.

E ainda me chamam santo? Que hipocrisia! Que engano! Sou mais devedor que muitos que estão na carne. Como posso ser santificado se ainda se refletem em mim os erros do desengano e me ressinto de alguns problemas ainda não resolvidos. Não! A santificação é algo muito distante de mim.

O caso que vou relatar é bastante interessante e devemos observá-lo com muito cuidado.

Na pequena cidade de Aparecida, o fervor das carreatas, as peregrinações de fiéis vindos de tão longe nos faziam conhecer criaturas diferentes e algumas nos marcaram a existência, por suas histórias e sacrifícios. Procurava eu minimizar suas lutas, recomendando recolhimento em oração, buscando com delicadeza demonstrar-lhes que não havia necessidade de tanto culto e tantas promessas descabidas. Alguns sim, outros não, compreendiam nossas palavras.

Moisés era um ajeitador de peregrinos, como o chamavam. Organizava as caravanas no seu lugarejo, colocava a turma no ônibus e lá ia e vinha por longos anos. Jamais pusera o pé dentro da catedral, o máximo que fazia era chegar perto do jardim de Tobias. Trazia mudas, levava outras e somente conversava com meu fiel servçal.

Certo dia aquele homem me chamou a atenção: uma senhora de sua caravana, com dificuldades de locomoção, pedia-lhe ajuda para adentrar a igreja. Ele firmemente se recusou a conduzi-la e, ante o desespero da mulher, pediu que Tobias o substituísse, o que pron-

tamente se deu. Quis abordá-lo, mas ele se esquivou e se refugiou no jardim do amigo.

Após o burburinho do fim de semana, junto a Tobias, fui perguntar sobre Moisés e aí soube sua história. Ele abominava a Igreja, as promessas, as manifestações fanáticas, não admitia os ritos e os cânticos. Não aceitava as pregações e os dogmas católicos.

Perguntei então, intrigado, a Tobias:

– Por que ele vem tantas vezes a Aparecida? Seria pelo ganha-pão?

– Não, seu padre, ele não ganha nada com isso. É promessa da mãezinha dele e ele cumpre em respeito à alma que se foi. Ele me disse que, quando recusa, ela aparece e o ameaça e diz que enquanto ele viver terá que cumprir. Mas ele não aceita, pois que tudo o que possuíam na vida a mãe deu para a Igreja. Ele é filho de um padre que o renegou para tornar-se bispo e a mãe fez tudo isso para pedir perdão a Deus. Era rica e seus bens foram todos doados, na viuvez. O povo pensa que ele é filho do marido, mas não é, não. Ele vê o homem que o acusa de bastardo, a mãe que o ameaça, e o bispo que pelo remorso se arrasta pelas sandices que fala. Oh! seu padre, acho bom o senhor conversar com ele. Pede pro barbudo *libertá* o Moisés. Ele sofre muito!

Após um mês, ao retornar à cidade, de acordo com Tobias, nós nos encontramos e, após longa conversa, esclareci a ele o que ocorria e como combater os obsessores. Bezerra e Abel o ajudaram.

Moisés teve paz e passou a vir à cidade de tempos em tempos me ver. Tornara-se espírita e em outras paragens passou a viver. Ainda hoje mantém a vida reta. Seu nome, sua história mantém em segredo. É grande colaborador da vinha de Jesus e hoje organiza grandes caravanas para saciar a fome de Jesus de corações atormentados e infelizes.

Moisés é um grande exemplo de amor, pois que jamais se revoltou por seu passado e compreendeu que só o amor aquece a nossa alma e nos dá paz para prosseguir.

### **A mais infeliz das criaturas**

Não há dor que resista à fé. Não há espinho que fira o amor. Não há mal que resista ao bem. Não há vitória que se faça na falsidade. Não há luta sem pranto. Não há pranto sem aprimoramento. Não há veneno que prejudique uma alma sã. Não há solidão para aquele que busca o amor. Não há problema sem solução. Não há tormento que não tenha fim. Não há evolução sem mudanças. Não há saudade sem partida. Não há crescimento pessoal sem novas lutas.

Quem fica parado ou é pela preguiça ou pelo medo das ondas cíclicas, que são inevitáveis. É preciso ter sempre a mente aberta aos que vêm, aos que vão, imaginando que tudo se renova, aceitando o que é necessário e importante. Não podemos solucionar o problema do outro, apenas auxiliá-lo.

As depressões e as angústias, para mim, são a mesma coisa. O angustiado é, na realidade, um grande egoísta, pois não aceita as modificações do caminho. O desesperado é o desajustado que se afasta da fé e do amor. O melancólico é aquele que parou no tempo e no espaço. O mal-humorado é aquele que sempre foi poupado. O pessimista é o inconformado com as vitórias alheias.

Trabalhar é necessário, operando na alma o cultivo da alegria, da bondade. Quem observa a beleza das pequenas coisas absorve a sensibilidade para ver a grandiosidade do Criador. Não são os palácios que são belos, mas os seus jardins floridos. Não são as roupas que nos fazem graciosos, mas o hálito mental, o sorriso, o tratamento dado ao outro.

Certa feita, chegou-me ao confessionário uma rica senhora dizendo-se a mais infeliz das criaturas.

– Padre – disse-me ela –, tenho joias, mas não me agradam. Tenho roupas, mas não me caem bem. Viajo, mas não gosto dos lugares. Choro e me sinto infeliz.

– Minha filha – respondi-lhe –, vamos resolver já esta questão. Doe algumas joias às instituições de caridade. Dê algumas roupas aos pobres. Pague viagens de necessidade aos infelizes. Retire tudo o que está sobrando no caminho e dê um pouco de você em forma de

sorriso, de luz aos necessitados. Você não tem problemas, minha filha, mas os meios para solucionar tantos males.

Chorando copiosamente, ela se retirou e me perguntou:

– Nada para a Igreja?

– Não, minha filha, a Igreja não necessita de mais ouro, mas Jesus necessita do amor que brote além dessas paredes. Vá e faça a sua parte.

Ao partir deste mundo, deixei a boa senhora no comando de muitas lutas, lutas no bem. Ela aprendeu a lição do amor, a lição da caridade.

Procuremos olhar os nossos males como luzes que nos fazem crescer em busca do Criador. Semeando a alegria verdadeira nas relações humanas, aceitando as mudanças, porque sem elas não cresceremos. Tudo é passageiro, menos o amor e as boas ações.

## A menina enjeitada

Amanheci certo dia tomado por uma melancolia profunda. Sentia-me arrastar pelo aposento. Vagueava os olhos perdidos, sem saber o que fazer. Voltei ao leito, mas não deveria, embora pudesse justificar a indisposição física com uma provável gripe.

Mas o dever me chamava. Tinha várias tarefas naquele dia e o programa do rádio a preparar. Eu diria o quê? Estava tão apreensivo e não sabia por quê. Sentia as mãos suarentas, a testa gelada, o coração apertado. Fui com esforço. Tomei um café e busquei o jardim, o ar puro.

Era muito cedo ainda, não passava das 6 horas. Sentado no velho banco de Tobias, busquei a sintonia com Jesus e a tranquilidade necessária para o dia, meditando e acalmando a minha inquietação. Percebi o efeito benéfico da oração e daquele encontro com o Criador, íntimo e único, onde extravasamos nossas angústias, despimos nossas mazelas.

É importantíssimo orar, fazer o saldo diário, buscar lenitivo e força na fonte do Criador!

Refeito e mais bem-disposto, passei a observar a beleza da natureza e vislumbrei no meio das roseiras coloridas de Tobias uma cesta enorme. Chegando mais perto encontrei uma linda criança, embrulhada em panos finos e bem cuidados. A bela menininha rosada e serena deveria ali estar desde o entardecer. O sereno e o vento a deixaram gelada. Dormira de fome e, embora denotasse ter sido bem cuidada até ali, já dava sinais de prováveis problemas. Acalentei-a rapidamente, buscando, ao mesmo tempo, aquecê-la em meus braços.

Busquei a boa Severina, vizinha e prestativa colaboradora da igreja. Ao bater à sua porta, a mulher bondosa deixou para trás o espanto e as perguntas, pegou a pequena nos braços e, num gesto instintivo, deu-lhe o peito que a criança passou a sorver com muito agrado.

Severina tivera um filho fazia pouco tempo, um menino que, tendo nascido debilitado e com retardo mental, morrera aos quatro meses de idade. Seu companheiro de jornada possuía tipo sanguíneo in-

compatível com o dela e somente mais tarde perceberam que jamais deveriam gerar filhos, fato que podia até mesmo causar a morte de Severina.

Ela era uma flor de mulher, ainda jovem. Filha de lavradores, tivera sempre o sofrimento nos dias da existência, porém, devota de Nossa Senhora, era um anjo de bondade para com todos que a procuravam.

Alimentada e aquecida, a criança foi posta por Severina em um leito para o repouso aconchegante, na mesma cama onde José, seu companheiro, dormia ainda. Depois foi até a cozinha, fez um café e juntos fomos vasculhar a cesta em busca de pistas. No fundo dela achamos um bilhete que dizia:

*“Vim de muito longe trazendo o fruto de meu pecado. Jamais poderei criar minha filha. Tenha piedade, senhor, e a encaminhe aos braços de quem a queira criar. Seu nome, não escolhi. Nasceu aos vinte e um dias de janeiro, está com quarenta dias. Jamais revelarei quem sou, mas deixo no fundo desta uma boa soma em dinheiro. Que Deus tenha piedade de mim.”*

Severina, vasculhando a cesta, encontrou o dinheiro e ambos nos assustamos com a quantia.

José, ao levantar-se, veio alegre dizendo:

– Ah, padre, o milagre aconteceu, aconteceu.

– Explique-se, disse.

– Ah, padre, fui à capela no dia do enterro de nosso filho e pedi tanto que me dessem um filho para criar, um filho em nossa vida, uma família... E esse bebê veio de Deus para nós! Deixe-a conosco, senhor.

Diante do desejo do casal, providenciamos o registro, que foi feito como se Aparecida Vitória fosse sua filha natural. Severina e José depositaram a soma no banco, que justificaram mais tarde como um presente de uma madrinha já falecida. Seria para os seus estudos.

Os anos se passaram. Cidinha cresceu graciosa e feliz. Guardei o bilhete, e o mistério por muitos anos ainda me intrigava. Num dia de festa, visitou-nos um grupo de religiosos, dentre eles uma freira que, logo que a vi, me lembrou alguém. A freira então me indagou:

– O senhor mantém aqui algum orfanato?

– Não, minha irmã.

– Mas onde ficam os abandonados?

– São encaminhados à adoção, pela qual sinceros casais, depois de uma entrevista, se responsabilizam por eles.

Sem perceber que me encontrava envolvido por entidade amiga, completei:

– Irmã, não se preocupe. Sua filha vive aqui, é feliz. Está noiva e casa-se no mês que vem. Ela se formou com os rendimentos da sua herança. Recebeu o carinho familiar de um generoso casal e não lhe passa pela cabeça ser adotiva. Vem ao altar todos os dias e ora pela benfeitora que lhe legou a condição do estudo. É uma dedicada médica que cuidará de crianças.

Lágrimas abafadas escorriam daquele rosto, enquanto, ajoelhada, batia as mãos em desespero. A freira punha ali para fora toda a sua dor.

Depois de algum tempo, refeita da situação, sentamo-nos e lhe disse:

– O que a fez agir assim, minha irmã?

– O orgulho, padre, a vergonha. Eu era responsável pelo colégio da cidade. Um exemplo de virtude. Era ainda jovem e prepotente quando me apaixonei por um rico senhor da cidade, pai de duas alunas do colégio. Mantivemos um caso por muito tempo, mas, descuidada, me engravidei e ele ameaçou-me de morte. Fui para uma congregação distante, próxima daqui, onde tive minha filha, decidida, no entanto, a dar-lhe outro destino. A madre que me recolheu disse que o senhor era bom e generoso e, portanto, o escolhi. Hoje, corroída pelo remorso, me arrependi, mas já é tarde demais. Estou doente da alma e do corpo. Vim aqui em busca de notícias e felicito-me ao saber que teve um bom destino. Obrigada, senhor.

A revelação da irmã Rosa jamais ultrapassou aquele recinto enquanto vivi, porquanto jamais falei disso a quem quer que seja. Acompanhei seu sofrimento, a jovem médica certa feita me acompanhou ao hospital e assim Rosa conheceu a filha. Morreu vítima de padecimentos profundos. Como me compadecia daquela irmã! Que luta, que dor!

O saldo foi positivo para a filha, que encontrou em Severina a força do amor materno e em José a segurança paterna.

Ainda hoje a irmã Rosa se debate na espiritualidade, sofre com suas escolhas e na Terra, todos os dias, a jovem senhora Cidinha ora com

fervor em benefício da generosa madrinha que lhe deu o direito de ser médica. Essa vibração a aquece e contamos com a permissão de Deus para encaminharmos Rosa a um centro de trabalho e de luz.

## **Podemos servir a Jesus em qualquer lugar**

Carreguei por muito tempo o fardo pesado do remorso. Por mais que orasse, a paz não ocupava minha mente totalmente. Era um misto de dor e vergonha que só encontrava bálsamo no trabalho edificante. Buscava, então, as peregrinações nas ruas, o atendimento aos fiéis, pois quando os ouvia no encontro da consciência era como ouvir a mim mesmo. Preparava os sermões em primeiro lugar para educar-me e alertar os que me davam crédito com respeito às verdades da vida.

No burburinho dos dias, ora calmos, ora agitados, seguia a vida preso aos compromissos e ao propósito de vencer a mim mesmo. Como é difícil deixar os vínculos de lado e seguir Jesus!

Numa tarde quente e abafada, sentado estava a meditar sobre o rumo das coisas iniciadas naquele dia, e não percebi a chegada de um jovem seminarista à minha sala.

– Atrapalho, senhor?

– Entre, Carlos, sê bem-vindo, meu irmão.

Conversamos sobre algumas coisas corriqueiras, mas, olhando atentamente para ele, percebi que algo de muito sério o preocupava.

– Que foi, Carlos? O que se passa?

– Senhor, preciso me confessar. Podemos ir até o confessionário?

– Filho meu, para quê? Conversemos aqui, olhando-nos nos olhos. É muito mais próximo e sincero.

Lágrimas grossas escorriam do rosto jovem de Carlos. Segurei-lhe as mãos e, orando a Deus, emiti-lhe fluidos de coragem e paz. Respirando fundo, o jovem, que contava vinte anos, iniciou sua história.

– Padre, vim para o seminário como uma fuga de minhas inclinações. Não sei se sabe, sou de família abastada do Rio de Janeiro. Meus pais, embora muito religiosos e severos, aceitaram com dificuldade minha decisão. Meu pai esperava de mim o comando dos negócios da família.

“Tenho uma irmã e um irmão mais novos que eu. Meu irmão nasceu com sérios problemas de saúde mental e não são poucas as vezes que meus pais se ausentam para buscar tratamento eficaz.

“Desde pequeno nutro profundo amor por minha irmã, amor doentio que ultrapassa o limite do sangue. Sinto ciúmes dela e a desejo ardentemente.”

– E ela, meu filho?

– Repudia-me com veemência. Tem verdadeiro pavor de mim. Nas viagens de meus pais ela se trancava no quarto, temendo minha presença. Sofria muito, senhor, e, cheio de remorso de algo que jamais fiz, passava noites e noites em claro, quando, em total desespero, me via em locais estranhos a mim. Era outra época, outras eram as paragens. Sentia-me em outro corpo, sempre alucinado e desesperado por Clara, minha irmã. Tamanha dor me fez optar pelo seminário, porque não suporto o desprezo e o pavor dela.

Emocionado, o jovem de feições tão belas, chorava extravasando seu desespero. Coloquei minha mão sobre sua cabeça e orei com fervor, pedindo inspiração do mais alto.

– Meu irmão, existem muitas formas de se superar as dores. Estás confiante em que, preso a uma opção sem vocação, vencerás teus problemas? Percebeste por alguns instantes que também serves a Jesus ao doar-te ao teu semelhante? Tu não precisas da batina, meu filho; precisas do trabalho. Nascestes em um lar abastado, porém cheio de problemas individuais.

“Teu irmão padece de doenças diversas que se estenderão por longos anos e teus pais necessitam de muita ajuda. O pavor de Clara pode ser abrandado ao notar tua dedicação e teu esforço.

“Não fujas, meu filho, da luta. Ao servires junto ao grupo familiar servirás a Jesus no lar, nos negócios de teu pai. Tem fé, ninguém segue sem amparo.”

Mais calmo, o jovem abraçado a mim ficou por longo tempo. Passados uns dias, veio ao meu encontro acompanhado dos pais. Expliquei a eles a falta de vocação do rapaz e, aliviado, o pai me falou que sentia isso desde a decisão do filho. Conversei com a mãe sobre Clara e ela não se espantou com os relatos que lhe fiz. Temia muito que algo acontecesse. Tranquilei-a ressaltando os bons propósitos de Carlos e chamando-a à responsabilidade e observação.

Sempre recebia notícias suas por carta. Passados alguns anos, o jovem, já adulto, assumira os negócios do pai. Era um empresário do ramo de alimentos, generoso com seus funcionários, justo nos negócios; dedicava-se de corpo e alma ao irmão, Joaquim, conciliando com os pais as noites críticas da doença cármica. Fizera todas as pesquisas na época para amenizar o sofrimento do irmão. O tempo passou, os pais desencarnaram e ele cuidou de Joaquim com dedicação e amor até o seu retorno à pátria espiritual.

E Clara? Ela ainda se manteve desconfiada do irmão por muito tempo. Casou-se e foi para outro Estado. Com o passar dos anos, nos instantes derradeiros de Joaquim, a quem amava acima de tudo, finalmente desarmou-se contra Carlos e, hoje, mantêm-se como amigos, como irmãos.

Meu ex-seminarista, dedicado aos negócios que comanda com o intuito de servir a Jesus, construiu creches, escolas, ajuda as comunidades circunvizinhas de suas empresas. Passa os dias no trabalho e as noites perambulando pelas ruas, fornecendo pão e carinho aos infelizes. No limite da juventude e já maduro, consorciou-se com Eliana e juntos servem e seguem amando e socorrendo os necessitados.

Assim o verdadeiro reino de Deus se forma nos corações, quando aprendemos no trabalho, e na luta contra os vícios e as más inclinações, qual o rumo a seguir.

## A falsa dama da caridade

No grande laboratório que é a encarnação, buscamos o antídoto para as doenças de nossas almas e nos vemos em situações diversas em que precisamos aprender cada vez mais as verdades negadas por nossa consciência. Portanto, cada ato da vida deve ser aproveitado e absorvido sem perda de tempo.

Vivi muitos ciclos na última roupagem. Vi e ouvi muitas transformações comoventes, mas também presenciei fracassos, quedas morais, mais até que resultados satisfatórios.

Certa vez atendi um grupo de caravaneiros do Estado de Goiás. Fiquei encantado a princípio com a história de uma senhora abastada que propiciava a ida de pessoas simples a Aparecida. A boa senhora fornecia cestas, remédios, doava roupas, ajudava nas internações e nas cirurgias. Promovia jantares para arrecadar recursos e assim era o anjo bom do lugar, com justiça venerada pelo povo.

Intrigava-me, porém, que jamais vinha com as caravanas ou mesmo fora delas. Não frequentara nunca um encontro religioso. Dizia que Jesus não fundara igreja alguma. Nesse ponto não era difícil concordar com ela, mas algo parecia estranho no comportamento da dama da caridade, um mistério que perdurou por anos.

Certo dia, veio até nós a notícia de que um grupo de caravaneiros estava detido em um posto policial, pois junto às bagagens deles havia algumas suspeitas. Fora encontrada, presa nas trações e nas rodas, grande quantidade de drogas e no bagageiro caixas com pacotes camuflados. A confusão armada, o constrangimento e o desespero dos passageiros lhes fizeram entender que haviam sido vítimas de uma cilada.

Investigando o caso há algum tempo, um policial federal acompanhara a trilha da generosa senhora que, na verdade, valia-se da fé alheia para transportar a erva da degradação moral. Foi presa, no entanto permaneceu firme na trilha do erro, convencida de que isso jamais fora crime.

Há pouco tempo, lembrando-me do caso, fui visitá-la em espírito. Ela havia, então, perdido um filho nas drogas e só a partir desse mo-

mento percebeu a dor que esse caminho produz. Está apática e sem vida, deprimida e corroída pelo remorso. Vive entre benefícios do dinheiro fácil, apodrecida na alma.

Assim muitos irmãos, se não hoje, no futuro, pelo mesmo caminho do erro, encontrarão o acerto e a reabilitação de suas almas.

### **Marta, a vidente menina**

Quando me lembro da velha igreja, dos caravaneiros, da movimentação que ali ocorria, parece-me ouvir a cantilena, os cânticos de louvor, as criaturas se arrastando, conduzindo grandes velas em pagamento às suas promessas atendidas. Emociono-me com a simplicidade desse povo, mas me preocupo com a necessidade do apego, da manifestação material, pois que até para sentir Deus em suas vidas as pessoas ainda se valem de coisas tão materiais.

De onde vem essa prática? Quem estabeleceu que assim seria agradável ao Criador?

Ah! quantas vezes busquei com a persuasão modificar-lhes as promessas em trabalho social! Quantos conselhos na rádio para a busca de Deus na oração sincera, no copo de água que ajudaria no tratamento dos males físicos!

Sei que são rituais e crenças passadas de geração a geração. A fé cega, as crenças em um Pai severo e punitivo, eu as combati como pude, mas sempre com cuidado para não ferir as criaturas que me vinham pedir orientação.

Hoje, quando ali retorno, vendo com os olhos de espírito, percebo a grandiosidade do trabalho espiritual que atinge os que sinceramente se sintonizam com a espiritualidade. Todos nós necessitamos de trabalho, de luz, e não importa o meio, mas a intenção sincera.

Lembro-me com saudade de uma menininha que sempre vinha com seus pais a Aparecida. Marta, com apenas 5 anos, tagarela e alegre, me perguntava:

– Padre, quem é esse homem barbudo que está do seu lado?

– É um anjo do Senhor, minha filha!

– Anjo? Não tem asas, não usa camisola, não tem coroinha na cabeça. Ele está me dizendo que é meu irmão. Não tenho irmão, ainda mais velho assim! Quem é ele, padre? Quem é?

Ela via Bezerra de Menezes e muitos outros amigos. Coloquei-a, então, no colo e lhe disse:

– É um bom amigo, Marta, e também seu irmão e meu irmão, por parte de Deus.

– Ah, bom!... – respondia a menina e já ia se distrair com outra coisa.

Todo ano ela voltava e a cada dia mais claramente via e ouvia. Com o tempo compreendeu muitas coisas e guardava para si o dom desenvolvido. Tinha respeito à mãe, fervorosa e devotada católica. Ao ingressar na faculdade, em São Paulo, a pequena Marta passou a estudar as questões espirituais e tornou-se assídua frequentadora da Casa Espírita.

Quando os anos já haviam me castigado o corpo e a máquina queria parar, eu a vi pela última vez. Ela veio me visitar porque, segundo ela, os bondosos amigos relataram-lhe o meu estado precário.

Acariciando minhas mãos, me disse:

– Obrigada, padre; aprendi contigo a não temer os Espíritos e ainda causa espanto quando digo a todos que foi através de tuas explicações que me tornei espírita convicta. Quando partires, e tiveres permissão, virás me ver, pois tenho a certeza da imortalidade.

Cumpri a promessa e Marta, que hoje vive fora do Brasil, trabalhando como missionária da Cruz Vermelha, divulga o amor e a fé raciocinada, falando de Deus com muita sabedoria.

## Uma vítima de uma paixão doentia

Corria o tempo...

Tomado pelas minhas obrigações diárias, via a noite entrar e o dia nascer rapidamente. Era um tempo de calmaria na cidade. Retirando-me por alguns momentos para orar, demandei o santuário da pequena capela e ali fiquei envolvido em minhas considerações e súplicas. Escutei passos e um choro sentido. Virei-me e, espantado, deparei com uma bela mulher, trajada à moda de século remoto, com rosário na mão. Tratava-se de um Espírito.

Ela chorava copiosamente e, ajoelhada, orava e soluçava. Se eu a vira, provavelmente ela também me vira. Esperei um pouco e fui até ela.

Olhou-me e, beijando-me as mãos, explicou, entre lágrimas, que necessitava confessar.

Prontamente atendi, sentindo, por intuição, a permissão divina para esse fato, pois que aquele Espírito, que decerto há muito vagava, recebera a sugestão da confissão para lhe aliviar os tormentos tão insistentes.

Contou-me sua história. Disse que vinha de terra distante. Vivera na velha Europa, filha de pais abastados. Fora bem-educada, tivera modos e hábitos requintados. Casara-se muito jovem com um rico senhor de quem jamais gostara. Viviam à moda das convenções sociais. Tiveram um filho e, devido à saúde frágil da criança, instalou-se com esta na casa de campo da família, contando com o ar puro para a sua recuperação.

Passados seis meses, a criança reagira bem e eles logo retornaram à vida normal. No campo, porém, envolvera-se com um empregado rude e grosseiro. Tomada de alucinada paixão, perdia a noção do tempo quando em seus braços. Adiou por isso quanto pôde o seu retorno. Encontrava-se grávida de poucos meses e sabia perfeitamente por quê. Contando com a sorte das esparsas visitas que o cônjuge lhe fizera, tranquilizou-se e noticiou ao marido a vinda de um novo herdeiro. No retorno ao lar, seu desespero foi tanto que forjou um estado doentio para retornar ao campo.

Adoentada pela paixão, maquinou e planejou a morte do esposo. Contudo, na tentativa do intento, o rude empregado, influenciado por sua consciência culpada, matou-se e entre letras ilegíveis escreveu um bilhete desculpando-se da falta de coragem.

Tomada de desespero e moralmente desequilibrada, ela passou a temer as consequências de suas ações. Enferma, adveio-lhe o aborto espontâneo com a conseqüente perda do filho. A apatia levou-a ao leito por meses. Via, então, constantemente o falecido a mostrar-lhe as feridas abertas pelos cortes nos pulsos. E nesse estado morreu jovem e alucinada.

Aquele Espírito viajara, desde então, por anos a fio, julgando-se ainda encarnado.

Após ouvir sua confissão, disse-lhe:

– Acalme-se! Precisa descansar. Tudo já passou, as pessoas que prejudicou já renasceram e estão em luta em busca do aprimoramento moral. Você é que está atrasada, minha filha. Necessita partir e acalmar-se a fim de poupar-se para o esquecimento salutar em um novo corpo.

Chorando, ela perguntou:

– Padre, por que motivo me vejo sempre naquele lar e com aquela criança?

Concentrado, entendi a razão de sua dúvida. Na cidade, um jovem casal tivera um filho com sérios comprometimentos físicos e saúde debilitada. Eram pais dedicados e amorosos. Expliquei-lhe que era um novo chamamento do seu antigo afeto. Acalmando-se, ela seguiu quase que adormecida nos braços de Espírito amigo.

Trata-se de uma alma corroída pela consciência culpada que, embora aliviada e esclarecida, em consequência do uso que fez de sua liberdade vagueia por muito tempo até cessar seu direito de ir e vir no espaço e na Terra.

Educar um Espírito é, sem dúvida, tarefa muito árdua. Os bondosos e abnegados protetores espirituais se valem de diferentes atitudes para despertar as ovelhas desgarradas. Portanto, para não viajarmos precisamos, antes de mais nada, crer, assumir nossos erros e ser produtivos sempre.

## Rumo à pátria espiritual

No último ano de minha estada no corpo físico, já cheio de sinais de senilidade, sem as habilidades normais, morava eu em meio às recordações do passado recente e às versões do passado de erros. Tinha noites atormentadas pelo remorso e orava, jejuava e implorava perdão aos desafetos. Cumpri muitos rituais punitivos mencionados pela Igreja e recomendados aos pecadores, por um motivo bem simples: era constantemente visitado pelos comparsas do passado, que só acreditavam em mim vendo-me cumprir tais rituais.

Certo dia, atormentado pelo remorso, vislumbrei a figura de um ser que me odiava com toda a força de seu coração. Espíritos ligados ao meu passado, minha mãe Henriette, acompanhada de Sebastian, se misturavam em acusações descabidas, desejos de vingança e juras de amor <sup>(11)</sup>.

Como chorei ao ver pessoas tão apegadas entre si e banhadas pelo erro! Supliquei a Jesus que as conduzisse ao bem e em vão tentei me comunicar com elas.

Henriette me acusava do mal que fizera a ela e a meu irmão, do filho maldito que eu era, da sua derrocada moral. Ah! Quanta tristeza eu senti e pela minha imperfeição sofri por muito tempo.

Portanto, para alguém banhado no erro e cheio de remorsos, passei os dias que me restaram na carne buscando compreender os caminhos da Igreja na sua essência. Rezava as missas com dificuldade, recebia os fiéis com amor, me ocupava dos seminaristas com carinho. Não tinha com quem conversar na Terra, pois meu fiel Tobias partira com nosso segredo. E assim, dia a dia vendo o corpo dar sinais de falência, desencarnei numa madrugada, rodeado de amigos queridos da congregação que choravam pela minha partida em meio a aplausos de alegria dos bondosos irmãos da espiritualidade, que ali vieram para me receber.

A minha querida Juliana cortou-me os laços da carne e com bondade infinita me trouxe para a espiritualidade. Perturbado permaneci por

---

<sup>11</sup> Espíritos que foram ligados ao Padre Vítor em outras encarnações. (Nota da Médium.)

algum tempo, que não sei precisar, e ao acordar para a vida me vi rodeado de seres que amava muito e há bastante tempo não via.

Abel me orientou os primeiros passos e após um período de ajustes estive na presença do Dr. Bezerra de Menezes, o generoso benfeitor, que me permitiu trabalhar junto a ele no caminho do bem.

Que fique claro que pertença a uma equipe de trabalhadores socorristas vinculados à ordem de Maria e submetidos ao bondoso missionário, que nos ordena os trabalhos. Tenho desde então buscado encher meu caminho de dádivas e conhecimentos, tendo obtido, depois de trabalhos prestados com afinco, a permissão de rever os seres amados encarnados na existência presente, aos quais costumo ajudar no que é possível.

Quanto aos rumores da santificação, eles me perturbam, pois bem já devem compreender que nada possuo para tanto. Rogo a Deus e a Jesus que os desejos dos homens se voltem mais para a santificação de suas ações no bem e que, ao se recordarem de mim, lembrem-se de que combati como pude os excessos de adorno e idolatria.

Que sigam meus passos em busca da luz por estarem cansados das trevas, que busquem o amor por estarem cansados do ódio, que busquem o perdão por estarem cansados do rancor, que busquem a paz por estarem cansados da guerra, que busquem a Jesus, como eu busco o Mestre, por ter feito mau uso do seu Evangelho, porquanto hoje, liberto, posso afirmar que a vida só vale a pena se for banhada pelo amor e pela paz.

## Ações na espiritualidade

O acaso existe ou podemos crer no fatalismo que nos assola a existência? Vinha eu refletindo nessas ideias, provenientes de um diálogo travado com Espírito recém-desencarnado, que como eu abraçara o celibato e a vida monástica. De semblante bondoso, porém arraigado aos dogmas, sentia-se ainda confuso ou louco diante da vida espiritual.

Padre João <sup>(12)</sup> vivera em terras baianas e morrera em Aparecida, onde passou a velhice. Tivemos um breve convívio, vindo eu a desencarnar primeiro. Recebendo a notícia de seu regresso, fui incumbido de recebê-lo, dando-lhe assistência fraternal.

Esse ser bondoso não compreendia as verdades espirituais, mas jamais traíra Jesus, a quem amou na pessoa dos pobres e dos desvalidos, dedicando sua vida sacerdotal à união da família e à justiça social. Como marca de sua oratória trazia o fatalismo. Dizia: *"Se não trilharem pela retidão, o céu se abrirá e verão a ira do Criador."* Falava do paraíso e do inferno veementemente. Era inflamado e duro com os vícios. Contemplando então a realidade espiritual, agia como criança perdida, sem ação. Depois de acalmá-lo, travamos conversa fraternal:

– Caro João, o que o aflige?

– Vítor, isso é o paraíso ou o inferno? Afinal, estou delirando ou transpus a porta da morte?

– João, pela bondade infinita do Criador, não morremos jamais. Você hoje está mais vivo que nunca. Paraíso e inferno não existem. Quando morremos vamos ao recanto que nossas vibrações permitem. Você não poderia estar no inferno, porque trilhou o caminho do amor, ergueu os caídos, conduziu os viciados à reabilitação, refez uniões, viveu para o próximo.

---

<sup>12</sup> Para evitar constrangimentos e especulações descabidas, trocamos o nome do padre a que nos referimos e omitimos toda a referência que possa identificá-lo. (Nota do Autor.)

– Mas, Vítor, se isto é a verdade, menti uma vida toda, obrigando a todos os que me cercavam crer no inferno, na ira de Deus, no fatalismo.

– Não, João, não pense assim. Você fez e disse o que os ouvidos necessitavam ouvir. Se tivesse pregado a vida eterna àquele povo tão endividado eles teriam protelado a reforma íntima. Saiba desde já que não existe o acaso. Você foi enviado àquela terra para ajudar Espíritos orgulhosos, oriundos da velha Europa, que na pobreza e na escassez de recursos necessitavam valorizar e renovar os ideais cristãos. O que você precisa agora, João, é descansar a mente, desligar-se da Terra. Venha, quero apresentar-lhe alguém.

Levei-o até Abel, que junto à equipe bondosa ministrou-lhe passes recompondo-lhe as energias. João encontrou-se com Abel e com ele permaneceu em conversação bondosa. O querido mestre Abel acalmou-o com a transmissão de fluidos que lhe fizeram muito bem e, notando a afobação do recém-chegado, pediu-lhe paciência, pois ainda não estava em condições de diálogo longo e conhecimentos novos.

– Acautelemo-nos, irmão! Como bom baiano de coração, vamos primeiro nos conhecer, mostrar alguma intimidade e depois falaremos sobre a vida espiritual.

João foi conduzido por irmã Severina, freira de seu círculo de convívio na matéria e com a qual se sentia muito à vontade. No momento oportuno, com a vista aprazível de um campo florido, os novos amigos se encontraram. Junto a Abel estavam Anita e D. Menina. Após breve apresentação Abel iniciou:

– Caro João, trouxe junto a ti duas irmãs que relatarão a sua conversão de católicas praticantes ao Espiritismo na Terra, não que isso as eleve a algum patamar, mas quero que percebas que o que importa é o espírito cristão, a fé inabalável em Deus, porém raciocinada e lógica.

Quando as irmãs terminaram sua breve explanação, Abel retornou dizendo:

– Percebes, João, que a vontade de servir a Deus amando o próximo fazia parte dos corações de vocês três? Não importa a cartilha que rezemos, mas como rezamos. Aquele que eleva o pensamento ao Criador acende a chama do contato consolador com tudo que Ele criou – a natureza sábia, os amigos espirituais, que muitas vezes cha-

mamos de santos na Igreja, que nos atendem aos pedidos, que nos curam as chagas, que nos permitem crer no que não vemos ou sentimos. Não te tortures pelo que fizeste teu rebanho crer, pois realmente pensavas em Deus daquela forma. Quantas noites vagaste pela Igreja, preocupando-se com a miséria e, orando ao Pai, obtinhas o provento. Quantas vezes por falta de recursos oraste no leito dos enfermos e verificaste sua cura! Quantas vezes pela palavra firme não libertaste o irmão endemoninhado apenas com o teor moral de tua conduta! João, não te culpes; morreste em vida física para qualquer tipo de prazer; jamais cobiçaste a mulher do próximo ou tiveste vida dupla. Deste a seres endurecidos o leme do amor e da fraternidade. Ainda hoje choram a tua ausência. Foste, como elas, médium e serviste a teu Pai. O que necessitas é estudar e aprimorar teus conceitos. Gostaria que ficasses aqui na nossa colônia. Ainda não te lembras, mas breve perceberás que somos velhos conhecidos. Como se deu comigo anteriormente, João ficou mudo e sem ação. E, chorando copiosamente, abraçado ao irmão bondoso, disse-lhe apenas:

– Se eu pudesse modificar-me assim o faria, para merecer tua bondade.

– João, tu és bom, apenas precisas lapidar tua alma. Vem, vamos conhecer outros companheiros.

O tempo no plano espiritual flui de forma diferente do que se passa no plano físico. Descrevê-lo é difícil, mas, como ocorre com todas as pessoas, o tempo também passou para João, que a cada dia se inteirava das lições recebidas, amoldando-se à nova condição de Espírito liberto.

Tendo pedido a Abel permissão para visitar a Terra, partimos juntos, João, Abel, Anita, Diogo, Menina e eu.

Chegando a terras baianas, voltamos à velha paróquia onde pequeno grupo se reunia em oração. Os fluidos emanados eram dos mais sinceros sentimentos de fé e amor. Sem um pároco responsável, José – que havia sido coroinha no tempo de Padre João – comandava a oração. A emoção envolveu nosso amigo que, irradiando amor, se aproximou de José inspirando-lhe as mais belas palavras.

Dona Maria, antiga frequentadora daquela igreja, observando atentamente a fisionomia de José, passa a ter a visão espiritual e comunica a todos:

– Padre João está aqui, junto a outros anjos. Eu o vejo novo, aureolado de luz. É um milagre! Ele virou santo!

Antes que o rebuliço se formasse Abel acercou-se dela, dizendo-lhe:

– Não somos anjos nem tampouco João é um santo. Somos apenas emissários do amor de Jesus e viemos visitá-los. Cuidado com a palavra, que poderá trazer transtornos a esta pacata cidade. Compreenda que o amor trouxe-nos até aqui e qualquer intento poderá prejudicá-la, bem como ao Padre João, que tanto os ama.

Maria calou-se antes de gritar o que seus olhos denunciavam e José prosseguiu na pregação. Após alguns instantes, a pequena paróquia irradiava fluidos por toda a cidade. João acercou-se de Maria e disse:

– Minha querida irmã, são muitos os mistérios entre o céu e a Terra. Vivo hoje como habitante do céu, espero em Deus poder ajudá-los como outrora. Guarde segredo como eu o fizera das confissões. Iniciem um trabalho de amor e vibrações pelos doentes, vocês não necessitam de minha presença física, mas de fé. Vamos curar muitos doentes com o amor de Jesus. Aproveitem os ensinamentos para colocá-los em prática.

Maria aquietou-se prometendo ao querido amigo cumprir o compromisso firmado. Hoje, passados alguns anos, a pequena terra de João é conhecida pela fé que cura com a oração as dores físicas e espirituais e onde um homem e uma mulher fazem chás, estendem as mãos e socorrem os aflitos.

## Leonora

Tal como na crosta da Terra, as oportunidades de trabalho são grandes na espiritualidade, conquanto existam milhares de criaturas que fogem da responsabilidade, que se fazem de vítimas eternas para não assumirem o trabalho.

Fazemos parte de um grupo de despertar espiritual – nome dado pelo dileto José Brasa. Saímos em duplas e, aproximando-nos dos nossos irmãos, tentamos chamar sua atenção para as verdades da vida espiritual. Não se trata de esclarecer sua nova condição, mas reportá-los ao trabalho, ao estudo. Muitos, esclarecidos sobre sua condição, chorosos e lamentando sem cessar o rumo tomado pelos entes deixados na Terra, tornam-se verdadeiros obsessores do próprio lar, agarrados ao tempo que ficou para trás. São muitos casos que irei relatar.

Recebemos certa vez a incumbência de assistir um Espírito que já se encontrava desencarnado fazia vinte anos. Senhora de aparência de uns 50 anos, Leonora desencarnara vítima de um câncer no útero. Vivia em uma cidade mineira, família bem constituída, deixando três filhos já casados e o esposo ainda jovem. Tivera muitas joias e roupas finas. Extremamente vaidosa, manteve-se até o fim sempre muito bem maquiada e bem-vestida, até a morte. E, como costuma ocorrer com frequência, exigira do companheiro fidelidade eterna.

O pobre homem, sofrido com sua perda, solitário, com o tempo se uniu a outra pessoa, encontrando a felicidade real em uma mulher que não tinha as vaidades da primeira e era, além disso, criatura generosa e tranquila.

João encontrara no segundo casamento a realização de seus sonhos. Os filhos, harmonizados com a jovem senhora, felizes se sentiam pelo pai.

Leonora, revoltada e indignada, voltou-se contra todos, perturbando e causando sérios problemas aos familiares. Fora muito católica na Terra e devota de Santa Rita, nome que dera a uma de suas filhas, em homenagem à santa.

Estudando o caso, José ponderou que deveríamos nos apresentar de batina. E assim, devidamente trajados, fomos ao seu encontro.

– Ah, bendita seja Santa Rita! Enviou-me não um, mas dois sacerdotes. Preciso me confessar. Preciso de ajuda.

Em total desespero e descontrole, relatou entre gestos e lamentos o rumo de sua vida.

– Apagaram tudo, padres! Doaram minhas joias a obras de caridade, deram fim a meus pertences. Tudo, tudo... Restou-me apenas um retrato na parede. Meu túmulo não mais recebe visitas. Meu companheiro pouco vai até lá. Aquela maldita! Quero o seu fim! Não é justo!

Deixamos seu desabafo terminar e, seguindo nossa intuição, José acercou-se dela e lhe disse.

– Nossa amada Santa Rita lhe enviou um pedido.

– Sim?

– Ela pede que em nome de sua devoção aceite vir conosco a uma região onde irmãs trabalham com afinco em benefício dos sofredores. Ela espiritualmente ali comanda e, se aceitar, terá com o tempo um encontro com essa abnegada servidora de Jesus. Está injustiçada e sofrida. Venha! Isso lhe dará novo ânimo!

Enlevada pela devoção à santa, asserenou o coração e seguiu conosco. Na oficina que levava o nome de Santa Rita, colocou-se como voluntária.

Várias vezes fomos vê-la e notamos que, com o tempo, ela foi compreendendo a real situação que vivia. Ainda vacila às vezes nas verdades do espírito, mas já não perturba o lar.

Compreendamos, meus irmãos, que os recursos são muitos e a devoção religiosa sempre nos é ferramenta indispensável em muitos casos. Espíritos purificados, que foram abnegados exemplos na Terra, santificados e canonizados, comandam na espiritualidade legiões socorristas em nome de Jesus.

**Mariana**

Sempre travei muitas lutas internas e me debati ante indagações constantes e inúmeras acerca da realidade da vida. Combati em mim os ranços trazidos na alma. Muitas vezes, abatido e sem coragem, me via diante de fatos que me obrigavam a agir e, conseqüentemente, deixar de ser um inconformado, um coitadinho, para assumir meu papel no mundo em que vivia.

Hoje, liberto do corpo, abençoo e afirmo: – Bendito o trabalho que nos faz esquecer as indagações que não se podem explicar no momento.

Quando voltei à espiritualidade, após me refazer, me via ainda de batinha. Não sabia me apresentar de outra forma. Eram os reflexos da matéria sobre mim. Levei um tempo para compreender que somos o que desejamos ser e, hoje, essas coisas não me influenciam mais.

Estudei muito, mergulhei fundo nas questões da obsessão que tanto danificam a criatura. Começaremos agora um apanhado de casos pós-morte, onde trabalho com uma maravilhosa equipe socorrista. Estão nela, como trabalhadores, José Brasa, companheiro inseparável, Antonio José, um ex-seminarista que viveu nas regiões mineiras, Maria da Luz, velha companheira do Espírito Santo, espírita e médium. Somos supervisionados por Abel Gomes. Temos trabalhado em diferentes pontos do Brasil, mas concentramos nossas ações mais no Sul do país.

\*

Iniciamos os casos com a história de Mariana.

A jovem, que contava então quinze anos de idade, estava apática fazia quinze dias e apresentava sinais vitais fracos. Não se alimentava, não dormia, não falava.

Observamos que se tratava de processo vampirizador que acometera a jovem quando ainda menina. De tempos em tempos, com os passes que lhe eram ministrados e sua frequência às reuniões de evangelização, alterava-se o quadro. Os pais, frequentadores da casa es-

pírita, compreendiam a situação, porém diante da situação não sabiam que fazer. Recorreram em preces aos bons Espíritos e Joana, a mãe, implorara a ajuda de Maria da Luz, sua tia querida.

Maria da Luz fora uma grande trabalhadora espírita, sofrera muito pelo preconceito da cidade, mas jamais revidou ou esmoreceu. Quando tocava um enfermo, suas mãos ficavam quentes e dizia que iluminadas, daí o nome com que ficou conhecida. Desencarnara cedo, aos quarenta anos. Não se casou, não deixou herdeiros. Joana era filha de uma sobrinha de Maria da Luz, a qual relatava para a filha os feitos e a bondade de Maria.

Ao chegarmos à casa de Mariana, nossa irmã colocou-se em oração e ministramos fluidos reparadores à jovem.

Maria da Luz nos chamou a atenção para o estado físico precário da jovem, em que era possível perceber a ação vampirizadora que a acometia. Mariana adormeceu. Depois de alguns dias, melhor e menos fraca, no desdobramento do sono Mariana foi acolhida nos braços de Maria, que a advertiu da responsabilidade dos pensamentos descontraídos. Mariana flutuava entre vibrações de baixo nível que atraíam para junto dela Espíritos de baixa condição espiritual. O pensamento é campo minado; é preciso cuidado com aquilo que pensamos e fazemos.

Compreendamos, meus irmãos, que a sintonia é algo muito sutil, que pode em um segundo desequilibrar e destruir. Mariana, levada por uma paixão proibida, mergulhava nos desejos carnis, sintonizando com leituras picantes e pensamentos impuros. Envergonhada, a jovem implorou ajuda. Doce, porém firme, Maria da Luz lhe disse:

– Mariana, não posso mudar seus pensamentos e seus desejos. Apenas saiba que somos o que pensamos. Se pensar no amor, tornar-se-á assim generosa e cheia de energia para a prática do bem. Se continuar cultivando ideias infelizes e nefastas, será como cobra a rastejar entre a infelicidade e a dor constante. Decida-se antes que seja tarde, minha filha.

Ao acordar, ainda um pouco confusa, a jovem resolveu voltar à vida normal. Obviamente, teve ainda seus altos e baixos como todos nós, mas não abriu as portas ao desequilíbrio, graças a uma vigilância constante.

No arremate deste caso, registro o comentário de José: “Se todos pudéssemos ver o que se processa quando pensamos, muitas coisas deixaríamos de pensar, trocando-as por sintonias de amor e luz”.

### A freira solitária

Já tive muitas experiências valorosas no caminho. Como Espírito liberto aprendi várias lições que me fizeram compreender as leis divinas e o mecanismo que rege as reencarnações. Mas na memória sempre existem as mais marcantes, as mais profundas.

Vindo de um trabalho socorrista, fui chamado por Abel Gomes para uma conversa particular. Ansioso, temia ser mais uma chamada.

O querido amigo disse-me que precisava de minha ajuda para socorrer um Espírito que se encontrava em nossa colônia. Tratava-se de uma freira que muito servira a Jesus, trabalhando intensamente em um orfanato que também funcionava como um educandário. Fora bondosa e amada pelos pequenos, mas trazia no semblante profunda tristeza e sofrimento.

Aceitei o desafio; contudo, ao questionar a razão de minha escolha, ouvi apenas: "Quando estiverem juntos compreenderá as razões. Vá e faça seu papel".

Procurei a irmã Júlia e a encontrei sentada, pensativa e chorosa.

– Olá, minha irmã, como se sente hoje?

– Oh! padre, sinto-me um pássaro perdido, liberto e sem rumo. Sei que não pertencço à carne, que estou no mundo dos Espíritos, mas não me ajeito, não consigo saber o que fazer. Eu era na Terra uma servidora de Jesus. Levantava-me muito cedo, fazia minhas orações. Preparava o café dos pequenos, ajudava a banhá-los, vesti-los, cuidava de suas roupas, da alimentação e da evangelização. Não parava um só minuto e terminava o dia costurando, cerzindo as roupas ainda boas. Aos domingos levava-os a passear no parque e nenhum dia sequer parei a minha rotina. Quando a doença veio e passou a corroer-me os órgãos, para não dar vazão à dor desdobrava-me em serviços e passava as noites piores tecendo roupas para o inverno. Quando não mais aguentei, sucumbi, deixando o corpo em uma semana. Sinto falta dos pequenos, da minha vida, aqui me sinto tão inútil, tão sem sentido.

– Minha irmã, é tempo de ver a vida pelos seus verdadeiros olhos. Temos trabalhos imensos e produtivos. Pode abdicar do hábito, você

foi freira, mas não é freira. Fui eu sacerdote e assim me apresento aos seus olhos e nos instantes necessários. Sei quanto é difícil, mas somos livres e podemos sentir-nos diferentes; basta estudarmos, trabalharmos.

– Desejo muito trabalhar, senhor, mas questiono: Será que fiz tudo certo? Afoguei, e isso admiti apenas agora, todas as ilusões de minha alma. Não desejava a vida religiosa. Ela foi-me imposta, ainda pequena. Vinda de uma família abastada que tudo perdera na crise do café, meus pais, orgulhosos, preferiram me entregar às religiosas de um colégio, inventando terem feito uma promessa por ocasião do meu nascimento. Minha irmã, bem mais velha, casara-se com rico senhor português. Meu irmão estudava na Europa. Apenas eu, a caçula, tive esse destino. Jamais soube o que aconteceu com meus pais e perdi o contato com meus irmãos.

“Tive o amparo de uma bondosa criatura, irmã Joana, que me dizia sempre: – Se não tem respostas, não faça perguntas, minha filha. Dedique-se à obra e tudo cairá no esquecimento. Se deixar a amargura tomar conta de seu coração, sorverá a taça amarga da revolta. Siga Jesus e esqueça.

“Assim o fiz, amei o meu trabalho, mas jamais vi o que se passava do lado de fora do orfanato. Vivi isolada sem noção das lutas, da política, das conquistas, dos homens, das descobertas. Entende minha angústia?

“Jamais experimentei o sabor de carregar no ventre um filho, de embalar um neto, de saber o que era uma família, viver um amor.”

– Filha, não apenas você, mas muitas criaturas passam encarnações abdicando dos laços familiares em benefício de uma causa, de um grupo familiar. Mas é preciso ver e sentir que o amor se manifesta de diferentes formas e não apenas na forma convencional, naquilo que aprendemos na sociedade dos homens.

– Eu sei disso, padre, mas a solidão... Como é dolorosa!

– Sim, ela é, mas creia que sempre teremos oportunidades de amenizá-la. Olhe à sua volta, quantas criaturas, quanta luz e paz! Inicie um trabalho de libertação e socorro, e verá com o tempo que sua tristeza diminuirá, sua mente se abrirá e seu coração se encherá de satisfação e calor. Venha! Há muito que aprender!

Dando-lhe a mão, levei-a a um grupo que estudava e ali ficou nossa irmã.

Quando me lembro dela – que ainda hoje, embora adaptada à sua nova condição, usa as vestes de freira – sinto-a feliz e remeto meu olhar às muitas criaturas que sofrem a dura prova da solidão, talvez a mais dolorosa e a mais difícil, e por todas eu oro, para que tenham coragem e a certeza de que estão acompanhadas espiritualmente e assistidas infinitamente por Jesus.

## A menina Maria

Corriam os preparativos para mais uma excursão socorrista e, animado e cheio de expectativa, me encontrava sedento por aprender como agem os Espíritos junto às criaturas presas no corpo denso.

Os pedidos selecionados são distribuídos às equipes de socorro segundo as afinidades pessoais, os elos familiares da carne, a condição mental e a experiência socorrista.

Sob o comando de elevado irmão, nosso querido Diogo, experiente em casos obsessivos já no corpo, era naquele dia o nosso coordenador. Antes da excursão dialogara sobre os efeitos nefastos dos pensamentos negativos, porta escancarada que dá uma acolhida certa aos Espíritos infelizes.

Relatou-nos a sutileza deles, as suas habilidades e métodos aparentemente infalíveis e certos no seu intento. Afirmou que deveríamos ser tão obstinados como eles na nossa tarefa socorrista. Fez uma prece sentida que nos envolveu a todos e com seu costume habitual nos disse:

– Vamos, antes que alguém desista. Jesus nos aguarda, confiante que poderemos servir.

Na volta à vida dos encarnados senti forte emoção ao lembrar com saudade as minhas visões, que tanto me consolavam nas horas tristes e cheias de dúvidas e me davam a alegria de confirmar a cada passo que somos Espíritos imortais e que o aprendizado é vasto e nos oferece muitas oportunidades.

Chegamos a uma cidade mineira pequena. Dirigimo-nos a uma modesta propriedade onde uma criança se encontrava muito debilitada. O corpo esquelético, os olhos injetados de sangue vivo, a pele ressecada, os cabelos em desalinho e um mau cheiro que parecia sinal de um corpo em decomposição. Faltavam recursos, explicações médicas e a distância do hospital era muito grande. A mãe sentia intuitivamente que algo além do físico agia sobre a filhinha amada. O processo se iniciara fazia quinze dias. Lembrava-se da filha saudável, que corria pelo quintal normalmente. Recordava-se do dia em que a cri-

ança dissera ter visto o homem de corpo deformado que a vinha atormentando e de como achara tratar-se de ilusão infantil.

As visões provocaram a prostração da pequena Maria, que se encontrava em um estado de profunda apatia, vigiada de perto pelo antigo desafeto. No centro do quarto estava ele, o irmão sofredor. No estado de semiconsciência o Espírito de Maria não se mostrava assustado ou arrependido, mas, ao contrário, ria e com olhar de desprezo dirigia-se ao irmão deformado:

– Pouco me importa se eu deixar esse corpo. Arrumo outro, mas liberta sou melhor que tu. Fiz e farei de novo, atraindo-te ao sofrimento. É a tua herança, João, por tudo o que me fizeste. Dei-te a minha juventude, a minha alegria e me atiraste ao fundo do poço. Para satisfazer tua ganância me tornei uma mulher sem escrúpulos e me abandonaste como a um trapo velho. Fiz tudo por amor e jamais me amaste. Se mil vidas tiver, por mil vidas eu te odiarei, te perseguirei. Eu te odeio, João, eu te odeio.

Enquanto assim falava, viam-se no corpo da menina espasmos e convulsões. Que quadro deprimente! João, no seu canto, refletia o remorso e o ódio entrelaçado às palavras da ex-companheira que se chamara Olívia. Sabia que a ferira mortalmente e não sabia o que fazer.

Naquela existência, Olívia renascera como Maria, filha dos mesmos bondosos pais do passado. Teria vida simples no campo, trazendo o corpo doente, mas disposta a reerguer-se. João, trazido pelo remorso de seus atos, a buscava em pensamento. Ao reencontrá-la, ele, que já não estava bem, se desajustara e esse desajuste crescia cada vez mais. A dor adormecida em Olívia despertara e todos os seus propósitos de renovação se esvaneceram. O que fazer?

Particularmente me vi refletido em João. Lembrei minha dívida com Joana e chorei ao perceber a extensão daquele sofrimento. Diogo, habilidoso, nos pediu que orássemos com fervor. Tentaríamos retirar primeiro João e depois cuidaríamos da criança. Envolvido pela vibração de amor que o envolveu, o irmão sofredor despertou do seu torpor e, exausto, deu vazão à sua dor.

– Não aguento mais, Pai amado, não quero continuar, me tira a vida ou esta dor...

Envolvido por Dona Maria e José, o Espírito adormeceu e foi retirado do local. Diogo aproximou-se de Maria, que se agitava no corpo físi-

co, ministrando-lhe passes de energia reparadora. Buscamos a higienização do ambiente e a levamos a uma conversa esclarecedora. Diogo lhe lembrara o compromisso assumido e do seu desejo de acertar. Depois, segurando-lhe as mãos, disse-lhe:

– Filha minha, a dor é profunda, eu sei. Tens desejo de vingança que deve ser substituído pelo do perdão, mas lembra que sucumbiste por tua fraqueza e pelo teu amor doentio por João. Recorda que em certa fase de tua vida te comprazias também com os efeitos nefastos dos prazeres e das orgias de que participavas. Sentias-te feliz com o assédio e com os homens a teus pés. Tiveste chance de recusar, mas preferiste mergulhar junto dele. Sofreste, ele também sofreu por ti. Esquece, filha. Olha o corpo físico que ganhaste como abrigo, mergulha nessa bendita prova e aproveita a oportunidade.

Maria, emocionada, abraçou Diogo e suplicou:

– Ajude-me, irmão, tenho medo de falhar.

– Nós te ajudaremos, minha filha, podes confiar.

Voltando ao estado dormente, nossa irmã passou alguns dias sonolenta no corpo físico. Sua mãe era uma pessoa de boa-fé, que aceitava que aquilo fosse certamente um *encosto*. Melhor assim, porque seria uma confusão tentar explicar a situação. Dez dias depois, a pequena Maria voltou a uma vida normal e brevemente iria à escola iniciar-se nas primeiras letras.

E João? Esse é um outro caso que ficará para outra ocasião.

Fique, porém, a lição de que não basta compromisso reencarnatório, mas um real comprometimento de nossas almas em dar novo rumo aos nossos pensamentos e atos.

### A volta da *bruxa*

Tenho aprendido com o tempo a dar tempo ao próprio tempo. Sei quanto é difícil esperar que as coisas se ajeitem e se acomodem de forma satisfatória, mas a vida é feita de altos e baixos e infelizmente muitos preferem as vibrações baixas, as conquistas materiais e pouca ou nenhuma importância dão às coisas espirituais. A vida é a grande escola, cada lição é o grande momento ou a última oportunidade para rever posições.

Nas minhas andanças pela carne, vi muita coisa e deparei situações inusitadas, onde a ganância e o desequilíbrio conduzem criaturas a desatinos sem conta. No caso que se segue veremos com clareza o que quero exemplificar.

Maria era uma senhora de aparência normal, *carola* de igreja, faladeira da vida alheia, sabia tudo que se passava em derredor.

Certo dia, o velho Tobias, que se confrontara com ela, me disse:

– Oh! Seu padre, a dona Maria não é gente que presta, não. Quando ela vem *rezá* no altar, as rosa *murcha*, as vela espanta e apaga, e tudo fica escuro, escuro...

– Tobias, olhe a maledicência, meu filho.

– Não, seu padre, eu sinto. O anjinho de Deus me mostra.

Honestamente, nunca me preocupara com Maria até então, mas, por saber da sensibilidade mediúnica de Tobias, resolvi prestar mais atenção a ela. E qual não foi a minha surpresa ao verificar que aquela alma trazia tanta vibração inferior e que em seu lar mantinha santuário para seres inferiores, comprometendo sua existência com essas vibrações deletérias.

Certo dia, após alguns conselhos em vão, pedindo à espiritualidade que a ajudasse, recebi a notícia de sua enfermidade. Nada se diagnosticava e ao seu redor havia tantas almas inferiores que nossa prece era dificultada pela vibração reinante. Passei a orar por ela a distância, remetendo muita paz à sua alma atormentada. Mas a lei de justiça tem suas regras insondáveis e incontestáveis. Maria padeceu durante vinte anos dores de toda natureza. Não conciliava o sono, não tinha paz, até que um dia o arrependimento bateu-lhe à porta,

próximo da desencarnação, e aos prantos confessou todo o mal praticado, afirmando que orava muito, muito mesmo, pela destruição e desarmonia das criaturas, do que não se havia arrependido até que as dores morais a levaram a pedir perdão.

Maria, ao desencarnar, trazia o corpo adulterado e o mau cheiro era tão grande que fomos obrigados a sepultá-la antecipadamente.

Revedo o caso na espiritualidade, investigando o passado dessa criatura, que novamente encarnada padece provações tamanhas em pequena cidade nordestina, apurei que ela nada mais era do que uma das *bruxas* da Idade Média que por meio de poções e magias havia destruído muitas pessoas desavisadas e imprudentes.

A lei é clara e certa. Todo o mal que desejamos aos outros se volta com fúria sobre nós e todo o bem que sentimos nos conforta o porvir, propiciando-nos a cura de nossas feridas. Amemos, portanto, sem esperar nada em troca.

## Maria Eulina

Ah! Como eu gostaria de poder retirar das criaturas que sofrem o seu penar e dar-lhes o direito de apenas sorrir e não terem mais o que lamentar! Como eu gostaria de tomar para mim as decisões de suas vidas, evitando tantos desenganos e tanto penar!

Mas quem sou eu? Nada mais que um ser liberto da carne – carne que me fez sofrer, que me fez penar, até o instante em que rompi a capa do orgulho, admiti os erros praticados e pude, assim, libertar-me da dor.

É preciso que compreendamos bem que hoje é o reflexo do ontem e que esse ontem é bem do passado longínquo que nos visita. Portanto, quando dizemos: “Bendita dor que nos busca a alma”, referimo-nos aos que trazem a condição de aceitá-la. A revolta é fruto da incompreensão e do desejo de desertar do compromisso. Firmem, pois, os compromissos assumidos fazendo a parte no trato, dominando a revolta e buscando Jesus como escudo de luz. Esse encontro com o Cristo se faz na meditação, na súplica por dias venturosos para nós e para os outros.

Há poucos dias, em um trabalho socorrista, conheci uma alma grandiosa: Maria Eulina. Essa trabalhadora de Jesus comandava uma caravana de ajuda na Terra a um jovem em desequilíbrio mental causado pelas drogas. Trazia a fé e o amor como escudo, abraçava aquele jovem com carinho extremado, rogando a Jesus sua intervenção. Ao me aproximar, sintonizei-me com o Espírito protetor daquela criatura e, juntos, buscamos um grupo de jovens que por ali passava, conduzindo-os ao hospital em busca de alívio.

Maria Eulina chorava de alegria e ao retornarmos ao posto socorrista relatou-me sua história na carne. Abandonara tudo para servir a Jesus em um convento. Quando sua irmã desencarnou deixando filhos pequenos, não os assistiu por julgar ser mais importante a missão abraçada. Os sobrinhos foram entregues à própria sorte.

O tempo passou e o jovem de nossa história era um dos sobrinhos que ela abandonara. Sua mãe o tivera na adolescência, perdida e desestruturada, morrendo precocemente.

Remoída pelo remorso, Eulina desencarnou prematuramente e ao chegar à espiritualidade deparou com o plano reencarnatório abandonado.

Com o tempo e os estudos, compreendeu a gravidade de seu erro e buscou a reparação no esforço de ajudar os que deixara na carne.

Sempre há tempo para recomeçar.

Sempre existe uma luz no caminho.

Repasso as palavras de Maria Eulina como lição:

– Não se arrependa nunca do excesso de ajuda ao que sofre, mas da escassez de benefícios que possa produzir. Não se arrependa jamais dos braços estendidos, mas do recolhimento deles diante da decepção. Não se arrependa jamais do Evangelho redivivo, mas do fanatismo da sua má interpretação. Não se arrependa jamais de insistir com alguém que caminha pelas ruas do erro, mas das palavras que não tenha pronunciado em seu benefício. Não se arrependa jamais do trabalho no bem, mas sim do seu recuo. Não se arrependa dos bons pensamentos, mas da sua falta. Para servir basta querer, para sorrir é preciso sofrer. Para buscar é preciso perder e depois achar o caminho. Bendiga, pois, a dor e a luta, pois só elas nos conduzirão ao caminho do bem.

### Elias e as *graças* recebidas

Sinto-me às vezes saudosos demais de um tempo que ficou lá atrás. Do momento em que as feridas eram tão fortes no íntimo de nossas almas, nos reuníamos em ampla sala na espiritualidade. Revíamos e analisávamos nossos desatinos gerais. Quanto tempo, oh! meu Deus, e ainda está tão vivo na memória!

Planos traçados, encarnações ordenadas e assim seguimos, cada um na sua estrada, que nos conduzirá a todos, com certeza, à felicidade. Nada é definitivo, nada é fatal. Os nossos próprios passos podem mudar o curso da estrada, mas confio em Deus e sei que o vento sopra a nosso favor. Chega de erros, de desatinos. A vida prossegue e eu também devo rumar no trabalho junto à vinha de Jesus. Tem-nos esforçado sem conta para ajudar aqueles que sofrem.

Outro dia estive junto de criaturas amadas na última existência, visitando-as em horário de sono. Revi meu querido Tobias e recordamos, então, o passado.

Ele está tão bem em sua atual existência. É ainda uma criança, mas cheia de ideias para o futuro. Sei que, ao completar os sete anos, as lembranças serão esparsas, mas o laço que se forma não se quebrará jamais.

Ao conversarmos, Tobias lembrou alguns fatos muito interessantes e esquecidos por mim, relacionados com nosso amigo Elias.

Elias era um bom homem, católico fervoroso, muito dedicado à organização das procissões. Tudo o que desejasse na vida entregava nas mãos da santa e era atendido. Muitos o invejavam e certa vez eu, intrigado com isso, lhe perguntei:

– Elias, como você vê Nossa Senhora Aparecida?

– Ah, meu padre! Eu a vejo como dínamo de luz, como mensageira do Senhor. Eu a sinto junto dos que sofrem, dos que se humilham. Quando me perguntam como consigo a graça, eu digo que foi ela, mas ao Senhor eu confesso: desde o dia em que, doente, trouxe meu filhinho aqui, há muitos anos, eu a senti tocar a minha alma me dizendo: “O que cura, Elias, são as obras e não as promessas”. Por isso ajudo a quem precisa, na medida de minhas condições.

“Eu vejo a santa rodeada de anjos que recolhem os pedidos na procissão, no altar e os encaminha ao Pai. Os pedidos de cunho terra-a-terra na Terra ficam, os verdadeiros são conduzidos. Mas aprendi, Padre Vítor, que a sabedoria dos eleitos de Deus é muito grande. É aprendendo a ajoelhar, a rogar aos céus, que um dia a criatura aprenderá a amar, a entregar sua alma orgulhosa a Deus em sentido real.

“Minha santa conversa comigo, me explica que a vida continua do lado de lá, mas não comunico isso a ninguém pois a compreensão das coisas é limitada. Eu sei de muitas verdades e guardo-as no íntimo, mas busco esse povo, meu amigo, para de alguma forma ajudá-lo a aprender a orar. Por isso consigo minhas *graças*, como dizem as pessoas, no entanto bem sei que recebemos na medida em que nos doamos.”

Isso só vem reafirmar que a fé é algo particular e aquele que a possui se transforma à medida que a adquire. Elias é um bom cristão, um amoroso devoto que segue seu caminho em busca da luz.

**Lúcia**

Certa vez chegou-me às mãos um caso deveras interessante e intrigante, necessitando de intervenção imediata no plano carnal e espiritual. Meire – assim irei chamá-la – apresentava estranha doença na pele: formavam-se pequenas rodas de fogo nos braços, nas pernas e no pescoço. Tinham formato de uma corda ou gargantilha no pescoço, de corda ou correntes nos pés, e nos braços pareciam cuidadosos riscos de chibata. O rosto se contraía e profunda dor a envolvia, mas nenhuma explicação para o caso podiam dar os médicos.

Exames de toda ordem se fizeram e o caso foi levado com sigilo total ao exterior, já que a família possuía recursos incontáveis. Mergulhados em profundo desespero, todos os familiares e a própria jovem não sabiam a quem recorrer, esquecidos, ao mesmo tempo, de recorrer ao Pai eterno e ao Mestre Jesus.

Uma serviçal da casa, devota fervorosa de Maria, era a única que rogava súplicas aos céus. Todos os dias ajoelhava-se diante do altar e ali entregava a sorte da *patroinha*, como a chamava. Lúcia era humilde de coração, e atrás daquele corpo simples, frágil e judiado pela vida, escondia grande elevação moral e fé inabalável. Ao procurar-me em oração, julgando-me capaz de milagres, rogava com fervor:

– Oh! Meu querido Padre Vítor, tu, como eu, és filho de Maria. Tenho certeza de que perto dela estás neste instante, sendo acariciado por seu amor. Oh! Santo que vive entre nós, leva à Mãe Santíssima a minha oração, pois bem sei que só ela e seu filho bem-amado podem curar a patroinha. Sabe, meu santinho, tenho tido pesadelos onde vejo a patroinha em outras roupas, judiando de negrinhos inocentes, amarrando seus pés, seus pescoços e batendo neles sem piedade. Os que fogem, após a captura são castigados por álcool e fogo nas partes amarradas. Acordo assustada, santinho, choro e me desespero. Acho que é o demo que me mostra isso. Ajuda-me, santinho! Ora e intercede junto a Maria por nós todos. Amém!

Essa amada criatura de minha alma não sabia o descortinar do passado que presenciava e nem tampouco a minha pequenez, mas a fé, ah! a fé ajuda e bendiz aquele que a tem. Pedi socorro a meus su-

periores e, ao verificarmos a situação real, encontramos junto de Meire uma legião de Espíritos obsessores, terríveis cobradores de passado remoto. No caminho da educação e do amparo a eles, que durou algum tempo, tivemos o desfecho do amor ao educá-los, remetendo-os à lucidez de suas almas, exemplificando o Evangelho de Jesus e fazendo-os ver a lei do retorno que rege nossos destinos e reconhecer em Lúcia a maior vítima, que fora queimada viva por Meire, trazendo no ventre um pequeno ser. Mas a bondade do Pai e a fé que já fazia parte daquela alma peregrina a libertaram de qualquer sombra do ódio e, novamente reunidas, Lúcia veio para ampará-la. O tempo passou. Meire ainda sofre na carne as dores do passado em doenças estranhas e traçadas na programação reencarnatória. Lúcia, desencarnada recentemente, é um feixe de luz a iluminar a pequena cidade onde vivem. Por isso eu vos digo e repito hoje: no reencontro de almas temos e teremos sempre a oportunidade de edificar, amar e servir. É preciso, pois, paciência com os que nos ferem, companheirismo com os que necessitam e confiança para a jornada.

### **A andarilha adormecida**

Certo dia, caminhando por uma região de grande beleza, detive-me em um belo jardim onde a harmonia das cores formava um lindo quadro de paz. Lembrei-me do querido e bondoso Tobias e sua dedicação ao jardim da igreja. Envolto nas minhas recordações, não percebi uma jovem que ali se encontrava apática e ausente, aparentemente indiferente àquele espetáculo de energias salutares.

Quando a percebi, notando a profundidade de sua tristeza, aproximei-me e a interpelei. Custou-lhe responder-me, mas, devido à minha insistência, ela disse:

– Por favor, deixe-me em paz. Quero estar só.

– Minha irmã, paz é observar esse banquete de luz e ver o Criador a nos brindar com a beleza da criação.

– Ora, ora, não me venha com discursos decorados, com frases feitas. Que beleza que nada! Flores, que diferença produzem externamente se por dentro minha alma sangra e padece?

– Padece por quê, minha irmã?

– De mágoa, de ressentimento pelas perdas constantes. Vivi na Terra amontoando decepções, perdendo e abrindo mão de tudo, servindo aos outros de escrava, sem direito a nada, a nada.

Sua voz alterada, suas faces vermelhas, sua vibração desencontrada demonstravam toda a amargura do seu íntimo. Parei um pouco, firmei meu pensamento, busquei inspiração e lembrei-me do meu Tobias, do seu esforço para reerguer-se. Olhei aquela alma tão endurecida e lhe disse:

– Escute-me por um minuto. Ouça esta história.

Ela olhou-me, desculpando-se, e acenou com a cabeça. Contei-lhe, então, toda a trajetória de Tobias, a reconstrução da paz daquele andarilho que descera até o fundo do poço, perdendo sua identidade, seu bem-estar. Sempre me emociono ao citá-lo por ter nesse caso a prova viva do amor transformador, do calor que só a esperança pode oferecer.

A jovem ouviu-me atentamente. Senti que algo a tocara e, ao terminar a história, refleti.

– Como Tobias, filha, você se tornou uma andarilha na vida, abandonando-se e permitindo que as dores fossem mais fortes que os gestos de carinho. Parou de perceber que entre tantas amarguras que vivera existiram, com certeza, gestos de afeto e carinho. Você veio para a vida espiritual presa à sua revolta e, enquanto não se banhar pelas águas da esperança, estará assim cheia de dor e decepção. Filha minha, sempre é tempo de sorrir. Procure perceber que toda situação tem dois lados, todo problema tem solução. Aproveite a chance e aprenda a despertar, pois sua alma ainda se encontra adormecida.

Banhada em lágrimas, um sorriso nasceu naquele rosto e a jovem, turvando-se em pesado sono, adormeceu. Necessitava descansar. Levei-a junto a outros companheiros para a câmara de reparação e, passado um bom tempo, a vi renovada e envolvida em serviços e pequenos trabalhos no bem.

**Elisa**

*"Sempre haverá esperança para aquele que crê verdadeiramente no amor do Criador. Sempre haverá um novo despertar, cheio de oportunidades para os corações arrependidos. Sempre as portas do recomeço estarão abertas para aqueles que desejarem abandonar o passado e reescrever o futuro. Creiam, meus irmãos, creiam."*

Estas foram as palavras finais de amorosa entidade a um grupo de Espíritos retirados de zona de sofrimento. Criaturas entorpecidas ainda pela angústia de suas histórias, da não aceitação do rumo das coisas, mas que podem num instante recordar-se da oração e, arrependidos, pedir socorro. Era, porém, necessário que as mantivéssemos ali, para não retornarem às zonas de sofrimento.

Entre o grupo, um Espírito muito triste me chamava a atenção. Trazia a aparência de uns vinte e poucos anos, tinha feições belas. Seu nome era Elisa. Acercando-me dela, comecei a conversa apresentando-me. Ela me cumprimentou e, após um início meio difícil, começou a contar:

– Vivi uma vida simples numa pacata cidade no interior do Rio de Janeiro. Casei-me com um homem bom, porém jamais devotei-lhe amor e acho que nem ele por mim. Tive quatro filhos que, com o tempo e a vontade de crescer, foram para a capital e lá estão vivendo. Meu marido sempre me foi infiel e com a ausência da prole, sem ter o exemplo a dar, vinha muito pouco à nossa casa.

"A tristeza e o abandono me fizeram definhar. Recorri ao padre e este me dizia que tivesse calma e resignação. Com o tempo deixei a igreja, as pessoas, e me afundei num profundo mundo de desilusão, em que até mesmo não me alimentava, até que certo dia a morte veio me buscar. Desejava o fim à escravidão absoluta. Sofri muito, mas me senti aqui uma suicida."

Depois de chorar lágrimas amargas por sua situação, Elisa perguntou:

– Senhor, pequei? Qual a razão de uma vida tão sem sentido? Onde foi que eu errei?

– Elisa, minha irmã, o seu erro foi acomodar-se. Poderia ter seguido seus filhos, ter-se dedicado a outras atividades, tentando trazer o companheiro ao seu coração, semeando o amor. Poderia ter ajudado os empregados de suas terras, mas você acabou entrando em um mundo de tristeza.

“Hoje os que você deixou na Terra têm sofrido muito. Seu companheiro trouxe para casa a jovem seduzida que, grávida, ainda tão jovem se assusta com as consequências do seu desliz. Seus filhos acusam o pai por sua partida e desejam tirar-lhe tudo como vingança.

“Elisa, é necessário fazer algo, antes que coisas piores aconteçam. Iremos ajudá-los, mas precisamos que você se esforce e progrida. Entende, minha irmã?”

– Sim, não desejo o mal a eles, quero que sejam felizes. Compreendo agora minha responsabilidade.

Agimos no caso e a paz retornou àquele lar. A jovem seduzida, no entanto, perdeu o bebê quase no fim da gravidez, pois que antes ingerira excessivos remédios, chás e simpatias. Heitor a assumira como companheira e os filhos se aquietaram.

Elisa hoje é feliz, trabalha, estuda e crê nas oportunidades que nos são dadas pelo Criador. Prepara-se para o retorno à carne, o que será uma experiência valorosa para ela.

Que todos creiam na força da esperança e no Criador.

**Juliana**

Quando me questiono sobre certos fatos ocorridos na vida física, me debato ao tentar achar a lógica deles do ponto de vista espiritual.

Surpreende-me ainda ver tantas criaturas andando em círculos sem buscar um ponto, como linha final de uma etapa para buscar outro ponto de partida e, conseqüentemente, um de chegada e com isso ir formando bases sólidas para o aprendizado necessário, a conclusão de ciclos, o aproveitamento integral das possibilidades decorrentes de cada situação.

Algumas experiências nos ensinam muito e é precisamente por isso que palestrantes e autores buscam ilustrar suas narrativas com casos e fatos realmente ocorridos.

Dizem que aprendemos nas experiências alheias. Será?

Minha amada e querida Juliana, hoje na espiritualidade, é um ser de grande luz, após as conquistas espirituais consumadas na velha França. Essa querida alma de minha alma foi com certeza o grande anjo que me auxiliou nos momentos de maior queda moral.

A jovem artista italiana, que deixou para trás a possibilidade de passar à história como sensível escultora (que já havia sido em outras paragens), usou seu dom para curar as lágrimas dos olhos que não distinguiam o feio do belo.

Foi a grande luz de Pierre, meu irmão perseguido e sofredor. Lutou por nossos laços familiares exemplificando e amando acima de tudo.

Os louros a incomodam, mas sempre que me entristeço com a insistência no erro dos que amo e aprendi a amar, me recordo de sua figura, muito distante de mim, pela elevação espiritual atingida há muito tempo.

Quando a visito, ou melhor, quando recebo sua visita, seus conselhos me levantam à procura da luz.

Ontem tive essa oportunidade. Envolvida em muita luz, disse-me ela: – Meu querido irmão Vítor, tu bem sabes do meu amor por tua alma e quanto agradeço ao Pai por não ver nenhum traço do velho e atormentado Luchini em ti, mas ainda trazes a inquietação da alma

que não sabe esperar o tempo de cada ser para buscar o caminho do bem.

“Quando estiveres triste, lembra-te da antiga época quando chegavas a Paris e no meio dos meus desafortunados tinhas a tua alma despertada pelo amor adormecido ao vê-los produzindo arte para agradecer ao Pai celestial. Quantas vezes te vi chorando ao ver aqueles seres esqueléticos oferecendo-te uma obra para tuas obras. Foram aqueles contatos esparsos que não permitiram que te perdesse totalmente e, ao brindá-los com lições sinceras do Evangelho do Cristo, tua alma se redimia.

“Vítor, tudo se ajeita na eternidade. O doce alento de sabermos que não deixaremos nunca de existir nos aquece a alma e, hoje, lágrimas que rolaram por teu veneno no passado hoje rolam do teu amor sincero vivido na última viagem terrena.”

Abraçou-me com tanto amor e partiu, minha doce e querida Juliana; e agora, em que relato a história, recordo aqueles momentos em que a via pegando as mãos rudes dos desafortunados, desenvolvendo a sensibilidade para retirar deles não apenas a fome do corpo, mas a fome do espírito. Na espiritualidade comanda ela um grupo de recuperação de toxicômanos dementes, com a mesma atividade dos tempos da velha França.

Por isso creio na vitória e digo também para mim: Deixemos o tempo se encarregar do próprio tempo para que cada um busque a paz e a luz do caminho que vem do amor a tudo e a todos os que nos cercam.

### Mais uma lição de Tobias

Hoje bem cedo visitei o meu querido amigo Tobias. Já conta cinco aninhos, é cheio de vida e amor, e cresce em um meio que favorecerá seu desenvolvimento espiritual, se tudo contribuir, principalmente o seu livre-arbítrio, para que ele se conduza na direção do ajuste e da tarefa a que se propôs nesta nova encarnação.

Ao revê-lo, as reminiscências são muitas e ele, como um amigo invisível, me chama pelo nome, sem revelar aos familiares a verdade, dizendo que é o vovô que veio vê-lo. Sinto-me feliz e todas as vezes que o encontro relembro muitas passagens curiosas a seu respeito.

Quando já desencarnado vinha ele me visitar na igreja, ou em minha casa, trazendo-me notícias do além e, como de costume, pedindo-me socorro para os necessitados da carne que ele desejava atender.

Certa vez nutria eu grande apatia, causada por decepções com o bispo local. Tomado de tristeza, sentia desejo incontrollável de abandonar a tarefa, mas tudo por julgar não me fosse possível suportar mais tanta hipocrisia.

Na calada da noite chegou o velho amigo, com suas flores nas mãos. Sentou-se no chão, como de costume, ao pé de minha cadeira de balanço, coçou a cabeça e, em tom respeitoso, me disse:

– Seu padre, é chato mas eu tenho que lhe contar uma coisa. Acompanhei seu dia e vi com meus olhos sua conversa. Sabe de uma coisa? Isso não pode continuar assim.

Senti naquele momento um alívio e julguei ter encontrado um aliado, como sempre. Melhorei a cor, acomodei-me e, antes que dissesse algo, ele continuou:

– Não levante a crista não, meu amigo. Sua atitude é reprovável. Você se sente maior que seu superior? Sabia bem que, ao resgatar os débitos com a Igreja, deveria driblar mas jamais afrontar suas medidas. O seu Abel e o Dr. Bezerra não querem papo não. Mandaram-me dizer que a escolha é sua e amanhã, quando vier chorar, a dor será redobrada e a chance de rever seus afetos será adiada. Seu Abel disse que sua arrogância e pretensão o levaram à derrocada tantas e tantas vezes. Pense bem, meu amigo, pense bem.

Dito isso, e sem que eu pudesse dizer algo, ele se foi. Chorei tanto de vergonha que durante muitos dias não consegui encarar a mim mesmo. Revi minha posição, retomei o meu trabalho e certo dia, após semanas do fato ocorrido, ao rezar a missa, falei sobre o orgulho e a prepotência. Disse a todos que eu também assim procedia em alguns momentos. Meus fiéis, julgando-me sempre em alta conta, comentavam baixinho: "Como é generoso. Diz isso para nos animar. É um santo homem". Mas a consciência me fazia confessar sinceramente a lição que havia aprendido e, ao retornar a casa, fui recebido pelos três amigos bondosos, que me disseram com o olhar: "Nunca é tarde para nos reconciliarmos com o bom senso". Portanto, fique aqui este lindo episódio que guardo na memória com carinho porque, se não fosse o amor verdadeiro de Tobias, talvez hoje não estivesse em condições de ajudar a todos aqueles que amo.

## De volta ao passado

Tive coragem e finalmente consegui enfrentar meu passado de tormentos e enganos. Consegui ir à França, repassar pelos velhos casarões, alguns em ruínas, e sentir o cheiro da terra, lembrando o clima agradável, o aroma das flores. Entrei na antiga igreja de minha desdita, percorri seu interior e chorei ao ver as cenas de minha vida tão marcada pelo orgulho e pela vaidade. Percebi, porém, que de certa forma tudo é visto como um filme triste, que emociona as fibras da alma, certo de que jamais serei de novo o Cardeal Luchini ou qualquer outro, pois que aprendi, pelo meio mais difícil, que tudo era falsa ilusão. Consegui ir até lá com a ajuda de Juliana, o anjo bom de minha vida.

Num momento de grande tristeza em que me via tão cruel, ela com sua sabedoria e evolução me enlaçou em seus braços fraternais e me disse:

– Oh! Como me alegro, Luchini-Vítor, de ver-te assim, com a alma liberta. Sempre soube que dentro de tua alma algo de bom pulsava e sabia de antemão que um dia estaríamos aqui, refletindo sobre todo esse passado como lição. O tempo passou, o sofrimento abrandou e é necessária a retomada de tuas lembranças como contribuição às criaturas da Terra, para que, ao ouvirem a tua história, tenham certeza da função da reencarnação, da justiça divina, do seu mecanismo e da bênção do arrependimento. Começa pelo fim, fala a todos da tua despedida da velha França, da tua morte e do teu início em busca da luz.

Envolvido em seus braços, em espírito, me lembrei então da desencarnação como Luchini, do ser desprezível que fui, “amado” por pessoas doentes pela ganância, destruidor de lares e com muitas “viúvas” a deixar. Doente, cheio de recursos financeiros e desprovido de ajuda sincera, tomado pelo desespero e solidão, recorri a Juliana, única alma sincera a quem podia rogar ajuda.

Buscaram-na na Itália, onde residia há muitos anos, pois nunca mais pisara a França. Veio sem perguntas, já viúva, mas conservando sempre a dignidade inalterada, a bela figura, artesã de grande valor

que tudo deixara para servir à família, com a serenidade dos que cumprem o dever, sem nenhuma mágoa de mim, que tanto prejudicava o irmão, um ser tão caro ao seu coração. Juliana cuidou de mim por longos meses e me preparou para a morte. Sentia eu dores terríveis que me tiravam o raciocínio. Contraíra algumas bactérias provenientes da vida desregrada e meu organismo parecia misturar todas elas em diferentes reações.

Tomado por uma dor de cabeça incessante, nas crises agudas uivava de dor. Passei a cheirar mal e meu corpo corroído de feridas trazia um aspecto horripilante. Juliana lavava-me, penteava meus cabelos, preparava meu alimento e, sempre atenta, amparava-me nas crises. Com sua dedicação tive bons momentos. Num certo dia chamei o tabelião da cidade de Lyon, onde possuía muitos bens, e determinei que os passasse para Juliana, mas antes do feito ela me fez doar, sim, um bem para cada filho bastardo, para cada mulher que desonrei ao longo dos anos.

E assim, na minha pretensão, julgando que limpava minha honra, até mostrei sinais de melhora, mas ela me disse:

– Não te iludas. Isso é o mínimo que tens a fazer. Virá, ainda, uma época em que, de volta à carne, encaminharás todos esses seres que abandonaste à sorte... O que se privou na matéria, com matéria se paga, mas o que privaste na alma só o amor poderá suprir. Todos os seres que desprezaste deverão, um dia, ser muito amados por ti e só assim terás paz em teu coração.

A partir daquele dia, pela primeira vez entrei em contato com as verdades da espiritualidade e fui sendo preparado para a morte.

Juliana nunca se apartou de meu leito e nunca ouvi uma palavra azeda de seus lábios. Amparou-me até o fim.

Depois de seis meses de sofrimentos profundos, no inverno de 1780, com grande dor, parti para a espiritualidade.

Como sofri ao ter que deixá-la! Meu medo do futuro era muito grande, mas a bondade divina é incontestável e com muita alegria fui amparado por Martin e Adeline, que me conduziram a um hospital e me ajudaram na espiritualidade.

Tive muitas lições de Juliana que relatarei oportunamente. Seguirei, então, seu conselho, vindo do fim para o início, e, com os ajustes necessários, contarei a história de minha vida – a vida de um dos seres mais desprezíveis que no século XVIII habitou na França.

## Recordações

Após os habituais trabalhos socorristas do dia, sempre nos reunimos para estudo e organização dos trabalhos noturnos e da pauta do dia vindouro.

Naquele dia, em especial, ouviríamos uma palestra de abnegado companheiro de esferas superiores. Ao chegar ao recinto lotado acompanhado por Abel, irmão Lúcio irradiava um brilho tão intenso que parecíamos estar imersos em banho de luz. De aparência límpida e voz calma, iniciou sua explanação após breve saudação:

"Certa feita um jovem caminhava na Terra buscando o pão de cada dia pelo trabalho no campo. Lutou, venceu, conquistou terras, construiu mansões, formou família, criou patrimônio vasto. Do passado, poucas lembranças; do Pai misericordioso, nenhum pensamento sequer. A vida era hoje e agora. Após tormentos que o materialismo nos lega, ele sofreu a dor do abandono na velhice, esquecido em um quarto de asilo. Morreu infeliz, e infeliz espiritualmente renasceu, mas a bondade divina, que não nos abandona jamais, reconduziu-o à renovação. Foram muitas horas de estudo, muita vontade de mudança. Volta à Terra e procura o caminho da luz. Pelo conhecimento da lida no campo renasce para produzir no solo estéril a seiva da vida. Lutou, abateu-se por doença estranha e desconhecida na época. Ensinou o valor da vida aos desfavorecidos exemplificando o amor de Jesus nas palavras e na fé que não se abala por suas limitações. Morreu para a carne pobre, mas feliz, pois conquistara o amor sincero das almas simples. Hoje vive novamente na Terra, porém esclarecido e preparado.

"Por que vos conto isso, meus irmãos? Para exemplificar que até da planta mais estéril pode brotar luz. Por mais derrotas e conquistas na carne, somos capazes de recomeçar. Como socorristas do plano maior, busquemos erguer os que sofrem, com docilidade. Abracemo-nos e digamos uns aos outros: – Você pode! Você vencerá, pois vive em você a chama da eternidade. Recomece, desembarace-se do lado mau de que emergiu. Creia no Pai que acolhe a todos e diga: - *Eu quero vencer as barreiras.*

“Meus amados irmãos, a nossa missão é ajudar e não questionar. É servir sempre, colocando-nos no lugar dos que sofrem.

“Que Jesus vos abençoe. Muita paz.”

A luz irradiada no recinto fez-nos tranquilos e renovados. Emocionei-me ao ver a beleza da vida, a misericórdia do Pai. Lembrei-me de muitos encarnados como o jovem da história, que se deixam levar pela conquista do poder e perdem o rumo da existência. Orei por eles e, após minutos de reflexão, fomos chamados à atividade de socorro na Terra.

Um pouco de reflexão: pelas lutas travadas pelo Espírito em busca da evolução, muitas arestas hão de ser cortadas, muita dor deverá ser reparada, muito empenho terá de ser empregado. Meu Deus! Quando volto do trabalho socorrista, às vezes me pego pensando: Por que isto? Por que tantos desatinos em nome do egoísmo? Pode o homem encarnado esquecer-se tanto do Criador ou, banalizando-o, vendê-lo, satirizá-lo assim? Alguns dias sempre são mais difíceis que os outros, mesmo aqui na espiritualidade. Sou de natureza crítica e não consigo, ainda, reter meus impulsos de severidade. Trago resquícios da batina, me pego pregando em vez de aconselhar, ditando regras em vez de conduzir e acolher. Envergonho-me pelas minhas falhas e, quando ultrapasso os limites do bom senso, refugio-me na colônia em lugar aprazível para pensar.

Num destes dias estava mergulhado em profunda reflexão quando alguém chegou calmamente, sentou-se ao meu lado, tocou-me o ombro e disse:

– Não seria mais fácil dividir a reflexão do que pensar só?

Era Anita, companheira querida de trabalho, alma generosa que a cada dia se ilumina mais pela abnegação. Chorei feito criança necessitada de aconchego em ombro amigo, fiquei por alguns instantes reconfortado e, após longo silêncio, considerei:

– Anita, minha irmã, me sinto incapaz de servir a Jesus, pois sou ainda pequeno e presunçoso, trago, ainda, as insígnias do clero e acho que erro mais que acerto. Como posso querer mudanças radicais do semelhante, se não aprendi a ser humilde? Como posso dizer que amo se ainda condeno os erros humanos? Ah! Jesus deve me condenar por isto.

– Vítor, não diga bobagens. Você é Espírito em busca da luz, suas imperfeições e as minhas são comuns. O que esperava? Que liber-

tando-se do corpo se libertaria das suas mazelas? Que vivendo numa colônia espiritual estaríamos no paraíso? Somos ainda falíveis, mas precisamos lutar para crescer. Você precisa questionar menos e servir mais. Estudar com afinco, orientar-se com Abel e os nossos mentores em vez de refugiar-se em suas reflexões. Meu amigo, é difícil para mim também. Quando vejo meus familiares sofrendo ou cometendo desatinos, chego a dizer a eles: *O que é isso? Esqueceu-se do compromisso? Onde estão os princípios espíritas, o exemplo de seu pai?* E eles não me ouvem as súplicas e sofro e me culpo. Custou-me descobrir que não é a doutrina que nos modifica, mas a educação de nossos instintos inferiores, a revisão dos nossos valores. Do mesmo modo como você se apega ainda a alguns *ranços* da Igreja, eu o fazia com o Espiritismo. É falta de informação, Vítor, pois ninguém muda por fora se não o fizer por dentro, compreende?

Como bálsamo de luz, aquelas palavras me acalmaram e me conduziram a nova visão. Abracei a irmã como um filho a uma mãe e acho até que naquele momento era disto que precisava. Lembrei-me de minha genitora e indaguei de Anita:

– Por onde andaré minha mãe?

– Vítor, é para isto que vim chamá-lo. Venha, vamos visitá-la.

### Reencontro com Joana

O reencontro com minha mãe vinha misturado com saudade, dúvidas e curiosidade. Jamais tivera notícias dela após a sua desencarnação. O que lhe teria acontecido, afinal?

Anita, percebendo minha ansiedade, ponderou:

– Vítor, pelas provas a que se sujeitou, você trocou o convívio estreito da família carnal pelo da família humana. Sua mãe foi apenas instrumento para conduzi-lo ao seu destino. Sua ligação é efêmera e com o tempo entenderá.

Compreendi, então, o sentimento que nutri a existência toda e que ainda experimento – sentimento de dor, de ausência, de orfandade.

– Nas telas das reminiscências você terá as explicações. Calma, asse-rene o coração.

Chegando ao encontro marcado, assustei-me com o que vi: um Espírito atormentado, sem condições mínimas de discernimento de sua condição espiritual, pronunciando palavras desconexas e de difícil entendimento. Ela havia sido recolhida das regiões inferiores, por interferência de protetores espirituais, que procuravam auxiliá-la e persuadi-la a tratamento eficaz na colônia espiritual.

Abel mandara chamar-me com o objetivo de despertá-la.

Tomado por um misto de susto, admiração e piedade, senti-me incapaz. Abel energeticamente chamou-me à realidade:

– O que esperavas, Vítor? Vir ao encontro materno para com lucidez cobrar o que julgas ser teu direito? Ao menos tens ouvido as considerações doutrinárias sobre os laços de família, os casos que temos socorrido? Vítor, os vínculos se estabelecem no amor. Nas provas expiatórias brotam, amadurecem e produzem frutos quando nos esforçamos. Olha a criatura que abriu os braços para receber-te e que, apesar de suas mágoas pretéritas e lutando contra os seus próprios sentimentos, foi, de certa forma, a responsável por tua ida ao sacerdócio. Sofreu tua ira do passado, lutou e relutou muito para aceitar-te no ventre. Mas, pela condição social, pelos valores religiosos, fez o que deveria e, como pôde, aprendeu a amar-te, mesmo de forma pequena, não te privando da existência. O amor maternal nasce na

espiritualidade e concretiza-se no plano físico. No seu caso era difícil, pois as dores estavam cravadas no perispírito. O mínimo que podes fazer é dar-lhe uma cota de amor verdadeiro, para juntos iniciardes a retomada do perdão.

Envergonhado e assustado, acerquei-me dela e, orando fervorosamente, repeti o que sentia no coração:

– Perdoe-me pelos sofrimentos que lhe causei, pelo sangue derramado, pelas lágrimas de dor. Permita-me ajudá-la a erguer-se e acredite na minha capacidade de amar verdadeiramente. Fui seu algoz e hoje sofro duras penas pelos meus atos. Sou fraco e portador de defeitos sem-fim, mas acredito na bondade e na misericórdia divina. Deixe-me e permita-me amá-la, dar-lhe as mãos para que se livre desta dor em que se encontra imersa. Perdoe-me, Joana, perdoe o seu algoz.

Forte vibração de luz envolveu aquela criatura e quadros do pretérito me fizeram vislumbrar meu passado de erros junto a ela que, por sua vez, não via em mim o filho que gerara, mas o companheiro de infortúnio, Túlio, sacerdote que a arrancou da juventude pura e a fez trilhar pelo infortúnio. Choramos copiosamente e abraçados ficamos por instantes vários, até que Abel nos interrompeu, pois Joana seria conduzida ao repouso necessário.

– Espera, Vítor, que o tempo surgirá para entender as tramas do teu passado. Hoje estás Vítor e um pouco Túlio; ela é Joana e há muitas coisas a serem ditas e acertadas. Vem, meu irmão, senta-te aqui e começarás a entender o teu passado de dor e o teu presente de recomeços sem-fim.

O momento mais doloroso para um Espírito em evolução precária como eu é o contato com a verdade. Como é difícil assumirmos o papel de algozes e entrarmos em contato com o que realmente somos! Busquei na última encarnação conduzir, reatar as criaturas pela fé, evitando o pecado, a insensatez. Fui duro e ríspido até, mas procurei manter a fé viva nos corações e hoje sinto estas vibrações que procedem da Terra de pobres fiéis que me consideram santo. Pobre de mim, um ser fraco, derrotado muitas vezes pela imprudência! Sei que a misericórdia divina me permite recomeçar e que hoje já me despi de muitos sentimentos menores. No sacerdócio consegui respeitar o celibato, consegui com precariedade relacionar os dogmas com as verdades espirituais. Fui amparado infinitamente por bondo-

sos amigos, que curaram feridas, ergueram caídos, conduziram lares ao ajuste, mas só agora, após um bom e longo período desencarnado, deparo as respostas que busquei por longo tempo, ouvindo de Abel esta sábia advertência:

– Aguarda o tempo, que o tempo cura as feridas e dá as respostas.

O encontro com Joana me fez reviver a parte ruim de minha jornada evolutiva e levou-me a encontrar o fio do desequilíbrio, a minha porção má. Abel conduziu-me à sala de reuniões e com aparelhagem adequada me fez rever uma existência dolorosa <sup>(13)</sup>.

Lá estava eu, na velha Roma, como o sacerdote Túlio, e Abel, grande amigo de jornada, procurando me conduzir à verdade. Usava eu o poder religioso para seduzir os homens e conquistar as mulheres. Jamais fazia algo de graça, sempre recebia algo em troca. Sabia manipular fórmulas medicinais que curavam com poucas doses. Foi por esse motivo que me levaram Joana.

Ela era a jovem mais bela que meus olhos puderam ver até então. O corpo sedutor, o olhar puro – muito diferente das que tinha no leito – me fizeram arder a alma e jamais desejei alguém tanto quanto desejei a ela. Eu a curei, a iludi e a fiz abandonar a pureza para me seguir.

No mundo do egoísmo em que vivia não havia espaço para a pureza daquela alma. Assim a abandonei como se larga uma peça de roupa. Ela sofreu as consequências da desilusão e, não suportando a vergonha e a cobrança social, retirou-se da vida, ainda jovem, pulando de alta montanha. Sua sombra me acompanhou a existência, comprometendo ainda mais o meu estado que já se encontrava atormentado por doença venérea.

A figura de Abel sempre me acolheu nos braços amigos, me deu abrigo na espiritualidade, me ajudou no retorno e prometeu-me que nos reuniríamos de alguma forma, como ocorreu realmente.

Oh! Quanto sofrimento causei! Fui egoísta e não soube amar. Precisei percorrer o caminho da solidão para compreender que não podemos manipular os sentimentos e as almas. Que o verdadeiro amor constrói, edifica e produz. Só hoje percebo o sentimento que tenho por Joana, que não é desejo e delírio, mas o mais puro sentimento de união.

---

<sup>13</sup> Não relatarei detalhes como datas e descrições, pois são desnecessários. (Nota do Autor.)

Meu desespero era grande ao pensar na forma de reparar o mal, e, como sempre, Abel interrompeu meus pensamentos dizendo:  
– Tudo é visto pelo Pai bondoso, Vítor. Hoje já te desfizeste dos valores da existência pretérita, estás amadurecido e preparado. Só tu podes ajudar Joana, para que ela consiga resgatar a pureza da alma. Vem, vamos conversar com Bezerra e ver o que é possível fazer.

## O retorno de Joana

Abro um parênteses nesta narração para descrever o Dr. Bezerra de Menezes, um pai amoroso que acolhe os aflitos sempre com uma palavra meiga, um feixe de luz que nos acolhe nos braços. De sabedoria infinita, arrasta por onde passa calma e luz. Sua vibração é tão forte, sua iluminação interior tão intensa, que se tivesse sido padre com certeza já teria sido canonizado. O anjo bondoso que com simples olhar cura as feridas e ergue os sofredores. Meu grande mestre, meu verdadeiro pai.

Ao chegarmos ao encontro com Bezerra, lembrei-me das terras mineiras e da primeira vez que deparei com aquele anjo de luz. Trazia a mente confusa, o coração apertado e, tal qual a primeira vez, tinha mais perguntas que respostas.

Bezerra me recebeu e com seu olhar bondoso me disse:

– Acalma-te, Vítor, e escuta o que tenho a dizer-te; se restarem dúvidas, falaremos depois. Meu amado filho, bem sabes que te quero bem, assim como a todos os seres criados por Deus. Há muito te fiz meu tutelado à conta do passado reencarnatório que nos liga pela eternidade. Junto a Abel edifiquei projetos para ti e sabíamos da tua luta, das tuas inclinações. Por coerência e vontade de servir, venceste a etapa de sombra e resgataste a dignidade espiritual com o credo que ofuscaste. Tiveste recato e responsabilidade e compreendeste que teu calvário era necessário.

“Joana, ah! minha querida Joana – prosseguiu Bezerra – é tão meiga e tão pura. Sofreu muito e hoje, embora traga o coração turvado de dor, mantém a essência do amor de Jesus. Precisa de amparo, pois deixou o campo aberto ao infortúnio. Já resgatou pelas encarnações sucessivas o suicídio infeliz, pois a culpa foi dividida contigo que indiretamente a induziste. As palavras doem, eu bem sei, mas precisam ser ditas!”

Dito isso, Bezerra acrescentou:

– Vítor, meu Vítor, vamos ministrar tratamento terapêutico em ambos e passarás por mais uma prova de luz. Joana não tem mais o corpo que te fez arder, mas uma alma precisando ser amada como

alma. O amor em sua essência é puro encontro de fluidos, de energias que, juntas, manipulam e testemunham o bem. Caminhareis de mãos dadas em busca da reparação. Ajudar-vos-eis mutuamente para, no momento oportuno, Joana retornar à carne e cumprir sua missão. Entendes o que eu digo? És capaz de tamanha abnegação? Chorei copiosamente, envergonhado, pois intimamente meus desejos primitivos se denunciavam por aquela alma com sentimento de posse.

Pedi, então, entrecortado pela dor:

– Ajude-me, Bezerra. Ampare-me, Abel, pois necessito vencer o mal que vive em mim.

Recebi fluidos benéficos da oração fervorosa de Abel, que rogou ao Mestre:

*"Ajuda-nos, Jesus, por sermos grandes devedores da tua vinha. Muitas vezes profanamos tua doutrina, em vão. Abençoa os nossos perispíritos de luz e acolhe em teu manto estas duas almas caras a minha alma, para porem fim à luta de dor. Que assim seja, Mestre bendito."*

Os dias que se seguiram foram coroados de luz.

Joana se fortalecia, participava de cursos, do tratamento fluídico, e vinha timidamente aos trabalhos socorristas. Já nos era permitido caminhar de mãos dadas e termos momentos a sós. Edificamos planos de reencontro futuro e, após longo período, chegou o momento de sua partida para a Terra.

Nas mãos bondosas de Anita e D. Menina, Joana foi entregue para o preparo perispírico. Foi doloroso demais vê-la partir, mas felicitei-me quando soube que estava nos braços amorosos de um dos descendentes de Anita, num lar espírita, adequado à sua edificação. No dia de sua reencarnação, que já data de alguns anos, estive presente no lar que a recebeu, amparado por Abel e por Anita, que me confortavam a dor da separação.

Hoje a visito quando posso e, se muitos questionam qual é a minha ligação, aí está a resposta. Seus dados não darei, pois acho que já falei demais.

## Despedidas

E, assim, sigo meu rumo no plano espiritual, cumprindo a sina da solidão, pois não sou merecedor da atenção exclusiva de minha alma gêmea, daquele olhar de cumplicidade, do aconchego do amor.

Joana terá que trilhar seu caminho, edificar um lar, receber companheiros e eu ficarei à sua espera. Mas trago no íntimo a paz que há muito busco, pois aprendi a duras penas que os erros cuja solução se adia custam mais para serem reparados, porque, por pior que possa parecer a dor, ela tem fim com a busca de Jesus.

Estou trabalhando e seguindo recomendações de Bezerra, aprendendo a amar a alma de minha alma, sem posse, sem desejos vazios. O trabalho continua, é necessário e não espera. Como no plano físico, os laços de amizade se estreitam a cada nova etapa. Abel, como sempre, meu grande irmão, A.O., um amigo que conquisto a cada dia, e Anita, a mãe generosa, a irmã e confidente das horas de dor. Acho que por admirá-la na Terra, sem conhecê-la, tenha me ligado a ela ainda mais no plano extrafísico.

Um dia Anita me disse: "Meu amigo, somos filhos do mesmo Pai e se abrimos a caixa das recordações nos veremos sempre nos mesmos lugares, ora próximos, ora distantes." A curiosidade não nos leva, porém, a lugar algum, pois, como diz A.O.: "Se fosse para lembrar o que fomos, por que necessitaríamos esquecer?" Não me é, portanto, permitido revelar reencarnações do grupo espiritual. O próprio Abel jamais me deixaria ousar dar pistas do seu passado, pois as especulações são grandes. Ele, aliás, gosta de dizer:

*"Sou Abel, ser pequeno e devedor que chegou aonde chegou pelo auxílio de Jesus e de Bezerra. Quero poder compartilhar o benefício das relações amigas, enxugar lágrimas e aprender cada dia a servir na vinha do Mestre Jesus. Fui João, Pedro, José. Fui francês, alemão, português ou inglês, não importa. Mas foi na minha pequenina Porto de Santo Antônio que pude ser, por espaço curto de tempo, realmente útil a alguém. Amei e fui amado, sou lembrado sem merecer, pois, na realidade, nada seríamos sem a doutrina codificada por*

*Kardec. Sou um Espírito que tem sede de amor, sou pequeno e procuro ser grande."*

Sua infinita bondade e sabedoria me impede aditar quaisquer comentários ou especulações. Podemos afirmar apenas que os laços que nos ligam são longos e de longas datas reencarnatórias. Somos uma família que se ajuda mutuamente, uma pequena equipe de socorro da legião de Bezerra de Menezes <sup>(14)</sup>.

Tudo que poderia dizer eu disse neste livro. A minha admiração é grande por esses pioneiros, amigos queridos de trabalho. Agradeço a Deus a permissão para escrevê-lo, a Abel, o companheirismo e ao Dr. Bezerra, o incentivo, e o concluo com uma prece dirigida ao Pai amantíssimo:

*"Pai Bendito, Criador do Universo.*

*Obrigado, Senhor, por nos teres criado com a centelha da imortalidade. Obrigado, Senhor, pela individualidade que somos, pelo ar que respiramos, pelas emoções que sentimos. Obrigado, Senhor, pelas viagens na carne que nos permitem aprender a servir, pela luta contra nossas inclinações ao mal. Obrigado, Senhor, pelo contato com nossos irmãos de escala maior que nos levantam do lodo, nos auxiliam no progresso e nos incentivam a buscar-Te.*

*Abençoa, Pai, a criança que chora, o ser que padece, a mão que ampara. Apieda-te, Pai, daquele que blasfema, que trai, que amaldiçoa, e das falanges errantes.*

*Guarda, oh! Pai, os que testemunham tuas leis e abençoa infinitamente o universo e suas moradas.*

*Obrigado, Senhor, por permitires que eu me expresse.*

*Obrigado, Senhor!"*

---

<sup>14</sup> Essa informação foi aqui colocada com a permissão de Abel e Bezerra de Menezes, sem pretensões maiores de minha parte. (Nota do Autor.)

## Segunda Parte

### MENSAGENS E ADVERTÊNCIAS *POST-MORTEM*

#### 1

#### **Recomeçar**

Ah! Se eu pudesse ensinar a todos os que amo e vejo sofrer o caminho do recomeço!... Eu não veria mais os corações atormentados, as lágrimas rolar pela angústia, os pensamentos em desalinho, o nascer dos sentimentos infelizes, a estagnação perante a vida, o tempo correndo, se esvaindo e as oportunidades indo embora.

Ah! Se eu pudesse me fazer visível eu diria: O que é isso, meu irmão? O que é isso, minha irmã? Por que choram? Por que se lamentam? Olhem para trás e percebam quanto caminharam; olhem para a frente e vejam quanto os espera a vida.

Mas não possuo o dom do milagre, não sou nada mais que um ser aflito e apaixonado pelos que me são caros ao coração. Nas minhas aflições e orações tenho aprendido a esperar os resultados. Sou afoito demais e sempre os bondosos companheiros me alertam: "Espera e ora". É o que tenho procurado fazer com a permissão do amado Abel Gomes, que tenho em conta de anjo celestial.

Contava-nos ele, em certo grupo de estudos:

*"Recomeçar? Que mal há no recomeço?*

*Se trazes o coração amargurado, abandonado pelas aflições, joga fora essa dor e recomeça do zero, entregando a Jesus a tua vida.*

*Se teus projetos falharem, recomeça do zero e, humildemente, troca a posição de dono da verdade por aprendiz da luz.*

*Se teus sonhos sentimentais não são correspondidos, recomeça do zero, aprendendo a amar a todos para seres depois importante a alguns.*

*Se a solidão te entristece, recomeça do zero, aprendendo a doar-te e a conviver fraternalmente.*

*Se a família traz problemas sem conta, recomeça do zero e abraça a família universal, tirando dela o remédio para a família consanguínea.*

*Enfim, se tudo parecer perdido, recomeça do zero a luta por ti mesmo, aprendendo que as mágoas, as tristezas só se apagam quando recomeçamos, quantas vezes forem necessárias, do zero."*

Meus amados irmãos, que eu possa me fazer entender com este alerta e que compreendam desde já que por nossas mazelas fomos unidos e que sem aceitação não recomeçaremos jamais a varrer os erros do passado nem iniciaremos a vida nova cheia de amor e paz. Recomeçemos então do zero junto a Jesus.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 6-12-1998.)*

## **A necessidade de servir**

Buscamos, todos, a luz da evolução. Queremos, muitos, descobrir a felicidade dos eleitos do Senhor.

Como alcançar uma meta de braços cruzados? Como ter felicidade com o coração mergulhado no fel?

Como queremos abrigo nas horas difíceis se mantemos os braços fechados, os olhos vendados ao sofrimento alheio?

Querer, obter... somente aprendemos isto.

Necessitamos aprender a dar, oferecer, dividir, somar com todos, mesmo que recebamos a menor ou nenhuma parcela.

Olhemos o Evangelho de Jesus com os olhos de boa vontade superando a cada dia as nossas imperfeições.

Olhemos a encarnação como a última chamada para que de alguma forma saíamos da imprudência perante a vida carnal e nos lancemos em busca do Mestre.

Problemas, dores, fazem parte do caminho.

Oremos incansavelmente por todos, façamos nossa parte e esqueçamos os objetivos do outro.

Lembremos que só os nossos passos individuais nos levam ao fim da estrada.

Podemos caminhar juntos, mas não pelo outro.

Façamos todo o bem pelo próximo, amparemo-lo, mas não podemos nos esquecer de que as mãos estendidas devem ser apertadas, o abraço amigo deve ser aconchegante, a palavra consoladora deve vibrar realmente e ter ressonância.

Que possamos levar, na volta à pátria espiritual, o resultado das nossas tentativas no bem, não a culpa das horas vazias.

Faze a tua parte, apesar de qualquer vendaval.

Oferece tua alma em auxílio constante, mas sem culpa, pois que ninguém salva quem não queira salvar-se, ninguém cura feridas que não deixem de ser alimentadas, ninguém muda a personalidade daquele que não enxerga a necessidade da reforma interior, ninguém ensina a amar aquele que não o deseja.

Busquemos Jesus na palavra e na ação, prosseguindo com dignidade a existência carnal.

Muita fé e esperança,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 24 de janeiro de 1999.)*

### Compromisso carnal

Todos os seres encarnados buscam através do contato carnal a luz da redenção, que os retirará das trevas de erros, exterminando com um sopro todo o mal em que se veem envolvidos.

Milagre ou luta?

Milagre nem Deus fará, pois deu a cada ser o maior *milagre* que poderia conceder à humanidade, que é o livre-arbítrio. Ninguém pode acusar a outrem como o causador do seu infortúnio, pois faz o que deseja ou julga correto. Desde a palavra até o ato, a responsabilidade é de quem a professa ou o realiza.

O papel da família é conduzir o filho rebelde no caminho da retidão, da cidadania, da cristianização.

Ter Deus na alma todos temos, a maneira de vê-lo é, no entanto, individual e intransferível.

Compreendamos que, não importam os meios, todos alcançaremos o Criador se as nossas intenções forem boas e sinceras. A luta, o verdadeiro compromisso está lançado individualmente.

Perguntemo-nos: Quero continuar mergulhado no orgulho ou buscarei ser mais dócil e sereno? Permanecerei vaidoso de meus dons naturais ou os dividirei com os semelhantes? Terei sempre o olhar da crítica ou passarei a enxergar os pontos bons que tudo e todos possuem? Continuarei mergulhado nos vícios da maledicência e do mau humor, ou os trocarei por palavras edificantes e calmantes?

Ah! meus bem-amados, as chances existem, a carne é o único meio de nos livrarmos dos erros passados, quando fazemos tudo com amor, com alegria, e acreditamos realmente nos desígnios do Criador.

Confiar é preciso, aceitar é fundamental, amar é essencial. Coragem sempre!

Cada criatura encarnada traz em seu perispírito as marcas do passado, suas tendências e inclinações. Somos todos suscetíveis às paixões e aos deslizes que a matéria nos oferece.

Por que tão forte esse fascínio? Por que não conseguem as criaturas vencer os seus instintos mais vis?

A resposta é simples: Somos ainda guiados pelas paixões e pelos sentimentos menores, e muitas vezes, também aqui no plano espiritual, lidamos com o orgulho, os estrelismos e as arrebações de trabalhadores iniciantes na seara de Jesus.

Somos o que somos, encarnados ou não. Trazemos nossas mazelas e vontades para o plano espiritual.

Queremos comandar e não ser comandados, quando, na realidade, deveríamos conduzir ou ser conduzidos. Queremos gerenciar, monopolizar, quando, na realidade, deveríamos caminhar e multiplicar ações.

Compreendendo que a trilha da evolução é difícil e requer muito esforço, iniciemos desde já a conquista da libertação, evitando pela raiz que o mal se desenvolva.

Todos conhecemos nossas verdades, nossas inclinações.

Se o problema é a bebida, evitemo-la; se é a luxúria, canalizemos nossas energias para as atividades físicas ou intelectuais; se o problema é a língua, preenchamos a fala com orações edificantes; se é o apego ao dinheiro, comecemos desde já a acostumar-nos ao necessário, cientes de que existem pessoas que nem isso possuem.

Não é fácil; ocorrerão deslizes, mas é preciso aproveitar a chance da vida terrena para iniciarmos o desligamento da imperfeição, combatendo as nossas impurezas com afinco e lembrando sempre que cada um traz suas verdades e que somos muito imperfeitos para julgar o nosso semelhante.

O mal só se cura com amor e persistência. Se Deus não acreditasse que somos capazes, não nos permitiria o retorno.

Lutemos para modificar a nossa verdade e transformá-la em luz de amor infinito.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, durante reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 28 de junho de 1998.)*

## Nos momentos de desânimo

Nasci pequeno, pouco cresci e voltei à pátria espiritual com a sensação de haver feito quase nada pelo rebanho que me foi legado.

Vivi uma época de grandes preconceitos na última encarnação. Vi o borbulhar da hipocrisia, do falso moralismo, das torturas sociais e das guerras religiosas. Quantas vezes parava e pensava que o mundo andava para trás. Quantos momentos tortuosos entre os dogmas religiosos e as verdades que via aflorar aos meus olhos.

Nos momentos de desânimo, me recostava sobre aprazível jardim e orava a Deus que me iluminasse.

Com o tempo passei a ver vultos, ouvir vozes e me sentia louco ou prestes para a morte. Tudo vinha como avalanche até que, domando minhas limitações, passei a manter contato com o outro lado da vida, a conversar e a me instruir com um querido amigo que se apresentava como Bezerra de Menezes.

Quantas horas de lição e de conforto! Quanto benefício pude praticar por seu intermédio! Ele me fez ver as coisas pela ótica da razão e, aos poucos, introduzia nos sermões as suas palavras.

Muitas vezes, estando ele junto de mim, rezamos a santa missa e a plateia ouvia, então, orientações evangélicas banhadas com exemplos que denotavam a presença de forças maiores que as simples verdades da Igreja.

Fui dado como progressista, como louco até, pois vivi uma época de grandes proibições, mas, com o tempo, fui dominando meu ímpeto e, sob a orientação dos amigos do invisível, controlei meus impulsos, dominei as palavras e segui meu caminho.

Por mais que o dia se escureça e vejamos turvar-se o ânimo da luta, devemos prosseguir e dizer: "*Obrigado, Pai, pela oportunidade de existir*".

Mesmo que tenhamos os sonhos escritos e o vento forte os espalhe deixando-nos sem rumo, devemos prosseguir construindo e edificando em nome de Jesus.

Por mais dolorosas sejam as provas da existência, devemos ter sempre em mente que só através dela veremos o porvir e a paz que desejamos.

As lutas da vida existem para que edifiquemos o caminho que nos leva ao Criador.

Não nos basta apenas chorar e lastimar. Podemos e devemos sorrir, pois a felicidade existe na Terra no olhar bondoso, no abraço carinhoso, nas mãos estendidas ao sofredor.

Alivia-se a dor própria aliviando a alheia. Acaba-se com a solidão juntando-se aos solitários que nos rodeiam. Aprende-se a amar, perdoadando. Aprende-se a conviver, desarmando-se. Aprende-se a ter paz, produzindo luz. Aprende-se a lutar, edificando-se. Aprende-se a compreender, compreendendo.

Só o amor pode saldar dívidas e transformar as lutas em luz incandescente que nos levará ao Criador.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada no dia 13 de abril de 1997, em São José do Rio Preto-SP.)*

## 5

### Reencontros

A vida é um eterno recomeço. Tanto na vida física como na espiritual, necessitamos de tempo para nos adaptarmos à nova condição. Por esse motivo não damos saltos e sim passos, que podem ser lentos ou parecem, por vezes, dada a sua lentidão, que nem foram dados. A todo o instante, porém, a luz do amor de Jesus nos ampara e a justiça divina nos fornece os meios para superar os contratempos e as dúvidas.

A luz do amor de tantos amigos espirituais nos auxilia a compreendermos os desígnios da lei que nos levam a perdas e conquistas constantes.

Evoluir pode parecer doloroso, porque para limparmos o rastro dos nossos erros precisamos, por vezes inúmeras, ausentar-nos do convívio de seres afins e aprender a aceitar e a amar pessoas que não são caras ao nosso coração.

A lei não se muda, apenas se aceita. Não podemos fechar a porta e dizer: *Chega!*

Não podemos fugir dos ciclos em que o processo evolutivo se desdobra. Não podemos impedir as lutas dos outros. Busquemos, pois, a cada nova mudança cíclica, compreender e aceitar com alegria, e não com temor, o que nos está reservado, porque com o tempo as respostas não encontradas surgirão e veremos as coisas, as situações e as pessoas de forma clara.

Pensemos sempre que não terá sentido para a nossa busca de evolução permanecermos à beira do caminho. É necessário caminhar.

Jesus não exige aquilo que não podemos oferecer.

Deus espera de nós a consagração de nossas almas em busca do amor e da felicidade.

Pela certeza da imortalidade da alma sabemos que as perdas e as distâncias dos seres amados são coisa temporária.

Consagro a Deus todos os dias a bênção do reencontro com minhas almas amadas, a oportunidade de abraçar Joana ainda tão jovem e acompanhar a sua caminhada.

Agradeço as dificuldades que enfrentei em encarnações sucessivas privado do convívio fraternal, e hoje me sinto feliz por poder ajudar as almas queridas na medida das minhas forças.

Muitas ainda temos a reencontrar pelos ciclos da vida, para reaprendermos a amá-las.

Muita luz para todos,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 6 de junho de 1999.)*

## 6

### **Dificuldades a vencer**

São tantas e tão variadas as dificuldades a vencer!

Temos aquelas que nos impedem de servir, pois pensamos muito em nossos mundos individuais – e pensar no coletivo é complicado demais. Outras nascem da incapacidade de perdoar as infelicidades a que nos submetemos na experiência reencarnatória. Outras, da dificuldade de acompanhar o progresso social, modificando nossa visão do mundo, e de aceitar as perdas necessárias, sejam as materiais, sejam as pessoais. Outras, enfim, filhas do orgulho, que nos faz recusar os fracassos dos nossos empreendimentos.

O tempo que se perde em lamentações e em lágrimas amargas nos ajudaria a suplantar as dificuldades, se humildemente erguêssemos os olhos ao Criador e lhe suplicássemos amparo.

O destino não nos vem pronto e acabado; é construído gradativamente.

Como receber as mudanças cíclicas se nos prendemos a uma já vencida? Como desejar evoluir se queremos até plasmar situações e pessoas para que não nos obriguemos a buscar novos caminhos? Como aceitar o novo se só queremos os velhos costumes?

Há muito que aprender, há muito que conhecer nessa imensidão chamada Terra.

Vençamos, pois, as dificuldades, aceitando-as primeiro e refletindo que, sem transpô-las, não sairemos do estágio em que nos encontramos. As lembranças podem ser boas, mas, se não produzirmos benefícios, de que nos lembraremos amanhã?

Falo de coisas que já vivi e que ainda me prendem na espiritualidade. Lembro-me de dores tão profundas que causei ou que me causaram ao longo das existências, mas encaro os fatos como lições preciosas, embora me questione muitas vezes, e também a Abel, indagando:

– Será que a recordação do passado não nos ajudaria a caminhar?

A resposta de Abel tem sido sempre a mesma:

– Vítor, como és impetuoso ainda! Recordar feridas passadas para quê, se as colhidas no presente, de tamanho menor, nos fazem estacionar? Não, a incerteza da alma que às vezes chora por motivos ig-

norados, o desejo de melhora e de felicidade são o incentivo à busca do amor e do triunfo na nova encarnação.

Cada pessoa quando se liga ao Pai tem o roteiro seguro para o bem. Quanto a nós, busquemos o caminho da recuperação do nosso passado, pois muito temos a fazer e refazer.

Com amor fraternal e a certeza do amparo constante de nossa legião amiga, que Jesus os abençoe!

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 23 de maio de 1999.)*

## Reflexões

No instante da dor deparamos com questões de toda ordem. A vida que levamos, a vida que vivemos no passado e a vida que gostaríamos de passar a viver se tudo se acabasse de repente.

A dor nos faz recuar diante da nossa falta de reflexão. Temos medo dos próprios pensamentos, das sensações provocadas pela estagnação, das coisas inacabadas ou jamais iniciadas. Temos medo da reação do outro, da cobrança de nossas faltas graves.

Oh! Bendita dor, que possui o dom de nos ver frente a frente.

Oh! Bendita dor, que nos faz ver como somos pequeninos e tolos. Mas o que eu desejo à humanidade não é a dor que aniquila o corpo sobre um leito e sim aquela que faz nascer no coração a tolerância e a fé, que nos faz olhar a vida para vê-la na sua extensão real e que nos leva a despir-nos da hipocrisia, da falsa humildade e da indiferença.

Meus amados irmãos, como é pequena a alma humana! Como ela ainda se ressentida das pequenas coisas! Como não sabe doar-se verdadeiramente!

Quando passo os olhos pelas ruas e vejo tantos seres mergulhados nos vícios, rolando pelas calçadas, sujos e imundos, eu não os separo daqueles que estão atrás das mesas requintadas de um bar sorvendo em copos finos o líquido que destrói aos poucos os neurônios, nem tampouco das casas intituladas lar onde, porém, não se impõem limites aos vícios de toda a ordem.

Pensemos no objetivo da vida. A existência material, quando dela abusamos, exige-nos reparação. Pode oferecer diversão e prazer, desde que não ultrapassemos os limites do caminho que ela mesma estabelece. Não falo ou jamais falei da vida contemplativa, porque esta é de pouca serventia, mas falo da necessidade de sabermos distinguir as boas coisas das ruins, de estabelecermos os limites do caminho e, acima de tudo, de amarmos o corpo que nos sustenta a existência terrena, não o lançando ao fogo das vis paixões.

Ah! Como é bom o aprimoramento da alma que se irmana com a luz das coisas simples! Quanta energia emitimos e sentimos no corpo

quando a alma se eleva buscando a Deus. Busquemos, pois, o Pai na oração e na ação somando, abraçando, apertando as mãos e lutando por nós mesmos, para que, quando a dor inevitável nos bater à porta, saibamos recebê-la com resignação.  
Luz aos corações.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 25 de abril de 1999.)*

## Considerações íntimas

Mesmo que o Sol se turve, impedindo o crescimento salutar e atrasando a colheita, ainda assim devemos crer que tudo se tornará melhor e que não ficaremos sem o alimento, sem o sustento de cada dia.

Mesmo que a dor aniquile as forças do corpo, impedindo o trânsito e a execução das funções diárias, devemos crer na força que possuímos, pois a liberdade da alma é incontestável e somos sempre livres para determinar nossa conduta.

Mesmo que, ao estendermos as mãos generosas, encontremos a ingratidão, devemos crer que a obrigação de servir não se modifica e que devemos, sim, aprender a dar sem esperar agradecimentos ou elogios.

Mesmo que o coração esteja aflito e cheio de amargura, devemos crer na bondade do Pai que nos ilumina o caminho, alarga a estrada e renova as esperanças.

Ah! Quantas dúvidas, quantos conflitos íntimos, quantos momentos de desânimo, quantas situações difíceis de ser aceitas, quantas lágrimas geradas pela insegurança, pelo medo da caminhada, pela dúvida na jornada e quanta escuridão gerada pelo ressentimento, pela não aceitação das limitações!

Eu vivi esses conflitos na Terra, questionei muito as questões da vida, das relações humanas, e só aprendi a lição no dia em que ouvi estas palavras de Abel, que muito me fizeram refletir:

– As dores, as dúvidas, as incertezas são filhas da invigilância e da falta de fé. Mesmo que caminhes no lodo, penetres campo de espinhos, sejas confundido nos teus ideais, se tiveres fé e orares fervorosamente, serão apenas momentos de dor e não dores profundas. Aquele que sabe a real intenção de seus atos, que acredita no valor da caridade, da justiça e, acima de tudo, age pelo amor sincero, não teme, não chora, não lamenta, pois que, mesmo que não seja compreendido pelos homens falíveis, terá sempre o aval do Mestre Jesus, que o ama infinitamente, e a bênção do Criador, que o quer ver brilhar como luz na imensidão, acolhendo a todos os que sofrem.

A partir disso eu compreendi que nada somos e, muitas vezes, pouco nos transformamos, porque nas escolhas da vida deixamos as boas causas pelas duvidosas, desejamos mais a escuridão que a luz e, em verdade, nos desculpamos de não servir para não corrermos o risco da dor.

Paz aos corações queridos,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 11 de abril de 1999.)*

## Sol nas almas

Como seria bom se todos pudéssemos absorver os ensinamentos de Jesus e valorizá-los, como valorizamos o ar que se respira e sem o qual não se vive, como a água que nos sacia a sede e bendizemos nos momentos de seca, como a luz elétrica, que beneficia a vida facilitando o trabalho e ligando pontos tão distantes.

Oh! Mundo moderno, quantos benefícios, quantas descobertas que promovem o progresso a que está destinada a Terra! Tudo se prepara para o novo milênio, tantas distâncias encurtadas, tantos mistérios desvelados, tanta luz ao lado de tanta escuridão!

Mas, que buscam as criaturas afinal? O sol nas almas! Aquele que aquece os corações em aflição, que alimenta o espírito sedento, que apaga as tristezas e expulsa a solidão. Ao lado do progresso tecnológico encontramos a frieza das relações, o distanciamento das criaturas. É como se voltássemos aos tempos da caverna sem comunicações verbais, os desenhos, as ilustrações da vida, hoje descritas na tela de um computador.

Não, não é este o caminho. Nada substitui o aperto de mãos, o calor de um abraço, a energia de um olhar, a força de uma palavra. Tudo deve e deverá sempre vir na medida certa. É como a nossa comunicação com os encarnados: se não houver concentração, o intercâmbio não se faz, as palavras não fluem, a mensagem não apresenta coerência.

Sol nas almas é aquele que deixamos penetrar em nossa vida pelos bons pensamentos que nos elevam ao Criador, que nos faz despir os velhos hábitos, que nos faz aceitar os novos tempos.

Quanto tempo perdido em conversações sem luz, procurando no outro o erro que não enxergamos em nós!

Se temos admiração pelo irmão, por que transformar isso em fel destilado? Se queremos ser como o outro, por que procuramos destruí-lo moralmente, em vez de seguir seus passos?

Cada alma caminha à sua maneira, a seu concurso. É preciso aprender que devemos somar para chegarmos até o fim da estrada.

Oh! Quanta luz nasce na alma que reconhece suas limitações e suas inclinações para o mal! Quanto aprendizado nasce no exercício da paciência e da caridade sincera!

Sol nas almas, desejo a todos aqueles que buscam Jesus na estrada da vida.

Tenham sempre a certeza de que tudo se renova, tudo se reestrutura, mas procurem compreender que as pessoas que se prenderam às coisas, que se foram sem buscar a luz do sol, que viviam sempre à sombra, são almas doentes, sedentas de luz, que não percebem que ela se encontra tão perto, tão acessível, bastando-lhes apenas assumir novas ideias, hauridas do Evangelho de Jesus, as quais curam qualquer mal e conduzem a todos ao progresso moral e espiritual.

Fiquem em paz.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 4 de abril de 1999.)*

## Não há dor que sempre dure

Todos sabem da inquietação de minha alma errante, do meu desejo incontrolado de interferir nos destinos dos seres amados, e como gostaria de estar presente ou me tornar visível.

Sou um Espírito rebelde e endividado e, por isso, ser considerado digno de santificação é coisa inteiramente descabida, porquanto não trago dentro de mim a serenidade e a sabedoria dos seres angelicais. Ainda lamento e sofro as escolhas, ainda sinto o peito oprimido quando o sofrimento bate à porta de cada um. Preciso banhar-me muito ainda nas leis divinas para compreender os caminhos da evolução.

Nós, os *rebeldes* do grupo, temos sido mantidos em tarefas socorristas em busca da nossa luta pessoal. Temos procurado auxiliar seres em estado de revolta e desequilíbrio e estudado muito, muito mesmo. Abel determinou que, depois do trabalho feito, somos autorizados a *bisbilhotar* a vida dos seres amados. Trabalho cumprido, pedido atendido – essa é a regra. Ele, porém, sempre nos adverte que só o tempo cicatrizará o passado culposo, só a dor aceita curará as feridas de nossas almas.

Quando refletimos sobre o passado, o que fica são as impressões de que por pouco não acertamos os passos, pois sofríamos com o mal do orgulho e a precipitação. Queríamos o hoje no ontem e não aceitávamos os deslizamentos alheios, não compreendíamos a necessidade de perdoar sempre.

Ah! Como fomos tolos e por isso nos perdemos pelo tempo, reunindo só agora condições de nos reencontrarmos. Mas essa angústia faz parte das almas endividadas, essa inquietação decorre do desejo do acerto.

Busquemos então refletir sobre nossas ações lembrando sempre que podemos voltar ao erro e, portanto, devemos evitá-lo. Sejamos hoje a calma que não fomos no passado, perdendo as faltas alheias para que se perdoem as nossas, aproveitando as oportunidades e não abandonando o trabalho no bem.

Cada um está no lugar e na hora certa. Cuidemos, pois, de nossas ações e palavras para não nos arrependermos mais tarde.

Tenho buscado a calma que jamais possuí no íntimo e para tanto recorro ao mestre de nosso grupo, que sempre nos afirma:

– Não existe dor que não se estanque. Não existe felicidade que perdue. Não existe resgate que se efetue, não existe alegria que nasça, não existe evolução que aconteça se não existirem vontade, amor e desejo para tanto. Não existe oportunidade que alivie o ser endividado se este não prepara o caminho da aceitação, feita principalmente no reconhecimento de suas faltas, na necessidade do trabalho, na aceitação das perdas, na necessidade das conquistas. Não existe nada se no íntimo da alma não reinar o amor e o Mestre Jesus. O caminho é árduo, cheio de pedras, mas lembremos sempre que a estrada é larga e infinita. Sejamos, pois, conscientes da necessidade do bem e da renúncia de nossas inclinações ao mal.

Fiquem com Jesus.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 9 de janeiro de 2000.)*

## Contratempos

Devemos buscar dentro de cada problema a luz que o possa esclarecer.

Pela doutrina que abraçamos, temos condições de entender que somos sujeitos a provas e expiações, porém somos livres para aceitá-las como um fato inevitável (que denota um erro de interpretação) ou como algo a ser modificado (que denota o uso da inteligência).

E podemos, ainda, distinguir o que vem do passado e o que é fruto de nossas escolhas atuais.

Cabe a cada um o discernimento profundo, a reflexão intensa.

Sabemos quanto é difícil tirar conclusões acerca da verdade, mas é o único caminho para atingirmos a paz espiritual.

Certas conclusões dizem respeito a nós mesmos e a Deus.

A constatação dos erros cometidos não objetiva rebaixar-nos, mas alertar-nos sobre a necessidade de reparação.

Busquemos, pois, a cada dúvida, dor, contratempo, o caminho da luz e não o da angústia. Se não podemos modificar as almas que erram, lutemos por modificar as nossas.

Se não podemos resolver, aceitemos.

Quando não se esquece uma dor, mas a aceitamos como meio de amadurecermos espiritualmente, nova luz surge, o caminho se alarga e conseguimos superá-la, lidando com coisas novas.

Confiar é preciso.

Trabalhar é o caminho.

Coragem é a solução.

Fiquem em paz.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 31-10-1999.)*

## Reeducar-se é imperioso

Ah! Como é difícil compreender a lição que cada novo dia nos estampa; contudo, sem essa reflexão não se retém na alma a chance de uma nova descoberta.

Quando falamos em educação, reportamo-nos à aprendizagem significativa que educará nossas almas. Quando nos referimos à reeducação, estamos nos referindo diretamente aos princípios educativos que nos foram passados e de que temos total conhecimento, mas dos quais não fazemos uso habitual.

É como enfatizar a importância de preservar a natureza agindo contra ela, ou lutar por direitos sociais e os infringir constantemente.

O mal está justamente no descaso perante os nossos atos. Abominamos autoritarismos, mas fazemos uso dele no primeiro instante; enaltecemos o diálogo, mas preferimos o monólogo para a confirmação de nossas ideias e vontades. Dizemos que sem amor não podemos viver, porém demonstramos mais rancor e inveja do que sentimentos de harmonia e paz.

Ah! Quantas coisas precisam ser revistas por nós na balança de nossas ações. Como necessitamos compreender que nada nos pertence a não ser os nossos sentimentos, nem sempre nobres!

Vamos refletir seriamente sobre nossas ações, reportando-nos às mudanças cíclicas que trazem ventos novos, pessoas novas e projetos novos.

No plano espiritual temo-nos afligido com o recuo, ou melhor, com o medo exagerado das mudanças necessárias às jornadas humanas.

Lembremo-nos, contudo, que nada se perde no mundo e que podemos afastar-nos fisicamente por algum tempo, mas os laços eternos do amor não se ruem jamais.

Reeducar é a ordem de Jesus. Nas pequenas coisas, nos pequenos gestos, nos compromissos assumidos e nas escolhas feitas, que devem ser respeitadas.

Aquele que ama compreende até mesmo o que no íntimo não aceita. Aquele que deseja a equilíbrio sabe que temos, às vezes, de nos desequilibrar para retornarmos à estrada do bem.

Reeduquemos, pois, nossa vontade de reter a dor do outro, porque na maioria das vezes somente a dor será capaz de lhe propiciar a retomada do caminho.

Digo isso com muita convicção, porque aprendo a cada dia que posso amparar, mas jamais interferir na jornada de meus bem-amados.

Luz a todos.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 19-9-1999.)*

## Respostas difíceis

Ah! Quantas respostas existem que não podemos dar!

Quantas situações que se repetem no palco da vida, contudo o cenário não é o mesmo, o amadurecimento das almas é diferente e, por esse motivo, as reações e as escolhas são outras.

Este ir e vir constante é necessário para a reparação do mal, para a tentativa no bem.

Uma casa que se constrói com recursos fartos flui rapidamente e é erguida como num passe de mágica, mas a que é construída em cima das dívidas contraídas no passado requer muitas vezes paralisações, desmanches e recomeços que exigem sacrifícios demorados, paciência renovada e amplo entendimento.

A construção de nossa trilha na evolução é, assim, como a casa que se adapta aos nossos poucos recursos; contudo, quando trazemos o coração envolvido no bem, vemos as coisas se ajustarem e o mal desaparecer gradativamente.

Se sabemos, pois, que somos devedores da obra do Criador, busquemos não contrair mais dívidas para o futuro, empenhando nossos esforços para a harmonia no bem, tendo como guia de nossa jornada o Mestre Jesus e os conselhos advindos de seu Evangelho.

Há poucos dias, preocupado e envolvido com algumas questões e atitudes dos meus bem-amados, Abel, como sempre, nos trouxe esta lição, que nos calou fundo na alma:

– Todo aquele que busca o bem tem que conviver com o mal; quem busca a felicidade tem que suportar a tristeza; quem procura a bonança tem que conviver com a escassez. Porém, aquele que realmente busca a reforma íntima verá sair de suas entranhas o veneno da incompreensão, da vaidade e do orgulho e buscará humildemente a luz do amor que cura todas as feridas e ilumina todas as almas. Portanto, Vítor, a cada um é dada a oportunidade da renovação. Se muitos viram as costas, haverão de retornar e reprogramar a existência. Tudo se renova no Universo, os sentimentos porém se renovam na dor e quando modificados não são retirados jamais. Ore

mais, confie sempre e aprenda que cada um caminha por sua própria vontade e não pela nossa.

Que o amor de Jesus os envolva a todos.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 29-8-1999.)*

### **As amarras do passado**

Dentro de cada ser muita dor existe, muitas lágrimas há sufocadas pelas frustrações, muitos sonhos apagados pela incompreensão ou pelo medo de arriscar.

Oh, meu Pai! Como o orgulho aniquila as iniciativas do progresso moral, como a inveja interrompe as boas intenções!

Caminha-se e não se sai do lugar, pois não se desvencilha das amarras do passado, onde a dor se juntou ao rancor impedindo-o de vislumbrar as boas intenções, o amor verdadeiro dos que o rodeiam, os sentimentos que nele brotam e o salvam do torpor da solidão.

Tenho sofrido muito ao ver as costas viradas, as mãos não estendidas, a frieza nas relações.

Pergunto sempre aos mais experientes o que fazer, como ajudar.

Veio-me de Abel a resposta seguinte:

"A criatura que sofre, na maioria das vezes, gosta de sofrer, de se aniquilar, embora negue, pois nada faz de proveitoso e, quando o faz, o anuncia na busca de louros.

"Há criaturas que gostam de maltratar os que as amam, embora batam no peito dizendo que sofrem pela incompreensão dos outros e nada fazem para absorver o bem que as rodeia.

"Criaturas há que choram lágrimas sem conta, porém nem sempre fruto da dor verdadeira, e sim da vaidade atingida, do orgulho não satisfeito. Há criaturas que querem companhia, mas nada fazem para conquistá-la ou conservá-la, pois delegam ao outro todas as suas obrigações e debitam-lhe as frustrações do caminho.

"Há, porém, meu amigo, muitas criaturas no mundo que sofrem verdadeiramente e buscam ao Mestre e ao Pai.

"Têm estas o conforto amigo de Jesus, pois nenhum sofrimento perdura na alma sincera e, mesmo que as lágrimas corram nos seus olhos, confiam no Pai justo e bom que há de prover às suas necessidades e brindá-las com a luz bendita do amor."

Lutemos todos, portanto, para retificarmos o caminho, desfazendo as amarras do passado, vivendo e confiando, servindo e amando.

O amanhã será cheio de luz e de amor.

Confiem sempre.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 11-7-1999.)*

## Ponderações

Tenho tentado de todas as formas, valendo-me de diferentes artifícios, fazer-me entender ao longo das considerações aqui feitas desde o início deste intercâmbio de luz. No princípio falava com menor clareza, mas, ao reencontrar elos que a mim estão ligados de longa data, sinto-me mais à vontade para descrever meu modo de pensar.

As minhas são também as palavras do meu amigo José, que forma comigo, por incrível que pareça, uma dobradinha que deu certo. Quando nos dividimos, auxiliamo-nos mutuamente, em um reencontro que brindamos e bendizemos ao Pai celestial.

Temos feito algumas considerações em torno das mudanças cíclicas, dos reencontros, da aceitação dos fatos. E temo-nos felicitado com algumas conquistas e vibrado com certas atitudes.

Refletindo muito e implorando a permissão ao nosso orientador Abel, podemos hoje fazer algumas ponderações necessárias. O que nos fez perder no tempo e no espaço, afastando-nos por muito tempo na carne, foi justamente nossa teimosia e inquietação, foi nosso orgulho em não admitir nossas falhas e a necessidade de perdão. Por isso, refletimos sobre a nossa conduta perante a vida terrena, sobre o que estamos produzindo, sobre a necessidade de sermos caridosos nas palavras com os que nos rodeiam, sobre a importância de controlar o orgulho e o desejo de impor nossos pontos de vista.

Não nos preocupemos com as instituições, mas com o que fazemos. Não nos prendamos aos grupos do poder, mas à força do trabalho. Sejam sempre a pétala chuvosa e jamais o espinho e tenhamos a certeza de que aqueles que se aproximam hoje são os mesmos amigos que muitas vezes afastamos pelo rancor e o orgulho e que hoje chegam ressabiados, feridos e problemáticos.

Jesus nos acolhe nas boas ações, o desamor não pode conviver com o amor.

Ao encerrar as considerações do dia, transcrevo a prece do meu amigo José, como cântico de paz para todos os que nos são caros à alma saudosa:

*"Oh! Mestre Jesus. Perdoa nossa precipitação e nosso engano. Perdoa nossa necessidade de errar, nossa necessidade de obter. Perdoa nossa necessidade de pedir, nossa necessidade de ouvir agradecimentos. Perdoa nosso distanciamento do bem, nossa dificuldade de perdoar, nossa necessidade de elogios, nossa necessidade de brilhar. Perdoa-nos, Mestre, e mostra-nos o que não queremos enxergar. Ensina-nos a caminhar por nossas pernas, não reparando ou considerando os passos alheios, pois que ainda vive em nós a semente da inveja que nos faz tão mal e de que ainda não nos damos conta. Perdoa e nos ensina, Senhor, a olhar a todos como irmãos e não como seres renegados e inferiores. Dá-nos, Mestre, o bálsamo do teu amor para aprendermos a amar sem distinção. Assim seja!"*

E que assim seja realmente. Lembremos sempre que o argueiro do outro podemos ajudar a tirar, mas o nosso só será retirado quando o quisermos e modificarmos a nossa maneira de ser e de olhar as coisas que nos rodeiam.

Paz a todos.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 19-3-2000.)*

## Confissões

Devo confessar que apesar de todo o esforço ainda caminho sob a forte sombra do passado pairando em meus pensamentos.

Por mais que me esforce, chegam-me à mente cenas do passado que gostaria de esquecer. Sou alertado que alimento essa prática, mas confesso ser ela mais forte do que eu.

Percebo em muitos encarnados que fizeram parte desse passado a dor dessas lembranças, que os visitam em momentos de angústia e tristeza aparentemente inexplicáveis.

Ah! Como sofro junto a eles, pois a dor é tão grande que parece nos tirar a força de caminhar e prosseguir!

Bem sabemos que acertar é mais difícil que errar e que reconstruir é mais complicado que construir, o que, infelizmente, só agora aprendi. Devemos trabalhar para nos livrarmos das edificações equivocadas do passado, a fim de que as ruínas que nos assombram a cada nova construção se desfaçam completamente.

Quanto ao meu débito com o clero, somente na quinta experiência na mesma situação consegui construir a chave da minha libertação.

Voltemos, pois, nossos olhos para o futuro cheio de paz, confiando nos desígnios do Criador e na nossa capacidade de produzir.

Mesmo que tenhamos as portas fechadas, procuremos abrir as janelas para o bem, insistindo na edificação do amor e da justiça.

Mesmo que soframos decepções na caminhada, aprendamos a colher flores sem espinhos para enfeitar nosso olhar.

Mesmo que sejamos obrigados a ouvir palavras mergulhadas na ignorância das almas apegadas à matéria, retribuamos sempre com as do Evangelho de Jesus.

Mesmo que a solidão nos invada a alma, sintamos sempre a presença de Jesus por intermédio dos amigos espirituais.

Mesmo que os objetivos pareçam estar se perdendo, voltemo-nos sempre para o bem e para o futuro, a fim de conseguirmos superar a sombra do passado que paira sobre nós.

Mesmo que nada disso pareça valer a pena, tenhamos a certeza de que nossos esforços valem muito, pois Jesus não desampara as intenções mergulhadas no amor sincero e nos preceitos do Criador. Confiar é preciso, caminhar rumo ao futuro de luz é a solução. Trabalhem, trabalhem e trabalhem sempre com amor.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 5-3-2000.)*

## 17

### Deus

Deus é infinita bondade e amor. É a luz que se acende na escuridão de nossas imperfeições, é o bálsamo que lava nossas almas no desespero das horas amargas, é o caminho coroado de êxitos no instante em que nos desprendemos de nosso egoísmo e nos dedicamos a servir a tudo que Ele criou.

Oh! Que insensatos nós nos tornamos quando negamos sua bondade, seu amparo! Como tolos somos ainda quando nos julgamos acima dele ao nos contentarmos com os bens adquiridos somente na carne!

Quanto desatino, quanto ódio derramado pelo desespero de possuir, possuir, possuir!... Quanto tempo perdido nas mágoas arrastadas ao longo das existências passadas!

Quantos desencontros causados pelos desvios morais e pela imprudência ao longo das nossas existências!

Fui um pequeno, muito pequeno trabalhador da sua vinha. Errei muito, sofri pouco em face do meu passado espiritual. Tive a dor de recomeçar no mesmo palco, para aprender a servir e a perdoar.

Digo, pois, a todos, de coração aberto:

Não se deixem arrastar pelas pequenas coisas, empenhem-se por causas realmente nobres e voltadas para Jesus e o Criador.

Aquele que aprende a se doar, recebe os benefícios do bem e do amor verdadeiro.

Jesus nos legou o mais belo exemplo de harmonia e de amor. Sejamos, pois, filhos gratos ao Pai, vivendo na vida terrena segundo as suas leis.

Muita paz e vontade de vencer os obstáculos da jornada.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida por Ana Paula Cazetta em reunião mediúnica realizada em Neves Paulista-SP, em 25-2-2000.)*

## O valor do esforço

Já perdi a conta de quantas vezes recorri às reflexões necessárias à nossa jornada em busca da luz, pois elas vão e voltam num esforço inicial de tomada de consciência para tornar-se incentivo às mudanças. Mas como é difícil compreender que sem esforço e ação nada se muda. As palavras vazias, o discurso pronto, os *slogans* adotados vão e vêm, como o vento, sem deixar de efetivo na alma nenhuma marca.

A transformação do hábito mental não se faz com postura apenas, mas com decisão eficaz e refletida. Os templos, igrejas e centros espíritas estão lotados, mas poucos, muito poucos, compreendem e praticam o que se estuda e se ouve, enquanto fora dos círculos religiosos encontramos muitas almas que praticam a reforma íntima trabalhando anonimamente pelo bem e pela caridade.

Necessitamos, portanto, compreender que não nos devemos prender a seres falíveis, mas ao Evangelho de Jesus, cumprindo com as nossas obrigações na casa religiosa, esquecidos dos entraves e aceitando os companheiros infelizes como eles o são.

A vida reta não se resume ao *templo*, mas abarca as relações praticadas do lado de fora, onde somos pessoas comuns.

É preciso que não mergulhemos no materialismo, nos excessos das conquistas, mas procuremos a retidão das nossas ações no trabalho. Muitos de nós buscamos a luz. Saibamos que ela nos envolve à medida que somos fiéis depositários do Pai, por agirmos de acordo com suas leis.

O que fica claro para todos os que refletem sobre o sentido da vida é que toda ação feita no ímpeto da frivolidade trará consequências funestas no porvir. Todo olho vendado à verdade trará lágrimas e súplicas pela retificação no futuro. Toda estagnação perante o mal se refletirá num desejo incontrolável de reparação no amanhã. Toda palavra dita sem pensar levará a alma à busca do silêncio sincero. Todo medo de enfrentar o perigo implicará a dificuldade de transpor os obstáculos da caminhada no amanhã.

Tenhamos, pois, o desejo da vitória, a certeza dos valores que nos conduzem e as mãos sempre estendidas em busca do bem.  
Muita paz aos corações amados.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 20-2-2000.)*

## Confiança no Senhor

Tenho tentado com muito esforço falar e alertar a todos sobre os cuidados necessários perante os atos e pensamentos que podem tomar proporções desastrosas, comprometendo a existência preparada com tanto esmero pela espiritualidade, em que cada um traçou sonhos de vitória, desejoso de sanar todo o mal que lhe assombra as longas peregrinações.

Sabemos do impacto causado pela carne, das influências advindas desse contato, da fraqueza das almas, do medo da responsabilidade, da dúvida, do desequilíbrio causado pela falta da oração, das influências tenazes dos nossos inimigos ocultos.

Mas, apesar de tudo isso, acredito na capacidade de amar que reina em cada ser, que, ainda que dormite, está presente e é real.

O mais tenaz algoz que se expressa ferozmente, destilando seu rancor, manifesta um amor desornado, pois o seu sofrimento é tão grande que necessita gritar, explodir, em sua busca frenética de vingança.

Ah! Almas desencontradas, seres necessitados de apenas um bálsamo que é o perdão das ofensas e a consagração do amor. Nada devemos fazer, apenas perdoar. Nada devemos adiantar, apenas aguardar em prece. Nada devemos guardar em forma de ressentimento, mas apenas perdoar e verificar o que de bom podemos retirar daquele que nos fere.

Há pouco estávamos estudando a possível ajuda e assistência a todos os que amamos. Abrindo um parêntesis: é muito mais fácil socorrer seres pelas veias do amor fraternal do que pelos laços da afinidade, pois estamos livres das expectativas e do desenrolar dos acontecimentos.

Queria de alguma forma falar sobre o que poderia se desenrolar quando me surgiu à mente uma história que ouvimos de Abel.

Revelou-nos ele que certo grupo familiar unido pela carne e pela afinidade espiritual vivia junto, resolvendo e construindo suas histórias coletivamente. Em nada se abria aos que não fossem do grupo. A vida a seu turno necessitava que suas relações se expandissem. Foi

por isso necessário o desapego, o distanciamento de vários deles, para que cada um colhesse frutos de amor, semeados pelas bases daquele grupo tão unido. Somente após a colheita verdadeira terão na espiritualidade a reunião efetiva de suas almas.

Quero, portanto, dizer que nesta metáfora encontramos as respostas. Se pudéssemos apenas conviver com os que amamos, seria muito mais fácil, mas pouco produtivo. Como Espíritos, temos necessidade de peregrinar por vários núcleos, semeando a essência de nossas almas e de nosso amor, mas os laços que possuímos não se quebram à primeira desavença, nem tampouco se desfazem pela incompreensão. Tudo se resolve, e na hora sublime da tomada de decisões o que emana e se reflete é a essência do nosso conhecimento.

Confiemos mais na sabedoria Divina e aguardemos os resultados da oração, que abranda as almas, acalma os desvarios e liberta os corações.

Temos cuidado de todos. Orem e verifiquem os resultados.

A palavra é vida, o pensamento é ação. Aquele que deseja o bem alheio tem como meio estas duas bênçãos: pensar e falar segundo os preceitos divinos do amor.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 11-6-2000.)*

## **Não estamos em férias**

Ah! Quanta beleza a ser descoberta! Quanta harmonia se perde no instante em que abandonamos o caminho mais simples para trilharmos o das sensações fúteis e inúteis! Quantas palavras jogadas ao vento sem o menor proveito! Quantos sentimentos alimentados sem a menor razão!

Assim é a humanidade que povoa o planeta.

São ainda canibais como no passado, só que hoje não se alimentam da carne do próximo, mas de suas derrotas e deslizes. Almas revoltadas e invejosas que se comprazem com o ridículo, com o desequilíbrio, que nos sorriem na frente e nos desejam todo o mal na ausência.

Oh! Humanidade que resiste à cristianização, à luz bendita do amor divino!

Temos, sim, uma parcela de seres que se libertaram totalmente e uma que caminha para esse triunfo. Por isso, aquele que realmente crê e deseja o progresso busque sempre o equilíbrio dos passos e palavras, o cultivo da nobreza de sentimentos, a caridade nos pensamentos, a luz nas produções individuais, a harmonia nas ações coletivas. Desarme o coração para não ver as armas alheias e abra o olhar para não se limitar ao lugar pequeno. Creia realmente na divindade, tornando-se filho atuante na natureza.

Não estamos em férias ou de passagem, estamos todos em busca de algo maior que transcende até mesmo a nossa compreensão. Não nos preocupemos, pois, com o outro, mas cuidemos tão somente de fazer a ele o que gostaríamos que nos fizessem.

Não nos preocupemos tanto com os frutos que plantamos ao longo da existência, mas nos certifiquemos de que estamos dando a eles tudo o que de melhor somos capazes de doar.

Criamos as raízes, mas um dia elas se dividem para formar novos campos e florir em outras paragens. Assim é a lei, assim é o destino de todos nós. Lembremos sempre que no horizonte uma luz nos espera. Busquemos a sua rota e façamos nosso caminho até ela.

Jesus nos aguarda de braços abertos. Pautemos nossa vida em seu Evangelho e dirijamos nossos passos ao seu encontro.  
Muita paz e reflexão, é o que peço.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 23-4-2000.)*

**Mantenhamos a fé sempre**

Ah! dor que consome a alma e nos faz perder o sentido, deixando que a matéria sobreleve o espírito!

Não, não sejamos tão frágeis assim. Busquemos a fé e a esperança, sejamos corajosos para suportar as dúvidas e as decepções da alma. Busquemos o consolo na caridade e entreguemos ao Pai o motivo de nossa aflição.

Abel orou conosco, na última reunião, por seres que sofrem, dizendo: "Senhor, meu Pai.

Dai-me forças para compreender o que se passa em minha jornada inspirando-me a maneira de agir ante o problema tão doloroso que me sinto incapaz de resolver.

Dai-me, Senhor, a bendita calma para aguardar o vosso auxílio, não precipitando atitudes.

Guiai-me, Senhor, ao encontro da paz e do discernimento, pois que junto à carne esquecemos que aceitamos o desafio de abrigar no seio familiar o irmão necessitado não só do nosso perdão mas, acima de tudo, do nosso amor.

Fazei-me, Senhor, o filho amigo dos que sofrem, mostrando-me o caminho do bem servir. E apiedai-vos, Senhor, de minha fraqueza espiritual, pois às vezes não aceito a dor como caminho de bênção.

A vós, Senhor, entrego esta prece em benefício de todos os que sofrem na carne por dúvidas e problemas familiares.

Velai por eles, meu Pai, e permiti que possamos ajudá-los em todos os instantes possíveis."

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida por Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 14-5-2000.)*

## **A vida é sempre preciosa**

Haverá sempre em nossas almas lacunas profundas que não se preencham, sentimentos confusos que não se definem, aflições que não se findam, sensações estranhas de perda e de saudade de algo que não se mostra. Esse é o preço da passagem pela existência corporal. O contato com a matéria abafa as nossas lembranças, muitas das quais nos faziam sofrer sem conta na espiritualidade. É o chamado mal necessário, pois só assim conseguimos ir à frente, não estacionando corroídos pelo remorso e pela dor. Por isso, se é difícil viver na carne, muito mais o é quando nos encontramos livres dela, no plano espiritual.

É complicado ser livre se somos prisioneiros de nós mesmos.

Meus queridos irmãos, reflitamos juntos sobre isso e concluiremos que nem tudo é possível, nem tudo pode ser solucionado a contento. Devemos dar tempo ao próprio tempo para verificarmos os efeitos que de tão sutis não são percebidos.

Apenas um consolo temos: a vida continua e com ela as chances são vastas.

A incompreensão de hoje será a solução de amanhã.

A palavra mal colocada hoje será a boa-nova amanhã.

As dores serão o remédio do futuro.

A luta será a vitória de nossas almas aflitas.

A separação será a união e o acerto final, mas para isso são necessárias a dúvida, a luta, a dor do presente.

Derramemos lágrimas para não mais precisarmos sofrer pelo que se foi, pelo que se fez.

Caminhemos em busca do nosso equilíbrio, não nos esquecendo de que caminhamos juntos, mas ninguém caminha pelo outro.

Tudo passa na existência terrena; o que fica de herança são os erros e os acertos.

Busquemos, assim, os acertos para que num futuro bem próximo eliminemos de vez os erros que arrastamos ao longo das encarnações e que nos têm causado tanta aflição.

A vida é cheia de oportunidades.

Olhemos para elas e busquemos sempre a luz.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 7-5-2000.)*

## Dificuldades da parentela

Embora sejamos esclarecidos sobre as leis que regem as nossas encarnações e a formação da família corpórea, vemo-nos sempre tentados a justificar as semelhanças de caráter dos nossos familiares como se formássemos pela concepção, não apenas a carga genética, mas os esboços da personalidade.

Devemos lembrar, por isso, que não nos deve causar espanto ver em nossos lares tanta falta de afinidade, tanta cobrança, tanta dor.

Nem sempre os que se unem pelos laços do sangue pertencem à parentela espiritual.

Cabe ao colégio familiar o ajuste das arestas, na certeza de que a justiça está se operando em nossas almas e que, por enquanto, ainda necessitamos da dor para compreendermos nossos deveres e acertar nossas contas com o pretérito.

Todo aquele que crê se vê amparado por Jesus, porque ele nos brinda com oportunidades sem conta de servir e de amar.

Não nos preocupemos tanto com as escolhas individuais de nossos familiares, pois que nós também as fazemos.

Nem sempre a nossa verdade é a verdade do outro. Nem sempre a nossa meta é a meta do outro. Nem sempre nossa conduta deve ser a do outro.

Entreguemo-nos todos à justiça de nosso Pai e busquemos compreender que o familiar difícil é o lembrete de luz que nos faz buscar a Jesus.

Os laços do espírito são inquebrantáveis e a cada passo no bem somos brindados com reencontros que nos fazem bem.

Oremos por todos dizendo:

*"Pai de infinita bondade e amor. Só a tua justiça é capaz de me fazer enxergar o caminho do bem.*

*Permite, Senhor, que na luz do Evangelho de Jesus eu encontre as palavras acertadas para calar a dor e o ódio que possam me rodear. Que eu aprenda a abraçar na presente existência aquele que tanto feriu, para ter direito à paz e ao amor verdadeiro. Que eu enxergue*

*meus erros, controle minha intolerância e aprenda a aceitar o outro como ele é.*

*Oh! Pai. A ti eu entrego todas as minhas preocupações e todo o meu temor de sucumbir novamente. Que os Espíritos amigos me confortem a luta e me deem a intuição acertada para agir. Que assim seja!”*  
Que o bondoso Pai nos acolha e Jesus nos envolva hoje e sempre.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 28-5-2000.)*

## A um irmão que me pede auxílio

Estimado irmão:

À medida que a disciplina se estabelece, poderemos ajudar muitas criaturas necessitadas de uma palavra.

Como ressaltai ao amigo que me suplica luz para a solução dos seus problemas, é dando que se recebe.

Não estou ausente nos problemas deste lar, e felicito-me ao perceber que tudo será solucionado com energia e paciência.

Nada retorna.

Tudo caminha sempre à frente.

Banhemo-nos na observação feita por Abel na linda prece que proferiu na alvorada deste dia:

*"Senhor, Pai de bondade e justiça. Abençoa estes irmãos encarcerados na carne, esquecidos do compromisso perante a existência.*

*Senhor, quantos têm sucumbido ao primeiro vento contrário, mas como me alegro e te agradeço por aqueles que têm aprendido a estender as mãos socorrendo os que choram, os que caem.*

*Como tenho me alegrado ao ver tantos seres levando a mensagem de Jesus e vivendo-a de alma aberta, mesmo mergulhados em tanta violência nas ruas.*

*Eu creio em ti, meu Pai, pois sinto que após essa tempestade haverá de vir a bonança da boa-nova de Jesus. Pois muitos só se dobram quando se mutilam, só se acham quando se perdem, só se voltam a ti, meu Pai, quando sua alma traz a enfermidade contraída pelo abuso de sua liberdade.*

*Por isso confio. Por isso tenho esperança, pois que sei que todos um dia estaremos voltados para o bem e para o amor. Assim seja!"*

\*

Tenhamos, pois, confiança no Pai, pois aqueles que nos preocupam hoje estão, com certeza, na infância espiritual e não têm ainda condições de assumir responsabilidades maiores na presente existência.

Orar é preciso.  
Confiar é o caminho.  
Muita paz aos corações amados.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 25-6-2000.)*

## **A vida é plena de oportunidades**

Tenho ainda na alma uma grande preocupação que me acompanha desde a minha desencarnação: a falsa santidade atribuída a mim, um ser falível, tão cheio de dúvidas e ansioso por novas conquistas.

Oh! Como fui tolo em tantos passos cometidos!

Como sofri para não sucumbir e abandonar mais uma vez os propósitos abraçados.

É tortuosa demais a luta travada com as nossas inclinações, e eu posso afirmar que, não fosse a ajuda de Abel Gomes e Bezerra de Menezes, a distância dos seres amados, a falta de um lar, a necessidade sufocada de mãos a apertar nos momentos de solidão, o abraço querido que jamais compartilhei, nada disso teria suportado.

Somos levados a privações escolhidas pela necessidade de readquirirmos créditos perante as leis estabelecidas pelo Criador. Sei que muito tenho que aprender e, acima de tudo, agradecer, pois hoje, na espiritualidade, posso desfrutar todo o carinho que jamais recebi na carne. Tenho aqui mãos amigas que me afagam, braços que me aquecem e ouvidos que me escutam nos momentos de desilusão. Reencontrei agora os laços perdidos pelo tempo e posso estar junto do meu grupo familiar, ajudando-o na medida do possível.

O passado nos ronda, nos visita e nos causa sofrimento, mas estamos preparados para enfrentar as adversidades do caminho, porquanto temos a doutrina do amor pulsando em nossos corações.

Por causa disso, agradeço e suplico ao Pai Eterno:

*Oh! Senhor da vida. Bendita seja a luz da vossa sabedoria, o presente amor de nosso irmão maior Jesus, Mestre e Amigo de todas as horas.*

*Dai-nos força, Senhor, para compreendermos o que nos é incompreensível.*

*Dai-nos sabedoria, Senhor, para lidarmos com a ignorância, a inveja e a incompreensão.*

*Dai-nos, Senhor, as armas do amor para desarmarmos os corações petrificados e envenenados no mal.*

*Dai-nos a resignação para aceitarmos o erro humano e aprendermos a acertar em favor de todos.*

*Oh! Querido Pai, vossa mensagem é de amor e luz.*

*Que não percamos tanto tempo na dor, mas busquemos sempre o retorno da paz de que necessitamos para vencer o caminho. Que todos nós voltemos sempre os olhos para vós e nos fortaleçamos infinitamente na vossa bondade, para procurarmos retirar dos olhos, do coração e da mente tudo o que nos faz recuar diante da reforma que nos conduzirá à evolução.*

*Confiamos em vós, Pai querido, pois sem esta confiança e fé não chegaremos ao fim da jornada. Que assim seja!*

Lembre-mo-nos sempre de que o caminho é largo e a vida plena de oportunidades.

Muita paz.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta, em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, no dia 6 de agosto de 2000.)*

## Conselhos

É difícil discorrer sobre este assunto, principalmente pela banalização que os encarnados fazem desse intercâmbio. Existem vários tipos de conselhos, uns bons e, na maioria, ruins. Ruins, pois que aquele que os profere relata em palavras as deformações como enxerga a vida e as pessoas.

Na minha última estada no mundo, sofria muito ao ter de ser portador de aconselhamentos para as diversas situações do dia a dia e muitas vezes duvidei da eficácia de minhas intenções.

Saber ouvir, ponderar, é uma arte que nem todos possuem. Saber compreender as palavras que são ditas, e as entremeadas, é mais difícil ainda e, acima de tudo, compreender que, ao dar conselhos aos outros, vemos as situações por nosso prisma, que nem sempre é o mesmo daquele que vive a situação em questão.

Com essas ressalvas, visando a atingir a todos, seguem alguns conselhos oportunos.

Nunca se esqueçam de respeitar seus próprios ritmos, poupando-se à precipitação e ao erro causado pela pressa.

Nunca se esqueçam de respeitar o próximo, verificando se não o estão sobrecarregando com obrigações que lhes pertencem.

Nunca se esqueçam de observar os que os cercam e tenham sensibilidade para compreender que, como vocês, o outro também vive momentos ruins.

Nunca se esqueçam de verificar se fizeram tudo que estava ao seu alcance para melhorar as coisas, atender as pessoas, cumprir com as obrigações encarnatórias.

Nunca se esqueçam que o outro, como vocês, é cheio de necessidades e não apenas de obrigações.

E, finalizando, nunca se esqueçam de verificar com cuidado as palavras do Mestre: "Tendes feito aos outros aquilo que gostaríeis para vós mesmos?" Será? Eu questiono e completo: Cada um tem um tempo, uma história, valores comuns, e outros, não; e, acima de tudo, têm necessidades diferentes das suas, pois senão não seriam Es-

píritos individuais, mas robôs ou, modernamente dizendo, clones uns dos outros.

O melhor conselho, portanto, talvez seja: Vocês têm respeitado o próximo?

Muita paz,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 22/09/2002.)*

## **A fé é prática diária**

Que Deus permita na sua infinita misericórdia que as almas banhadas no equívoco despertem e renovem-se fazendo com que esses sugadores de energias se desliguem das almas fracas que os alimentam sem disso se darem conta.

Que estas, por sua vez, despertem igualmente, pois que, quase sem força própria, se arrastam pelos caminhos dos pensamentos descontraídos em estado de tamanha apatia, de que nasce o estado obsessivo, depressivo e melancólico.

O que falta às criaturas neutras – as vítimas dos infelizes – é, justamente, educarem-se e deixarem de ser neutras para se tornarem fervorosas na fé e no trabalho.

Não basta crer, de vez em quando orar ante o perigo iminente, ter o discurso pronto para os outros.

A fé é prática diária e exercício constante, é construção no bem, é testemunho diante do sofrimento.

Infelizmente sofrem as criaturas muitas decepções, mas basta olhar em volta e ver o que é importante realmente, plantando hoje com a certeza e a fé no amanhã.

Rogo a Deus e Jesus que de seus lábios não saia o ressentimento vingativo, que a dor profunda não os torne amargos ou descrentes.

Entreguem os problemas sem solução para Deus, trabalhem, estudem, dediquem-se ao próximo e, no momento certo, virão as soluções.

Existem sementes boas a germinar, basta saber esperar.

E fica, ainda, o lembrete:

Aquele que conhece as verdades da vida espiritual tem o compromisso dos passos no acerto, a crença no futuro, a confiança no aprendizado.

Vivam com responsabilidade, vigiando os pensamentos infelizes, e não sendo hospedeiros de irmãos infelizes que desejam arrastá-los à derrocada moral.

Confiem.

Jesus os ama e os acolhe.

Muita paz,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 17/11/2002.)*

## Sempre é tempo de renovação

No caminho que trilhamos por nossos próprios pés, escolhendo ali e aqui a direção que nos agrada, muitas vezes cometemos erros graves que necessitam de reparação imediata, e em outras ocasiões a falta é tão grande que só o tempo poderá proporcionar a reabilitação.

O caminho da existência atual é recheado desses resgates necessários.

O tempo e a sabedoria que dele advém estabelecem o distanciamento necessário que permite à criatura viver seus valores e conceitos.

Com o desejo de me fazer mais claro, contarei uma história.

Havia um senhor, dono de grande fortuna distribuída em terras e animais. Ele despendia um esforço grandioso para cuidar de tudo o que acumulava a cada dia.

Passavam os dias, os anos e, aos poucos, uma inquietação apoderou-se de sua alma.

Não possuía amigos, mas servos.

Não possuía sentimentos, mas apenas objetos.

Resolvera tardiamente recheiar a vida de amor.

Não sabia ser gentil, era rude demais para isso.

Certo dia surge-lhe na porta uma doce criança, filha de um empregado, a qual lhe sorria, e na inocência daquele olhar ele vira acender a esperança.

Como aluno aplicado, reviveu seu tempo de inocência e compreendeu a razão do seu endurecimento e rejeição às pessoas ao longo dos anos.

Voltou atrás e desejou reescrever sua história. Como isso não era possível, escreveu os últimos tempos de uma forma majestosa.

Portanto, é sempre tempo para reescrevermos nossa história, parando, analisando e mudando o foco e os objetivos da vida. Poucas coisas são importantes nesta jornada e a maior delas, sem dúvida, é o esforço no bem, buscando retomar os laços perdidos pelo orgulho, abandonados pelo desamor.

Que o exemplo de Jesus cale fundo aos corações e lembrem: sempre é tempo para a renovação e para o amor verdadeiro.  
Muita paz,

Padre Vítor

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 16/06/2002.)*

## Ante as inquietações da alma

Caía a noite e, com ela, o silêncio, o momento de meditação. Já trazia o corpo doente e os anos pesavam, demonstrando que a carcaça dava sinais de falência.

Minha mente, sempre inquieta, jamais parava de pensar. Sempre fui muito ansioso. Dormia pensando no dia seguinte, emendava um projeto no outro, numa busca constante do acerto.

Muitas vezes advertido, tanto no corpo material quanto na vida espiritual, buscava a serenidade, a ponderação. Mas como isso é complicado!

Sempre fui agitado e ávido do tempo. Com os tropeços e insucessos aprendi, mais tarde, que devemos cuidar de uma coisa de cada vez, um dia após o outro. Hoje percebo com clareza que sofremos muito por esse estado de alma, em que temos pressa demais ou remoemos lembranças inteiras de fatos ruins.

Faz-se, pois, urgente uma tomada de reflexão. Indispensável contar com instantes de serenidade, momentos de reflexão.

Nas minhas lutas para banir o passado de erros, ouvia sempre: "Comece pelo alicerce, fortaleça as estruturas, sedimente a casa, para depois ornamentá-la".

Portanto, fiquem aqui registradas minhas recomendações sobre as inquietações da alma.

Se algo está ruim, procure torná-lo bom. Se o coração está cheio de mágoa, encha-o de lembranças boas. Se a consciência se volta para o remorso, trabalhe reparando as faltas.

Se sente o gosto amargo da falsidade das criaturas, siga revendo e retribuindo a verdade.

Não se deixe envenenar pela ira, pela indiferença. Comova-se com a vida, lute por ela.

Escute o irmão, esclareça o revoltado, trabalhe, trabalhe e trabalhe, preenchendo o tempo ocioso, transformando-o em luz.

Se cair, levante-se.

Se se machucar, cure-se.

Em vez de chorar, sorria.

Jesus tem sempre os braços estendidos para nós e nos conduz ao caminho da paz.  
Esperança e luz.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 13/12/2003.)*

### O caminho dos vícios é tentador

*"Que Deus, na sua infinita misericórdia, possa envolver a todos os que sofrem e os que causam o sofrimento. Que o seu amor cale fundo nas almas perdidas no vício e no orgulho e, em breve, sopra o vento da renovação do acerto e do crescimento espiritual. Mas tenhamos pressa. Os passos da mudança são lentos e dependem muito da criatura que vem sempre buscar forças para a renovação.*

*O caminho dos vícios é tentador e falsamente feliz, e num mundo ainda tão empobrecido de evolução chega a ser, como muitos equivocadamente imaginam, uma boa escolha de viver.*

*Ainda soa na Terra como utopia a bondade, e a luz de Jesus é colocada em um pedestal como algo inatingível, conquanto seja ela a única coisa que pode, milagrosamente, curar, renovar, refazer as criaturas.*

*As mudanças são individuais, o crescimento se faz nas escolhas e na luta por dias melhores. Enquanto Jesus for visto como herói e não como modelo, o sofrimento de muitos se estenderá.*

*Busquemos a nossa parte trabalhando com afinco pelo nosso aprimoramento espiritual."*

Com estas palavras se encerrou a reunião realizada em certa manhã, em que ouvimos um amigo de grande sabedoria espiritual, o irmão Carlos, chefe do departamento doutrinário de nossa colônia espiritual.

Ao sairmos dali, eu e José nos olhamos pensativos, e então lhe disse:

– Isso calou fundo em mim, porque sempre busquei mostrar esse aspecto de Jesus, mas me faltavam as palavras. Sempre me incomodou a veneração exagerada, quando na realidade ele nos quis e nos quer despojados de qualquer idolatria, simples e generosos.

– Consideremos, também – observou José –, que o mesmo ocorre com os Espíritos amigos que deixaram sua marca na carne. São considerados como Jesus, seres à parte na criação. E somos todos criados da mesma forma, para o mesmo fim.

“Sabe, Vítor, algo venho aprendendo ao longo desses anos como desencarnado. Ainda impomos muitas condições ao bem, por ser mais prazeroso o erro das horas vazias. Ainda ecoa graciosamente no coração o desejo da projeção social, não importando os meios. O amor universal ainda é o segundo plano dos encarnados; a necessidade material supera a espiritual por um simples motivo: ser reto, ser decente é muito difícil. Com tantos apelos, ainda se busca o apontamento dos feitos, não se consegue servir sem olhar a quem ou sem se colocar à frente. Mas tenho fé, tenho esperança que o trabalho de alguns que já estão despertos influencie os adormecidos.”

\*

Que o amor que educa dê fim ao amargor de muitos e traga ventos novos e a busca de Jesus.

Confiemos sempre e façamos a nossa parte, crendo que um dia todos seremos felizes.

Muita paz,

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 10/11/2002.)*

### Os obstáculos que criamos

*"Muitas vezes nos esbarramos com os obstáculos criados por nós mesmos, que são eles frutos da vaidade e do orgulho desenfreado. Ainda temos necessidade do espetáculo em que, como atores famosos, nos apresentamos como vítimas, ou como mártires até, de uma situação de profunda tristeza ou amargura. Estamos num estágio vibratório onde o sorriso e a alegria têm menos público do que o drama.*

*As criaturas ainda necessitam do comando, da posição, sentindo-se diminuídas pela simplicidade ou pelo anonimato. Usam suas dores e frustrações como pano de fundo e executam espetáculos patéticos com sua falsa transformação moral. É tempo de crescer, é hora de evangelizar-se.*

*Ah!, se todos se conscientizassem das verdades do universo, do sentido da existência, quantas coisas deixariam para trás, quanto caminho produtivo, quanta luz daí emanariam!*

*A mensagem do Mestre até hoje está pouco compreendida e está mal divulgada. Neutralizar o ódio com amor só é possível com sentimento real de vontade no bem.*

*Que o Pai nos ilumine e nos convoque à verdade, sempre e sempre."*

Essas foram as palavras do irmão Mauro, que coordenava o estudo da noite. Refletindo sobre elas passei os olhos por minha caminhada e profunda preocupação me acompanhara as conclusões. Revi minhas barreiras e percebi que as que derrubei só foram vencidas a partir do instante em que percebi que eu nada era e que deveria ficar alerta quanto às demandas da vaidade. Concluí então, após longa reflexão, que no trabalho pela aquisição do equilíbrio devemos lembrar constantemente que estamos, e não somos, *aquela* ou *esta* situação, que a nossa essência espiritual precisa ser despertada, que deve nascer amor de nossa alma, que devemos cultivar o perdão das faltas alheias e, acima de tudo, cultivar o desapego de tudo e de todos. Tudo passa na vida, até mesmo as criaturas; o que fica são os sentimentos.

Não existe solidão, nós é que a produzimos. Não existem dificuldades, nós é que as criamos. Não existem divergências eternas, o que existe são vaidades desenfreadas.

Jesus nos deu a receita para a nossa cura: *Amai os vossos inimigos, perdoai as suas faltas e segui em frente.* E o maior inimigo de cada um de nós é o nosso passado espiritual, tão cravado na culpa e no equívoco.

Busquemos a luz e a paz e veremos como as coisas grandes se tornam pequenas e como de pequenos nos tornamos grandes, em forma de equilíbrio e de amor verdadeiro.

Padre Vítor

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 8/11/2003.)*

### **Sem luta e sem esforço não se avança**

Mergulhado em meus pensamentos, refletia sobre as dificuldades da alma em desligar-se das coisas deixadas no corpo. Quanto sofrimento plantado, dificultando sua ascensão ao equilíbrio necessário para se sentir um Espírito livre da densa carga corpórea!

Lembrava-me das criaturas que vinha socorrendo, ou melhor, tentando socorrer. Recordei-me então da velha batina, do confessorário, onde lutei arduamente pela generosidade dos corações, e me vinham à memória a lembrança do abuso da riqueza, a soberba, a sensação de superioridade dos bem-nascidos e a indignação, a revolta dos desafortunados.

Com o tempo, já havia compreendido que, na verdade, era o amadurecimento do Espírito e não a sua condição terrena que lhe dava o brilho ou um aspecto tão pálido e ruim.

Deus, na sua infinita bondade, sempre permite a lição que se faz tantas vezes necessária. E nós, criaturas tão inferiores, tão mergulhadas, ainda, nos equívocos da vida, perdemos constantemente a chance do crescimento, da luz.

Ficaria feliz se pudesse influenciar a todos com a certeza de que o sofrimento e a privação não são castigos de Deus, mas o passaporte para a felicidade, e que as relações na carne, no meio em que nascem, os esforços pelo sustento, a ação na caridade, o aprendizado contínuo devem firmar-se na união, jamais na desunião.

Dons de diferentes naturezas não devem ser exibidos como troféus, mas encarados com responsabilidade, cada um com o seu papel, um se unindo ao outro no intento de formarem uma corrente de produtividade e serviço na seara de Jesus.

Uma terra sem lei é campo de muitas trevas. Os homens necessitam ainda do concurso de leis que eles precisam observar, porque a alma ainda se corrompe pelas paixões, ainda se ressentida das pequenas coisas, ainda se importa com o que, em verdade, não merece importância.

Busquemos Jesus, busquemos a oração e, confiantes, façamos todos o melhor hoje, aprimorando-o no amanhã, enriquecendo-o no futuro

e assim buscando a seara de Jesus, tendo a felicidade como recompensa.

Poucas coisas valem realmente a pena.

Busquem-nas e tenham paz na jornada despojando-se do apego, pois que a vida no corpo é escola e não uma viagem de férias.

Sem luta, sem muito esforço, não resgataremos nossos débitos com o Criador.

Lutemos então.

Padre Vítor

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 7/06/2003.)*

### Como os Espíritos nos ajudam

Por maiores que sejam as dificuldades que se nos apresentem, nunca devemos abandonar o barco ou simplesmente tomá-las como justificativa para a fuga às nossas responsabilidades.

Essa foi a advertência direta que recebi, para jamais esquecer, de Abel Gomes em um trabalho socorrista.

Mas vamos ao caso.

Havíamos sido incumbidos de atender um lar no interior de São Paulo, onde coisas estranhas ocorriam a uma família de classe média.

Tratava-se de um casal com três filhos adolescentes e uma senhora idosa. O filho do meio, o jovem Pedro, vinha sofrendo com estranhas reações físicas. Amanhecia coberto de feridas e mariposas a sugá-las como a sorver um mel. A bondosa mãezinha, em desespero, fazia de tudo para buscar as soluções. Usava unguentos, dava-lhe banhos, mas tudo fazia a situação piorar.

Certo dia, um jovem estudante de Medicina, de boa vontade e sentimentos cristãos, que perto dali residia, bateu à porta e ofereceu-se para ver o rapaz. Ele já era então residente em dermatologia e, espantado com o caso, conquanto não o demonstrasse, foi pesquisar o assunto. O rapaz era muito religioso e possuía uma fé muito grande em Bezerra de Menezes. Não compreendia bem o mecanismo do socorro espiritual, mas trazia noções sobre o intercâmbio entre os dois mundos.

Voltado à sua pesquisa, certo dia recorreu à oração e, fervorosamente, pediu a Bezerra inspiração.

Dizia ele:

“Bondoso ser, devotado servidor do Criador, inspira-me porquanto o quadro do jovem Pedro me revela um mistério que somente os bondosos anjos do Senhor podem desvendar. Socorre-me e ajuda-me, meu Senhor; vivo ouvindo histórias dos teus feitos. Inspira-me!”

A prece tão sincera foi recebida e encaminhada para a equipe de socorro. De início nos sentimos com muitas dificuldades por não sabermos o que fazer. Mas, depois de recebermos algumas advertências, partimos em busca do socorro.

Dona Maria, bondosa e abnegada, prostrou-se ao lado do jovem e, emitindo fluidos salutares sobre as feridas de Pedro, amenizou a sua dor. José e eu iniciamos então a necessária sondagem para verificarmos a questão, se era física ou espiritual.

Junto a nós, João Modesto, velho curandeiro do interior do Espírito Santo, profundo conhecedor das ervas, ali se colocava a nos ajudar. Percebemos então que havia uma corrente fluídica junto do Pedro, emanada de entidade muito debilitada que praticamente se acoplara ao plexo torácico do jovem. Era de aparência jovem, mas trazia profundo sofrimento derivado das impressões de desencarne doloroso. Acercando-se do Espírito, com muito carinho, João o convidou a vir para curar as feridas.

Dona Maria o envolveu, e mais que depressa socorremos ambos os companheiros e retiramos dali a entidade, que desencarnara durante a 2ª Grande Guerra em condições de privações físicas, corroído por insetos. Tendo sido ele companheiro do jovem Pedro e muito ligado a ele, buscou-o, não por maldade, mas por afinidade espiritual.

O trauma de guerra lhe ficara preso no inconsciente por longo período e Pedro, no desdobramento do sono, buscava o velho amigo, inconformado com o seu desaparecimento. A encarnação que Pedro iniciara nesta existência tinha o objetivo de abrandar as recordações daquela outra de tamanha dor, na qual, colocado na frente de batalha, morrera na flor da idade.

À medida que tratávamos o Espírito, as condições de Pedro melhoravam, quebrando também a ligação fluídica entre ele e o amigo do passado.

O físico danificado fora medicado pelo jovem médico, que, com o olhar nos dois mundos, percebia que algo de sobrenatural agia em favor do enfermo.

Os anos passaram, todos tomaram rumo novo e Pedro recebeu em seu lar o jovem Pierre, como filho amado. É uma criança com sérios problemas de saúde, mas muito feliz e amada.

O jovem médico, hoje um famoso dermatologista, continua sua jornada, recorrendo sempre ao bondoso irmão Bezerra no diagnóstico e solução de seus casos. Temos desse modo trabalhado com ele quando incumbidos de auxiliá-lo, o que fazemos com muito prazer.

Assim é com todos os que apelam sinceramente à ajuda da espiritualidade, mesmo sem compreender os mecanismos que ligam os dois mundos.

Padre Vítor

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 4/10/2003.)*

### É preciso revestir a vida de alegria

*"Deus, na sua infinita misericórdia, não desampara ninguém nem tampouco violentamente se vira contra os seus filhos castigando-os por seus erros. Deus é infinitamente bom e generoso, e nos criou para a perfeição e não para a perdição."*

Meus queridos irmãos, iniciei assim um belo sermão que me ficou gravado na memória e me trouxe bons problemas com meus superiores.

Diziam-me eles que com essas afirmativas incitava os fiéis a uma retomada pessoal e, com isso, as promessas seriam menores. Mantive-me, porém, firme nas minhas ideias e por rebeldia iniciei um caminho de pregações buscando a reabilitação íntima dos meus amados fiéis. Contava-lhes que Deus é amor, é alegria, é sinceridade. Falava de Jesus e do seu trabalho de evangelizador de almas, de homem despedido de preconceitos.

Numa dessas pregações, ao final da missa, uma jovem senhora aguardou-me na saída e interpelou-me, sem tempo para fôlego algum:

– Se o que dizes é verdade, meu padre, devo me desobrigar da promessa de minha mãe?

Olhei-a buscando atingir seu íntimo. Era jovem, bonita, mas trajava-se de preto fechado. Contava trinta anos. Sempre a notara alheia nas missas e procissões. Pensava que fosse viúva.

Ela contou-me então a sua história: sua mãe, abandonada pelo marido ainda jovem, revoltada e infeliz, prometera vestir-se de preto, tanto quanto a filha, pela vida inteira, evitando a esta a infelicidade vivida, com o que buscava afugentar eventuais pretendentes.

Mudou-se para Aparecida e fazia parte da promessa a condição de sustentar a ambas com renda suficiente. Sua genitora era florista bastante requisitada na cidade pelos belos arranjos que fazia. A jovem crescera em luto e, devido a isso, não tinha amigos nem tinha alegria. A mãe morrera fazia poucos meses fazendo-a jurar que cumpriria sua promessa.

Lágrimas grossas desciam pela face da jovem. Ela não necessitava de proventos porque continuava a lide da mãe. Tinha casa própria e economias guardadas. Tomei-lhe então as mãos e lhe disse:

– Minha querida Tânia, você não é responsável pelas promessas maternas e está, por isso mesmo, livre do cativo familiar. Com certeza você impôs a si mesma perante a vida essa prova. A vida é cheia delas e devemos saber superá-las. Vista-se de alegria, de cor e de luz. Sua mãe errou por egoísmo e amor doentio. Faça flores lindas e em cada uma inspire-se e agradeça a Deus pela eliminação de seu cárcere.

Chorando, a jovem beijou-me as mãos, prometendo voltar em ocasião propícia.

Passaram-se os dias e me alegrei muito ao vê-la toda de branco, com enfeites coloridos na mão e cabelos. Participava da missa e, aos poucos, iniciara um trabalho com as crianças e jovens da comunidade. Sempre ornamentava o túmulo da mãe com belas flores coloridas e dizia-me que do outro lado da vida talvez ela pudesse recobrar a noção de como é necessário perdoar as faltas e apreciar as belezas do Senhor.

Tânia foi um exemplo de resignação e amor. Nos dias finais de minha existência terrena foi uma visita constante e ainda pude abençoar o seu enlace com um jovem senhor da cidade.

Muitos são, como podemos ver, os queixumes de cada um; muitas são as provas a que nos submetemos, mas a sabedoria está na reação e nos atos de cada um.

Muita paz,

Padre Vítor

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 04/08/2002.)*

## **Despertemos enquanto é tempo**

Em alguns momentos, como fazia quando encarnado, saio a vagar em busca de um canto para refletir. Ali em comunhão com Deus, reflito e pondero minhas ações e coisas a fazer. Mergulhado em profundas reflexões, desperta-me um cântico vindo de perto.

Era uma jovem mulher com roupa bem alva que corria na grama a cantar. Observei-a de longe, apreciando sua linda voz. Ela, ao me ver, acenou de longe e, com um sinal, pediu que me aproximasse.

Clara era o seu nome. Após as apresentações me falou do seu trabalho na colônia espiritual. Fora criada sob rígidos costumes religiosos na última encarnação. Luterana convicta, desencarnou acreditando nos preceitos estabelecidos pelas interpretações dadas pelo pai, pastor, e pela mãe, missionária.

Contraíra leucemia quando adolescente. Curada, dedicou a vida a pregar pela música. Contou-me que via Espíritos nos cultos e em casa, porém, diante da rigidez da família, jamais o revelou a ninguém. Formara uma família repleta de sobrinhos, mas não tivera filhos, pois o corpo físico, frágil demais, não o permitira. Casou-se com um irmão da congregação, viúvo e cheio de filhos, e os criou com desvelado amor.

Voltara à pátria espiritual já madura. Sofrera com as verdades desmentidas e, com esforço, adaptou-se à nova realidade.

Desempenha hoje um papel de socorrista de almas que, assim como ela, acreditavam no dia do juízo, quando todos despertariam e seriam encaminhados à vida eterna.

Como gostei daquele encontro e por haver conhecido uma alma tão boa que escolheu ajudar irmãos mergulhados no fanatismo, ficando claro que, muitas vezes, é mais rápida a adaptação de almas assim do que daquelas que conviveram com os Espíritos enquanto encarnadas!

Não somos medidos pelo conhecimento que ostentamos, mas sim por nossos sentimentos e valores.

Que serventia há em crer na imortalidade se muitos vivem e agem como se a vida terrena fosse única?

Que serventia têm os esclarecimentos espirituais se a soberba e a vaidade constituem os traços de nossas ações?

Arrependimento e remorso são taças amargas a server.

Despertemos enquanto é tempo, modificando as nossas ações e buscando Jesus na intimidade da alma.

Padre Vítor.

*(Mensagem recebida pela médium Ana Paula Cazetta em reunião de preces realizada em São José do Rio Preto-SP, em 31/01/2004.)*

## Terceira Parte

### NOTAS BIOGRÁFICAS E APONTAMENTOS DIVERSOS

#### 1

#### **Dados biográficos do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes**

Adolfo Bezerra de Menezes, considerado por muitos o vulto mais importante da história do movimento espírita brasileiro, nasceu em 29 de agosto de 1831 em Riacho do Sangue (CE).

Os Bezerras de Menezes, cujo tronco tem suas raízes em *Domingos, o Velho*, descendem do português Bento Rodrigues da Costa e Simôa Bezerra, com origem no longínquo ano de 1535, quando seus ancestrais chegaram ao Brasil, procedentes de Portugal.

Sua mãe chamou-se Fabiana de Jesus Maria Bezerra. Seu pai, Antônio Bezerra de Menezes, foi capitão das antigas milícias e tenente-coronel da Guarda Nacional. Seu avô paterno, coronel Antônio Bezerra de Souza e Menezes, participou da insurreição de 1824, conhecida como Confederação do Equador, tendo sido, por esse fato, condenado à morte, pena convertida depois para prisão perpétua.

Bezerra de Menezes iniciou o curso primário aos 7 anos de idade, na Vila do Frade, e já aos 13 anos, na própria escola onde estudava, passou a ensinar o latim. Coursou o Liceu do Ceará e seguiu então para o Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1845, quando contava apenas 14 anos de idade.

Formou-se em Medicina em 1856, graças às aulas de filosofia e matemática que ministrava, as quais lhe asseguravam a manutenção.

Em 1852 ingressou como interno no Hospital da Misericórdia, sob a chefia do cirurgião Conselheiro Manuel Feliciano, do qual mais tarde foi assistente ao exercer as funções de cirurgião no Exército.

No ano seguinte à sua formatura, em 1857, tomou posse na Academia Imperial de Medicina, casando-se um ano depois, em 6 de novembro de 1858, com Maria Cândida de Lacerda, que lhe deu dois filhos.

Com o falecimento da esposa, casou-se segunda vez, em 1865, com Cândida Augusta Lacerda Machado, com quem teve sete filhos.

Católico até o ano de 1879, Bezerra tornou-se espírita e mais tarde presidente da Federação Espírita Brasileira.

De 1886 a 1893 manteve uma coluna sobre Espiritismo no jornal "*O Paiz*".

Foi autor de uma dúzia de livros espíritas, dentre os quais se destacam: "A Loucura sob Novo Prisma", "A Casa Assombrada", "Espiritismo (Estudos Filosóficos)", "Evangelho do Futuro", "Lázaro, o Leproso" e "A Doutrina Espírita como Doutrina Teogônica".

Bezerra de Menezes teve atuação marcante como deputado federal de 1867 a 1885, embora jamais tivesse deixado de exercer a profissão de médico, na qual se destacou a tal ponto que a população do Rio de Janeiro outorgou-lhe o sugestivo título de "o médico dos pobres".

Seu falecimento ocorreu em 11 de abril de 1900, às 11h30.

Bezerra morreu tão pobre – seu consultório estava sempre cheio de indigentes – que foi preciso constituir uma comissão, presidida por Quintino Bocaiúva, para angariar donativos com vistas a possibilitar a manutenção de sua família.

De Paris, comentando o falecimento do inolvidável companheiro, Léon Denis afirmou que o luto não era apenas do Brasil, enquanto Quintino Bocaiúva retratava, no jornal "*O Paiz*", a consternação geral causada pela desencarnação do "médico dos pobres", dizendo: *"Eram os pobres, os humildes e necessitados, no anonimato de sua condição em que, não raro, brilham excelsas virtudes, que lhe iam render o tributo da saudade e o reconhecimento, conquistado a golpes de bondade, e cujos soluços e lamentações se confundiam com os da pobre família desolada"*.

## **Abel Gomes, sua vida e sua obra**

Nascido em Minas Gerais a 30 de dezembro de 1877 na antiga cidade de Conceição do Turvo, hoje Senador Firmino, e falecido a 16 de agosto de 1934, no Porto de Santo Antônio, Abel Gomes foi professor, jornalista, cronista e poeta.

Propagandista valoroso e devotado do Espiritismo e do Esperanto, legou à literatura pátria páginas cheias de beleza e simplicidade e – o que é muito mais importante – viveu uma vida de exemplos evangélicos.

Abel ficou impossibilitado de andar aos 25 anos de idade, quando foi acometido por pertinaz e progressiva paralisia que lhe imobilizou as pernas. Levado a uma cadeira de rodas, continuou, no entanto, a produzir como poucos e jamais deixou de trabalhar.

Exerceu a profissão de professor e de contabilista em várias firmas comerciais. Com a paralisia, devido às dificuldades de locomoção, começou a trabalhar em sua própria residência, como alfaiate e fotógrafo, e nas horas de lazer ensinava música aos jovens da cidade.

No ano de 1928, em companhia de outros denodados seareiros, fundou no Porto de Santo Antônio o Grupo Espírita Luz e Trabalho, a primeira instituição da localidade, a qual teve, no entanto, vida efêmera.

No dia 2 de julho de 1933, coadjuvado por doze companheiros, fundou novo Centro Espírita, dando-lhe o nome do primeiro. Após o seu falecimento, a Casa passou a chamar-se Cabana Espírita Abel Gomes. Anos depois, o educandário espírita destinado ao amparo e acolhimento de meninas órfãs, fundado na mesma cidade em 2 de julho de 1942, recebeu o nome de Fundação Espírita Abel Gomes, que é a entidade promotora e sede de uma das mais antigas Semanas Espíritas realizadas no País, as quais ali se repetem anualmente no mês de julho.

Poliglota, Abel dominava bem o português, o francês, o castelhano e o italiano, e conhecia razoavelmente o grego e o latim. Dedicado às letras, deixou numerosas obras, das quais se destacam: *Braz Pires*; *A Felicidade*, obra publicada em 1940 pela Federação Espírita Brasilei-

ra; e *Pérolas Ocultas e Fatos e Comentários*, também publicada pela FEB, em 1943.

Tio do conhecido esperantista e confrade Ismael Gomes Braga, foi Abel – em espírito – quem pela primeira vez falou ao sobrinho sobre a importância do triângulo *Evangelho/Espiritismo/Esperanto*, a cuja divulgação Ismael Gomes Braga dedicou sua última existência.

Sobre sua iniciação no Espiritismo, revela Abel Gomes:

“Eu era moço ao abrir *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e o *Evangelho*, de Allan Kardec. Ainda sob as impressões dos 24 anos, cérebro cheio de esperanças e fantasias, era cedo demais para dar combate à descrença que me procurava dominar, ao reconhecer que me não satisfaziam os dogmas de Roma. Ao aproximar-me dos 30 anos, iniciei novamente o estudo do Espiritismo, que tornei a interromper por motivos justos, volvendo a abrir aqueles livros uns meses depois.”

Abel integra também, como um dos autores, o livro *Parnaso de Além-Túmulo*, editado pela Federação Espírita Brasileira, do qual participa com dois sonetos: “*Temos Jesus*” e “*Morte*”, psicografados por Francisco Cândido Xavier.

É ainda de sua lavra a mensagem *Notícias*, que integra a obra “*Falando à Terra*”, publicada em 1951 pela Federação Espírita Brasileira e igualmente psicografada por Francisco Cândido Xavier.

### **A médium Anita Borela de Oliveira**

Ana Borela de Oliveira – ou Anita Borela, como é mais conhecida – é um dos grandes vultos do Espiritismo da Zona da Mata de Minas Gerais, onde se destacou por sua bondade, pelo amor que dedicava aos seres humanos e pela imensa abnegação com que se entregou ao trabalho em prol dos desvalidos.

Sua vida tem lances de heroísmo, sacrifício e renúncia que evidenciam a grandeza do seu Espírito e a firmeza da sua fé espírita.

Anita nasceu em Leopoldina (MG) em 5 de janeiro de 1909, sendo filha de italianos. Em 1927, quando contava 18 anos, casou-se com A.O., passando a residir na vizinha cidade de Astolfo Dutra (MG), na época um pequeno distrito chamado Porto de Santo Antônio.

Seu marido tornou-se espírita em 1932 e ela admirou-se com sua transformação e com as ideias novas que esposava. Em breve, porém, ele e toda a pequena comunidade espírita da cidade passaram a sofrer violenta perseguição do clero local, suportada bravamente por eles, com paciência e humildade.

Era tão grande a firmeza que demonstravam, que Anita, solidarizando-se com eles, passou a defender e ao mesmo tempo a admirar profundamente o Espiritismo. É que intimamente ela, embora não o soubesse, já era espírita.

Sendo muito sensível às injustiças e aos sofrimentos, era possuidora de uma energia inquebrantável. Quando alguns católicos mais extremados começaram a apedrejar a sua casa, nos dias de procissão, reunia os filhos (alguns ainda bem pequenos) e ia com eles para a varanda da casa, disposta a enfrentar na própria face o apodo e a afronta, em nome da fé que já então esposava de todo o coração.

Por essa ocasião a mediunidade de Anita aflorou com um potencial que expressava bem as suas aquisições espirituais do pretérito. Intuição, audição, vidência, psicofonia, cura, psicografia, efeitos físicos, desdobramento, eis as faculdades que passou a exercer com a responsabilidade de quem entendia a própria missão.

Em pouco tempo o seu amor pelos semelhantes a tornou conhecida e procurada pelos necessitados de toda a sorte, que encontravam na sua presença o alívio, o consolo e a cura.

Anita era muito solicitada nos casos de desaparecimento de pessoas. Ao se inteirar do nome daquele que estava sendo procurado, fechava os olhos e com toda a naturalidade descrevia a pessoa desaparecida e o local onde se encontrava.

Quando havia um afogamento no rio Pomba, o Sr. Durval, velho canoieiro do Porto, ia primeiro ao encontro dela para que descrevesse a posição do corpo e o lugar em que estava.

Desde que se tornou espírita, pouco antes do falecimento de Abel Gomes, ocorrido em 1934, Anita passou a frequentar com assiduidade a Cabana Espírita Abel Gomes, que funcionava com outro nome, porque esse só lhe foi dado após a desencarnação de Abel.

Em 1950, Anita não estava fisicamente bem. Com 11 filhos e inúmeros afazeres, seu estado de saúde agravou-se com o surgimento de uma nova gravidez, o que não a impediu de continuar suas tarefas no lar e no Centro.

No dia 8 de maio de 1950, à noite, seu coração não resistiu e Anita partiu, contando somente 41 anos de idade e deixando uma lacuna enorme no movimento espírita da cidade, onde já funcionava, além da Cabana, a Fundação Espírita Abel Gomes, o lar para meninas órfãs construído sob a sua inspiração.

Em Astolfo Dutra, Cataguases, Londrina e Leopoldina existem Casas espíritas que trazem no seu frontispício o nome Anita Borela de Oliveira, que foi também dado ao Círculo de Leitura mantido pela Comunhão Espírita Cristã de Londrina desde o mês de junho de 1996.

## Breve histórico da Fundação Espírita Abel Gomes

Na Zona da Mata de Minas Gerais, na cidade de Astolfo Dutra, situada a 90 km de Juiz de Fora (MG), ergue-se uma instituição que os portuenses – vocábulo que designa os nascidos no município – conhecem e estimam muito: a Fundação Espírita “Abel Gomes”, educandário para meninas órfãs fundado em 2 de julho de 1942 e que já encaminhou para a vida, nestes quase 60 anos de existência, mais de 200 crianças, muitas das quais são hoje mães e até avós.

A instituição surgiu no momento em que ocorria na cidade um clima de acentuado preconceito religioso. O movimento espírita reduzia-se ali, na década de 40, à Cabana Espírita Abel Gomes, entidade que, apesar do nome *cabana*, sempre se guiou pela obra de Allan Kardec e teve a orientação de Abel Gomes, seu fundador e pioneiro espírita na região.

Abel tivera seu nome lembrado para figurar numa das ruas da cidade. Sua condição de espírita descontentou os meios católicos mais radicais, que pressionaram as autoridades a revogar o ato.

Abel já havia retornado à pátria espiritual e, numa mensagem mediúnica dirigida aos espíritas portuenses, advertiu-os nos seguintes termos:

*"Por que esse aborrecimento por motivo de nome de rua? Isto não justifica esse estado de revolta. O campo para o trabalho dignificante é imenso; ponham-se à reflexão e vejam quanta coisa a bem dos semelhantes vocês podem fazer, sem que haja contendas desnecessárias."*

Em face dessa mensagem, os pioneiros do Espiritismo na cidade puseram-se a meditar e surgiu a ideia da criação de um Asilo de amparo à velhice e uma Casa de amparo às crianças órfãs desvalidas. Eufóricos com a ideia, puseram-se ao trabalho.

Em 1940 o casal Germano Rodrigues Leite e Elvira Demolin Leite deu um donativo de Cr\$ 20.000,00, que se destinou à compra do terreno. Em 1944, após a elaboração dos planos e o registro da associação, as obras deslançaram, com a inauguração parcial prevista para 25 de dezembro do mesmo ano, o que de fato ocorreu.

A denominação sugerida e por todos aceita foi Fundação Espírita “Abel Gomes”. A diretoria na fase de início da construção foi composta por Astolfo Olegário de Oliveira <sup>(15)</sup>, presidente, Orestes Gomes Braga, vice-presidente, Mário Vitoriano, secretário, e Antônio Braga Neto, tesoureiro.

Da Comissão de estudos e pareceres, além de muitos confrades portuenses, participava a primeira moça espírita da cidade, Maria Salomé Pires, mais conhecida pelo apelido de Dona Menina.

A prioridade inicial foi a construção da Casa de amparo às meninas órfãs. Depois de muito esforço e dificuldades de toda a ordem, construiu-se a sede da Fundação, seguida mais tarde do Pavilhão-Escola “David Pais dos Santos”.

Inaugurada parcialmente a instituição em 25 de dezembro de 1944, as primeiras internas foram admitidas na gestão de Antônio Braga e Anita Borela de Oliveira, quando a Fundação passou a contar, na administração interna da Casa, com o casal Isaura e Manoel Martins Guimarães, que deixaram de lado todas as aspirações de conquistas no campo profissional, para dedicar-se por inteiro à obra de cuidar, como verdadeiros pais substitutos, das meninas internas.

Fim

---

<sup>15</sup> Astolfo Olegário de Oliveira é o mesmo A.O. mencionado tantas vezes por Padre Vítor em suas *Memórias*. O município de Astolfo Dutra (MG), antes Porto de Santo Antônio, recebeu esse nome por ocasião de sua emancipação política, ocorrida em 1939, em homenagem a um vulto preeminente ligado à história de Cataguases (MG), município vizinho a que o Porto de Santo Antônio pertencera até então na condição de distrito. (Nota da Editora.)